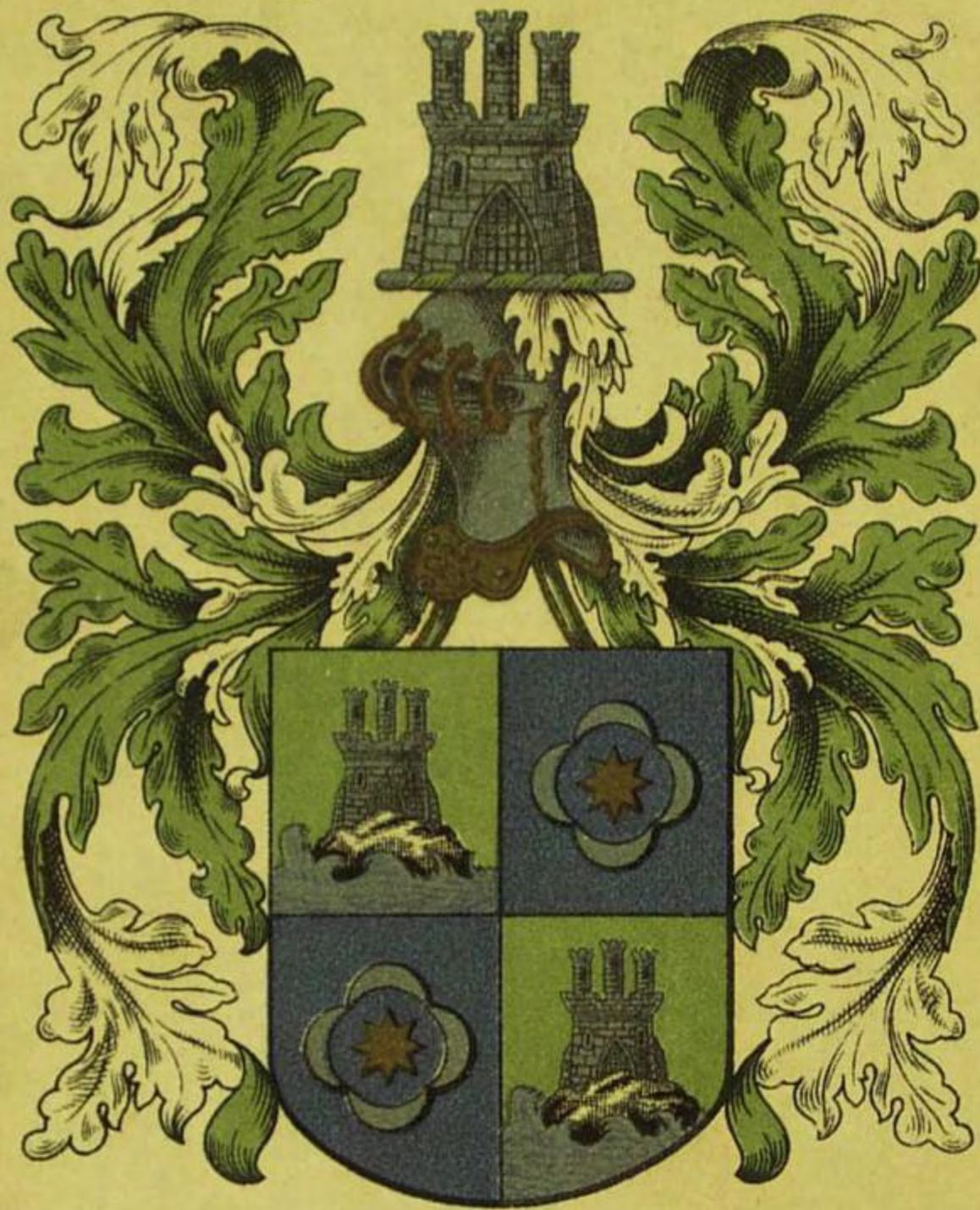


Honsem de Mello

ESBOÇOS
BIOGRAPHICOS

3

Ex libris



Carvalho Franco

Horacio de Carvalho

S. Paulo, Agosto de 1895

BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

II

ESBOÇOS BIOGRAPHICOS

POR

HOMEM DE MELLO.

1.^a PARTE.



RIO DE JANEIRO.

160127

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO

Rua do Rosario n. 84.

1862.

ESBOÇOS BIOGRAPHICOS.

Intento escrever a vida de alguns homens notaveis de nossa terra.

Sei, que me abalanço á uma empreza difficil. Fallar dos mortos em presença dos vivos—seus contemporaneos, é correr o perigo de evocar paixões extinctas que repousam sob a lapida do passado. Essa consideração, porém, não póde ser levada ao ponto de atar as mãos á historia e fazel-a emmudecer.

Cumpre transmittir ao futuro as feições de uma epocha cheia de grandesa e de patriotismo e que entretanto vai já esquecida no turbilhão dos novos acontecimentos, que se succedem como as vagas interpoladas do mar.

Haja boa fé e consciencia na apreciação do passado e a verdade historica ganhará sempre.

Para o modesto trabalho que ora emprehendo, peço apenas esse respeito mutuo, que entre si devem guardar todas as opiniões sinceras, que na discussão só buscam a verdade.

Possa este escripto despertar a sentelha do amor patrio, e obter essa tolerancia esclarecida, que é a suprema pedra de toque dos espiritos illustrados.

F. I. M. HOMEM DE MELLO.

BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

« De tanto patriotismo, que se doirou
ao sol da liberdade; de tantos erros que
a dôr evangelizou no soffrimento e no
luto; de tanto nome glorioso que illus-
trou a patria. . . ai! . . . nem ao menos
as pedras das sepulturas se conhecem!
A ingratição foi apagar as inscripções
da historia; o silencio do egoismo alge-
mou a verdade; e o tempo, estragador
incansavel, derrubou os altares so berbos
e altaneiros, como o furacão da tempes-
tade os cedros altivos do Libano!

• • • • •
• • • • •
« Dormi, soberbos vultos, dormi á som-
bra dos templos! Talvez a voz de um
poeta um dia saiba cantar todas as glo-
rias da patria, e aprende-las no vento que
embalança a ramagem das florestas vir-
gens, ou no estrepito das aguas de tanto
rio gigante! »

(O *Iris* de S. Paulo — 1857 — artigo — Lit-
teratura Patria — por * * * (Dr. JOSÉ BONI-
FACIO DE ANDRADA E SILVA.)

I.

A cidade de Santos é a patria dos filhos da liber-
dade, o berço dos grandes homens de nossa terra.

Seu aspecto desperta no espirito do brasileiro poderosas reminiscencias!

Ahi em suas praias aportou primeiro o avido colono, que veio plantar as quinas portuguezas no solo virgem da America.

Ahi embalaram seu berço Alexandre de Gusmão e Bartholomeu Lourenço, esses luzeiros radiantes, que brilham com fulgor peregrino na treva espessa do tempo colonial.

Ahi abriu os olhos á luz o Visconde de S. Leopoldo, esse nome tão sympathico de nossa historia, que das paginas da politica passou para as da litteratura, onde suas producções apuradas lhe asseguraram um logar eminente.

Antonio Carlos, o grande orador, Martim Francisco, o typo da severidade, tambem nasceram nessa terra, cheia de tantas recordações.

Nesse berço da liberdade o passado repousa tranquillo, symbolisado nos velhos monumentos das gerações extinctas, que o perpassar das idades respeitou, como uma pagina viva dos tempos que se foram!

Ahi, em um convento, sellado já pela mão dos seculos, longe dos vãos rumores do mundo, alveja um tumulto modesto e simples, como o dos grandes homens. Seu aspecto enche-nos de religioso recolhimento.

A fronte do brasileiro curva-se de respeito, uma lagrima lhe brota dos olhos, e seus labios balbuciam

tremulos o nome de José Bonifacio de Andrada e Silva!

Repousa em paz, sombra veneranda! Ahi, nessa mansão serena dos mortos, achaste um abrigo contra as tempestades, que agitaram tua existencia! As vicissitudes humanas passaram rugindo sobre tua fronte altiva, e mataram-te a vida!

Depois de haveres enchido o velho mundo com o teu nome, engrandecido a sciencia com teu engenho poderoso; depois de haveres creado uma nacionalidade e plantado a liberdade no solo de Santa Cruz, e haveres gemido nas torturas do exilio: beijaste a terra de tua patria cuberta de luto, legaste teu nome respeitavel ás paginas da historia, e foste pedir ao chão humilde de teu berço um logar de repouso contra as amarguras da vida!

Salve! manes venerandos do fundador de minha patria! Eu te saúdo!

Emquanto os idolos do dia repousam em soberbos catafalcos; emquanto suas estatuas se erguem vaidosas ás vistas da multidão, teu nome perdura tranquillo no sanctuario da morte, e o brasileiro o repete todos os dias coberto de benções!

A lapida, que encerra os teus ossos, é o pedestal magestoso do monumento de nossas liberdades; e o teu nome, elevado á altura de uma tradição, abre a primeira pagina da grande epopéa nacional!

II.

José Bonifacio de Andrada e Silva, nasceu na villa de Santos, no dia 13 de Junho de 1763 (1). Foram seus pais o coronel Bonifacio José de Andrada e sua mulher D. Maria Barbara da Silva.

Concentrada então a educação da mocidade nas mãos do clero, foram seus primeiros estudos litterarios dirigidos na cidade de S. Paulo pelo virtuoso

(1) Por engano, dizem alguns biographos, que Jose Bonifacio, nasceu no dia 13 de Julho de 1765.

A seguinte certidão, que tenho em meu poder, remove toda duvida á respeito.

« Certifico e juro aos Santos Evangelhos que em o livro competente desta parochia, á fls. 28 v., acha-se o assento cujo é o theor seguinte: — Aos dezoito do mez de Junho de mil setecentos e sessenta e tres annos, nesta igreja matriz, baptisei e puz os Santos Oleos á José Antonio, innocente, filho legitimo de Bonifacio José de Andrada e de sua mulher Maria Barbara da Silva, naturaes desta villa, netto por parte paterna do coronel José Ribeiro de Andrada, natural da freguezia de S. Martinho, cabeceiras de Basto, e de sua mulher Anna da Silva Borges, natural desta villa de Santos, e pela materna netto de Gonçalo Fernandes Souto, natural da freguezia de S. Thiago, comarca de Villa-Real, arcebispado de Braga, e de sua mulher Rosa de Viterbo da Silva, natural desta villa: foram padrinhos Manoel Angelo Ferreira e Ignacia Maria, mulher de Bartholomeu Julio, todos desta freguezia. O vigario, *Domingos Moreira da Silva*. Nada mais em dito assento á que me reporto. Santos, 11 de Junho de 1860. — O vigario, *Joaquim José de Sant'Anna*. »

O primitivo nome de José Bonifacio foi José Antonio, segundo verifiquei, e porisso vem assim mencionado nesta certidão, que devo á obsequiosidade do Sr. Dr. Antonio Pereira dos Santos, residente na cidade deste nome.

bispo D. Fr. Manoel da Ressurreição. No seio da religião balbuciou a primeira palavra de sua intelligencia. Desde logo revelou um desenvolvimento precoce, e esse amor ao estudo, que fez mais tarde sua gloria litteraria.

Ainda na tenra idade de 16 annos appareceram já os primeiros assomos de seu estro poetico; e em sua collecção de poesias figuram producções dessa primeira quadra da vida, em que os sentimentos da mocidade, virgens do contacto do mundo, exhalam-se em hymnos.

Não eram para os estreitos limites da educação colonial as largas aspirações dessa grande intelligencia.

Terminados os seus primeiros estudos, seguiu, em 1783, para Portugal afim de ultimar sua educação litteraria.

Na universidade de Coimbra, onde matriculou-se, obteve os grãos de bacharel formado em direito civil e em sciencias naturaes.

Seu espirito educou-se nas tradições da litteratura classica, e robusteceu-se com severos estudos scientificos, para os quaes desenvolveu a maior aptidão. De suas obras vê-se o immenso cabedal de conhecimentos e erudição, que este brasileiro colheu nos diferentes ramos das sciencias humanas.

III.

Era ainda pelos fins do seculo passado. Sua patria

conservava-se sob o peso do regimen colonial. A politica da metropole afastava cautelosamente do Brasil os talentos, que lhe podiam trazer algum desenvolvimento intellectual.

Assim José Bonifacio, apenas formado, seguiu para Lisboa rodeado de merecido renome e prestigio, e com uma reputação litteraria já firmada. Esta circumstancia e a amisade do Duque de Lafões, inclito protector das lettras, deram-lhe ingresso na Academia Real de Sciencias de Lisboa, em cujo seio se reuniam as illustrações litterarias da época.

Entre os brasileiros notaveis que então representavam o Brasil perante a metropole, José Bonifacio apparece como um dos vultos mais eminentes.

A independencia da terra de Santa-Cruz preludia-se nesse grande movimento intellectual, que abria novos horisontes aos filhos da misera colonia.

Proposto pela Academia Real de Sciencias ao governo portuguez para viajar á Europa conjunctamente com o distincto mineiro Manoel Ferreira da Camara de Bittencourt e Sá (2), José Bonifacio estremeceu de jubilo ao contemplar a brilhante perspectiva de gloria, que lhe estava reservada; e em Junho de 1790 os dous mineralogistas brasileiros deixaram Portugal

(2) Veja-se *Historia Geral do Brasil* pelo Sr. P. A. de Varnhagen, 2º, 283; e *Revista do Instituto Historico*, 4º, 415, e 8º, 122.

para seguirem sua peregrinação scientifica pela Europa. (3)

IV.

Consummavam-se então os assombrosos acontecimentos, que ensanguentaram a ultima parte do seculo dezoito. Nada entretanto pôde deter o passo aos intrepididos viajantes, que caminhavam em busca da sciencia.

A viagem de José Bonifacio foi um triumpho constante, uma pagina brilhante, que conquistou a litteratura portugueza. Por toda a parte deixava o illustre brasileiro vestigios indeleveis de sua alta intelligencia e de seu saber, ouvindo as lições dos grandes mestres e illustrando as sciencias com os seus trabalhos litterarios. Em sua longa excursão que durou dez annos percorreu a França, Allemanha, Belgica, Hollanda, Italia, Hungria, Bohemia, Suecia, Norwega, Dinamarca e Turquia.

Em Paris leu na sociedade de Historia Natural um importante trabalho seu sobre os diamantes do Brasil, que foi depois publicado nos *Annaes de Chimica de Fourcroy*.

(3) Antes de começar sua viagem pela Europa, José Bonifacio apresentou á Academia Real de Sciencias de Lisboa uma *Memoria* sobre a pescaria da baleia, melhores processos para a extracção do seu azeite, e grande vantagem que della resulta para Portugal e seus dominios. Foi publicada na collecção de *Memorias* da Academia.

Examinando as minas da Suecia e Norwega, descobrio nellas mineraes não conhecidos até então, e os descreveu em uma carta, publicada em allemão, dirigida ao engenheiro Beyer, inspector de minas em Schueeberg.

Além de algumas memorias que fez sobre diversas minas da Suecia, publicou no jornal de minas ~~em~~ *de //* Freiberg um importante trabalho sobre as minas de Galha.

Escreveu ainda uma memoria sob o titulo de— *Viagem geognostica aos montes Euganeos no territorio de Padua*, a qual foi lida na Academia de Sciencias de Lisboa em 1812.

Nos *Annaes de Chimica de Fourcroy* deu á luz uma memoria sobre o fluido electrico. (4)

Todos esses trabalhos, sellados com o cunho de seu immenso saber, tornayam o seu nome conhecido e grangearam-lhe brilhantes homenagens.

O lugar de inspector das minas da Norwega lhe foi offerecido. Mas José Bonifacio tinha uma patria, que aguardava seus serviços, e não lhe era dado pôr seus grandes talentos á mercê do estrangeiro.

As corporações scientificas das primeiras capitães da Europa, querendo honrar o seu merito, apressa-

(4) Apezar de todas as diligencias, não pude vêr estes trabalhos que aqui menciono apoiado na autoridade do Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, que no seu *Elogio Historico* de José Bonifacio, affirma tel-os visto na colleccão do autor; Revista do Instituto Historico, 8º, 116.

ram-se em admittil-o em seu seio, e o illustre brasileiro foi recebido socio das sociedades de Historia Natural e Philosophica de Paris, da Academia Real de Sciencias de Stockolmo, da sociedade Limeana e Mineralogica de Jena, da sociedade dos Investigadores da Natureza de Berlim, da Geologica de Londres, da de Physica e Historia Natural de Genova, da Werneriana de Edimburgo, da Academia de Sciencias de Copenhague e de Turim; sendo mais tarde recebido membro da sociedade Maritima de Lisboa, e da Philosophica de Philadelphia.

Em Setembro de 1800 voltou a Portugal, coberto de gloria, rodeado de um prestigio immenso.

V.

A' frente dos negocios publicos na metropole achava-se o illustrado ministro brasileiro Conde de Linhares.

As sciencias eram honradas, as letras protegidas, e um impulso animador notava-se nessa administração esclarecida, cuja physionomia caracteristica foi uma protecção decidida aos talentos brasileiros, então incumbidos de importantes trabalhos.

Os talentos de José Bonifacio não ficaram desaproveitados.

Voltado á Portugal, foi pelo governo incumbido de crear em Coimbra a cadeira de metalurgia, da

qual foi nomeado lente, commissão que desempenhou com honra e distincção por largo tempo.

Foi ainda nomeado intendente geral das minas e metaes do reino, superintendente do rio Mondego e das obras publicas de Coimbra, e desembargador da relação do Porto.

Nem só em commissões scientificas era aproveitado o seu saber.

Reconhecendo sua pericia e aptidão, o governo o incumbira de muitos e importantes trabalhos administrativos, nos quaes provou superior actividade e dedicação.

Entre estes avulta o encanamento do rio Mondego, as sementeiras e plantações nos areaes das costas por ellas realizados em virtude de ordem do governo. (5)

Esses trabalhos, entretanto, não esgotaram sua actividade.

Todo votado á causa das sciencias naturaes e ás suas custosas investigações, fez, no outomno de 1800, com seu irmão Martim Francisco e o tenente-general Napier, uma viagem minerographica pela Extremadura até Coimbra, cujo resultado, escripto por seu irmão, appareceu em 1812.

(5) O decreto de 14 de Maio de 1821 (Collecção Nabuco,) reconheceu *os bons serviços praticados com muita intelligencia pelo Dr. José Bonifácio de Andrada e Silva,* nestas commissões.

VI.

No meio d'essas pacificas occupações scientificas e administrativas veio sorprendendo-lo a invasão franceza.

A realeza portugueza fugira espavorida ante as aguias francezas, mas o patriotismo não morrera no peito d'essa nação infeliz, que contara tantas glorias em seu passado.

Do gabinete do litterato, José Bonifacio, coberto com os louros da sciencia, travou da espada, correu ao campo da batalha e á frente do corpo academico, no posto de tenente-coronel, militou com gloria contra os francezes.

Livre o solo da patria d'essa primeira invasão estrangeira, foi pelo governo nomeado intendente da policia da cidade do Porto.

Lugar difficil era esse em um tempo, em que os odios e as paixões politicas suscitadas pela invasão sopitavam debaixo das cinzas. A discordia civil dividia os animos: a perseguição se desenvolvia contra aquelles que, se dizia, haviam apoiado o estrangeiro.

José Bonifacio oppez um paradeiro á esse fanatismo, tão funesto á causa nacional e contribuiu poderosamente com sua moderação e medidas equitativas para apagar esses odios infindos.

VII.

A estrella do grande homem impalidecêra no con-

tinente europeu. Seus exercitos disseminados corriam ao seu chamado para vir defender a França invadida pelas baionetas da coalisção.

Desassombrada a península iberica da presença do exercito inimigo, José Bonifacio depoz a espada, e voltou á vida pacifica do homem de lettras; e no decurso de seus trabalhos publicou importantes memorias (6) que lhe assignam um lugar distincto entre os naturalistas brasileiros.

Em 1812 foi eleito secretario perpetuo da Academia Real das sciencias de Lisboa, e n'esse caracter produzio importantes trabalhos litterarios, entre os quaes avulta o seu elogio academico da Rainha D Maria I, lido na Academia Real das Sciencias de Lisboa aos 20 de Março de 1817, onde a magestade das grandes

(6) *Memoria* sobre as minas de carvão de pedra de Portugal (datada de Lisboa, 8 de Novembro 1809;) publicada no *Patriota*, jornal litterario do Rio de Janeiro, 2^a subscrição 1813, n. 1, pag. 11; n. 2, pag. 21; n. 3, pag. 3.

Boaques « *Memoria* sobre a necessidade e utilidade do plantio de novos, em Portugal: mandada publicar pela Academia Real de Sciencias de Lisboa, em 1815.

« *Memoria* sobre a nova mina de ouro da outra banda do Tejo, chamada Principe Regente. » Lida em 10 de Maio de 1815 na Academia, e publicada em suas respectivas *Memorias* em 1817, tomo 5^o, 1^a pag. 140.) *parte*

« *Memoria* minerographica sobre o districto metallifero entre os rios Alve e Zezere (1816)

/c « *Memoria* sobre as pesquisas e lavra dos veios de chumbo de Chaçim, Souto, Ventozello e Villar de Rey na provincia de Traz-os-Montes. » Publicada nas *Memorias* da Academia, tomo 5^o, parte 2^a, 1818, pag. 77. *n/*

idéas alia-se com as formas varonis de um estylo correcto e de uma linguagem pura e castiça. (7)

N'esse largo tirocinio, cheio de fecundos resultados, dividido entre as lettras e a administração activa, o pensamento da patria revoava-lhe em torno, e abria ante seus olhos a prespectiva de um porvir immenso para a terra de seu berço.

(7) « Discurso, contendo a historia da Academia das Sciencias desde 25 de Junho de 1814 até 24 de Junho de 1815, por José Bonifacio de Andrada e Silva, secretario da mesma Academia; tomo 4º das Memorias, parte 2ª, pag. 1.

Discurso historico recitado na sessão publica de 24 de Junho de 1818, pelo secretario José Bonifacio de Andrada e Silva; tomo 6º, parte 1ª, 1819, pag. 1.

Discurso historico recitado na sessão publica de 24 de Junho de 1819 pelo secretario J. B. de A. e Silva; tomo 6º, parte 2ª, 1820, pag. 1.—Foi o ultimo: nelle despede-se de Portugal.

Eram membros da Academia Real de Sciencias de Lisboa nesse tempo, os brasileiros:

José Bonifacio de Andrada e Silva, secretario até 1819.

Francisco Villela Barbosa, vice-secretario.

Francisco de Mello Franco.

José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.

Manoel Ferreira da Camara de Bittencourt Sá.

Correspondentes :

Balthasar da Silva Lisboa.

Diogo de Toledo Jara Ordanhães.

João da Silva Feijó (Ceará.)

Guilherme Eschewege, barão de Eschewege (estrangeiro, ao serviço do Brazil.

José Egydio Alvares de Almeida, depois Marquez de Santo Amaro.

Manoel Jacintho Nogueira da Gama.

Vicente José Ferreira Cardoso.

José Lino Coutinho.

Em 1819, volvendo o ultimo adeos ~~d~~ esse antigo theatro de suas glorias, em face de uma metropole, ciosa de seus direitos, José Bonifacio, em um arroubo patriotico atirava-lhe estas palavras memoraveis, que preludiáram a independencia do Brazil.

« E que paiz esse, senhores, para uma nova civilização e para um novo assento das sciencias? Que terra para um grande e vasto imperio! Banhadas suas costas em triangulo pelas ondas do Atlantico; com um sem numero de rios caudaes e de ribeiras empoadas, que o retalham em todos os sentidos; não ha parte alguma do sertão, que não participe mais ou menos do proveito que o mar lhe pode dar para o trato mercantil e para o estabelecimento de grandes pescarias. A grande cordilheira, que o córta de norte a sul, o divide por ambas as vastas fraldas e pendores em dous mundos differentes, capazes de crear todas as producções da terra inteira.....

.....
 « de que mercês precisa? Fomentar e não empecer; basta-lhe a segurança pessoal e a liberdade sobria de imprensa, de que já gosa, e uma nova educação physica e moral: o mais pertence á natureza e ao tempo. »

N'esse anno, obtendo licença do governo da metropole, retirou-se para o Brazil, conservando todos os seus empregos.

VIII.

Sua vida litteraria ainda aqui continuou inalteravel com seus placidos encantos, com suas ambições pacificas e nobres.

Novo Cincinato, foi como um sabio modesto, habitar o seu pittoresco sitio dos Outeirinhos em Santos, todo entregue ás investigações da sciencia.

Em Março de 1820 fez com seu irmão Martim Francisco uma excursão montanistica desde Santos até a Parnahyba, cujo resultado appareceo impresso no *Journal des mines de Paris*.

Em attenção a seus relevantes serviços prestados á Portugal e á seus importantes trabalhos litterarios, El-Rei D. João VI. o agraciou com o titulo do conselho á 5 de Abril de 1820, unica honra que teve esse grande homem, cuja modestia e singelesa recordam os mais severos caracteres da antiga Roma.

IX.

Mas já a repercussão da revolução liberal do Porto em 1820 se fizera ouvir no Brazil, e viera agitar-lhe o corpo entorpecido, quebrando a cadeia das tradições absolutistas.

Preludiavam-se então esses grandes acontecimentos, que iam confundir o nome de José Bonifacio com o mais glorioso ~~pendão~~ da historia de uma nação.

Compellido pelo movimento de 24 de Agosto, El-Rei D. João VI deixou o Brasil, onde residira por treze annos, desassombrado dos graves acontecimentos, que ensanguentaram a Europa.

Conseguido esse primeiro triumpho, o ciume da

metropole contra o Brasil, a misera colonia de hontem, tornou-se mais exigente.

Para elevar Portugal ao seu antigo poderio julgaram as côrtes conveniente restabelecer o velho regimen colonial, o monopolio commercial em proveito da metropole.

Era uma revolução, uma lucta contra a ordem de cousas inaugurada pela carta régia de 28 de Janeiro de 1808, e consolidada por efficazes medidas legislativas no largo periodo de treze annos.

A existencia da côrte no Brasil emancipara-o da metropole, e abolira o systema colonial, creando a liberdade commercial.

Não é dado ao poder do homem rebellar-se contra os factos consumados, e destruir em um dia o resultado de uma situação politica e social, cimentada nos habitos do povo. As côrtes não o comprehenderam, e impensadamente abalançaram-se á lucta contra o Brasil, tentando reduzil-o á antiga dominação colonial.

Ordem foi dada ao principe regente D. Pedro para deixar o Brasil e retirar-se para Portugal.

Nova organização foi dada aos governos provinciaes no sentido do antigo regimen; e para terminar essa obra de demolição, supprimiram-se todos os tribunaes e repartições creadas em tempo d'El-Rei.

X.

José Bonifacio occupava á esse tempo o lugar de

vice-presidente da junta provisoria em S. Paulo. O general João Carlos, presidente da mesma, lhe deixára toda a responsabilidade da acção e dos acontecimentos.

O Brasil recebêra com indignação os decretos das côrtes. Um povo inteiro levantára-se para responder á essa provocação com a dignidade de seus direitos.

José Bonifacio, fadado para ser o libertador de sua patria, reuniu a junta provisoria, e em nome della dirigiu ao principe essa energica representação de 24 de Dezembro de 1821, que echoou no Brasil como uma fulminação poderosa, atirada á face do congresso lusitano.

«.... apenas fixamos nossa attenção sobre o primeiro decreto das côrtes, ácerca da organização dos governos das provincias do Brasil, logo ferveu em nosso coração uma nobre indignação, porque vimos nelle exarado o systema da anarchia e da escravidão....

« Nada menos se pretende do que desunir-nos, enfraquecer-nos, e até deixar-nos em misera orphanidade, arrancando do seio da grande familia brasileira o unico pai que nos restava, depois de terem esbulhado o Brasil do benefico fundador deste reino....

«.... Se V. A. Real estiver (o que não é crível) pelo deslumbrado e indecoroso decreto de 29 de Setembro, além de perder para o mundo a dignidade de homem e de principe, tornando-se escravo de um pequeno numero de desorganizadores, terá tambem

que responder, perante o céo, do rio de sangue que de certo vai correr pelo Brasil, com a sua ausencia, pois seus povos, quaes tigres raivosos, acordarão de certo do somno amadornado em que o velho despotismo, e em que a astucia de um novo machiavelismo constitucional, os pretende agora conservar? »

Essas palavras continham por si sós uma revolução inteira. Era o grito omnipotente do Brasil, que se erguia como um gigante para recuperar sua liberdade.

José Bonifacio partio em pessoa para levar a representação do principe, o qual, annuindo ao voto dos brasileiros, deixou-se ficar no Brasil, desobedecendo aos decretos das côrtes (9 de Janeiro.)

Desde então a lucta estava travada, e José Bonifacio, que provocára em grande parte esse desenlace, tornava-se o arbitro da situação, e o primeiro responsavel pela nova ordem de cousas.

Comprehendendo a gravidade e o alcance da revolução que se inaugurára, o principe regente demittio o seu ministerio, e por decreto de 16 de Janeiro de 1822 nomeou a José Bonifacio ministro e secretario de estado dos negocios do reino e estrangeiros. (8)

(8) Foram membros deste ministerio de 16 de Janeiro de 1822 :

Negocios do reino e estrangeiros, José Bonifacio de Andrada e Silva;

Fazenda, Caetano Pinto de Miranda Montenegro e Martin Francisco Ribeiro de Andrada (4 Julho;)

Guerra, Joaquim de Oliveira Alvares, Luiz Pereira da

XI

Começa aqui o periodo mais brilhante da vida de José Bonifacio, aquelle que deo-lhe na historia um nome igual aos maiores homens de todas as nações.

Cumpria-lhe organizar um estado novo que surgia no mappa das nações, abalado pela mesma revolução, que o libertára.

A empresa era difficil.

As nacionalidades não appareceram^m ao acaso no theatro da historia.

Para que as grandes revoluções triumphem, é preciso que a razão superior do homem de estado se apodere dos acontecimentos, do arrastamento da época e os condusa habilmente á um desenlace pacifico e duradouro.

Felizes os povos, que conseguem firmar sua independencia sem a efusão de uma gota de sangue humano !

O sabre do revolucionario póde deitar abaixo as instituições do passado, alastrar o solo de ruinas ; mas levantar sobre esses restos esbroados uma situação politica, que resista ao tempo e ás provações terriveis do futuro, eis o que constitue a verdadeira gloria, eis o que firma a superioridade do homem de estado.

Nobrega de Souza Coutinho (27 de Junho) e João Vieira de Carvalho (28 de Outubro de 1822) ;

Marinha, Manoel Antonio Farinha, conde de Sousel, Luiz da Cunha Moreira (28 de Outubro) ;

Subindo ao poder, como a incarnação de uma revolução, que se inaugurára, José Bonifacio soube dirigir-a habilmente; dar-lhe o triumpho por meta de sua acção, e o que é mais, pôde dizer-lhe como Deos ao oceano : « daqui não passarás ! »

Não se pode dominar e conduzir mais habilmente um movimento politico, do que esse illustre brasileiro o fez em 1822. Não era uma revolução, que se desencadeava no paiz ; era o systema constitucional, que se levantava sobre as ruinas do absolutismo.

Quebrando os elos, que nos prendiam á Portugal, o novo ministro, inspirado pela providencia da rasão politica; procurou rodear o principio da independencia nacional de elementos de vida e de força, que o amparassem na lucta que se ia travar, e que lhe servisse como de um ponto de apoio seguro para resistir ás eventualidades do futuro.

Esse elemento de vida, essas condições de duração; elle os foi buscar no concurso do voto popular, assentando a nova ordem de cousas na larga base da soberania nacional e da união dos brasileiros.

As côrtes haviam, com suas medidas, desorganizado o paiz, e introduzido nelle a discordia e a anarchia. José Bonifacio tratou logo de chamar a um centro commum de união os animos divididos, e como primeiro passo para esse fim, defiriendo aos votos das provincias de Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro, convocou, por decreto de 16 de Fevereiro de

1822, um conselho de procuradores de provincia, com o character de conselheiros de estado e de representantes da provincia que os elegia.

« E dezejando eu para utilidade geral do reino unido, e particular do povo do Brazil, ir dante mão dispondo e arreigando o systema constitucional, que elle merece e eu jurei dar-lhe, formando desde já um centro de meios e de fins, com que melhor se sustente e defenda a integridade e liberdade deste fertilissimo e grandioso paiz, e se promova a sua futura felicidade.... »

Essa instituição filha da urna popular, dava ao Brazil o principio da representação politica. Era o primeiro passo dado para a convocação de uma constituinte, definitiva consagração da emancipação nacional.

Essa medida, porém, que rompia de uma vez com o passado, exigia pela audacia da concepção, muita prudencia e tino para ser executada

Era fundar a independencia, antes de proclamal-a.

Ainda esta vez José Bonifacio foi buscar na soberania popular o elemento de força e authoridade, que era preciso para realisar esse plano tão sabiamente combinado.

Em 20 de Maio de 1822 o povo do Rio de Janeiro dirigio ao respectivo senado da camara uma representação pedindo-lhe que solicitasse do principe a convocação de uma assemblea geral constituinte para o Brazil.

Interprete fiel dos votos do povo, o senado da camara dirigio á 23 do mesmo mez ao principe uma representação solicitando a convocação d'assemblea.

A proposta do principe foi já a de um monarcha constitucional.

« Fico sciente da vontade do povo do Rio ; e tão depressa saiba a das mais provincias, ou pelas camaras ou pelos procuradores geraes, então immediatamente me conformarei com os votos dos povos deste...reino »...

Instalado o conselho de procuradores de provincia dirigio no dia 3 de Junho ao principe identica representação. O ministerio conformou-se, e nesse mesmo dia lavrou-se o decreto, que outorgou ao Brazil o poder legislativo e convocou a assemblea constituinte.

A independencia estava definitivamente firmada.

XII.

Ao passo que José Bonifacio assim inaugurava o systema constitucional no paiz com a placidez do estadista, desenvolvia igualmente a maior actividade e firmeza na sustentação dos direitos do novo imperio, que ora começava a constituir-se.

No gabinete e no campo da acção sua energia não se desmentia.

No dia 15 de Fevereiro de 1822 a *divisão auxilia-dora* portugueza ao mando do general Avilez, que resistira tenazmente á nova ordem de cousas, foi for-

çadamente compellida a embarcar-se para Portugal ; e a revolução seguiu seu curso mais desassombrada.

Em 24 de Março desse mesmo anno foi obrigada a regressar a Lisboa a esquadra que viera buscar o principe regente. A bandeira lusitana recuava espavorida ante o pendão triumphante da nacionalidade brasileira.

Para sellar essa grande obra da libertação politica do paiz, o decreto do 1º de Agosto de 1822 ordenou que fossem repellidas como inimigas, quaesquer tropas portuguezas enviadas ao Brasil : documento notavel, que proclamou sem rebuço á face do universo a independencia politica da terra de Santa Cruz.

No mesmo dia, em um manifesto solemne dirigido aos povos do Brasil, desprendia-se dos labios do principe este grito energico, que repercutio de valle em valle, como o verbo omnipotente da independencia americana ; « *Do Amazonas ao Prata não retumbe outro echo que não seja independencia.* »

A 6 de Agosto o Brasil, quebrados os grilhões coloniaes, dirigia-se ás nações amigas já em nome de um povo livre.

A causa da liberdade estava triumphante.

XIII.

As difficuldades, porém, recresciam. Apenas quatro provincias acceitaram a nova ordem de cousas: S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas e Rio Grande do Sul.

Receiosas umas, dominadas outras pelas tropas portuguezas, recusaram adherir á causa da independencia.

Não se consumam as grandes revoluções sociaes sem largos sacrificios, sem a lucta do patriotismo com as velhas idéas. O norte do imperio debatia-se presa das dissensões civis, entregue ás depredações das tropas portuguezas. O mando da metropole não podia expirar sem rodear-se de victimas. O nome de Madeira lá está escripto em letras de sangue.

Renhida lucta travou-se no paiz por largo tempo e a sabedoria do governo de então, ajudada pela energia da vontade nacional, deu-nos a victoria.

Lord Cokrane foi chamado do Chile ao serviço do Brasil. Em breve uma esquadilha com forças sufficientes, sob seu commando sulcou as aguas do norte, e as provincias da Bahia, Pernambuco, Maranhão, Pará, Piahy e Ceará entraram na grande commu-nhão brasileira.

A bandeira da independencia tremulava ufana em todos os pontos da antiga colonia.

A gloria de Jasé Bonifacio ficou escripta em todos esses feitos, seu nome symbolisa na historia o grande periodo da libertação de um povo.

XIV.

Conseguido o triumpho e depostas as armas, seus

olhos volveram-se de novo para os negocios internos do paiz.

Destruindo o passado, cumpria conservar o presente, organizar o futuro.

Uma revolução, por mais pacifica que seja, é sempre em seu curso seguida de incidentes, que produzem na ordem social grave oscillação.

Com a queda do passado abalam-se os espiritos, apparecem as convulções politicas.

Ao homem de estado cumpre acompanhar esses acontecimentos em sua marcha e garantir contra elles a segurança publica, firmando a paz nos espiritos.

Depois da independencia, os animos até então unidos nessa grande lucta, dividiram-se e a agitação interna apparece no paiz.

Alguns patriotas mais exaltados exigiam, que o imperador prestasse juramento previo de cumprir e fazer executar a constituição, que fizesse a constituinte. Outros porem entenderam, que tal acto importava quebra da autoridade do imperador, e que era impolitico um tal passo. As sociedades secretas trabalhavam activamente e assim accumulava-se de dia á dia vasto combustivel para uma agitação politica.

A ordem social via-se compromettida nesse movimento.

O novo imperio, sahido ha pouco do seio da revolução, trazendo ainda em suas entranhas esse germen

de dissolução, vacillava, mal seguro ainda para ~~assis-~~ *resis-* tir a essa lucta.

A situação era gravíssima e as dissensões intestinas podiam rasgar a pagina gloriosa da independencia.

Impressiõnado por esses acontecimentos, assustado com o seu alcance, José Bonifacio, homem de accção e energia, tomou sobre si a responsabilidade de uma medida severa e ext^{rema}ensa, que tem sido julgada diversamente.

Deportou õs principaes cidadãos que suppunha implicados nessa combinação politica e mandou abrir uma devassa para cortar o trama dos conspiradores. (9)

Embora inspirada pelo patriotismo e praticada com puras intenções, a verdade historica attesta, que essa medida foi nimiamente severa e que cumpria haver mais moderação em uma epocha critica, em que as posições extremas, principalmente no governo, provocam reacções.

Desde então uma coalisção poderosa formou-se contra o grande ministro, que entretanto media-se, como um gigante, contra as difficuldades da situação, e applicava sua attenção á organização politica do imperio.

« Em politica não consiste a difficuldade em destruir um governo, mas sim em constituir outro novo; bellos são por sem duvida os dias do triumpho; suc-

(9) Veja-se o decreto de 30 de Outubro de 1822, e portaria do ministerio do imperio de 11 de Novembro do anno, (collecção Nabuco, 3º, pag. 347).

cedem-lhes porém depois os embarços, e menos difficiloso é vencer do que manter-se e sustentar-se : o successo é pela maior parte das vezes effeito da surpresa ; a duração unicamente constitue o que é vida e o que é força. » (10)

A grande causa da liberdade constitucional estava ganha para o paiz. Mas o pacto social, a sancção legal da revolução, não estava ainda feito.

Incumbida dessa grande missão, a constituinte abriu-se solemnemente no dia 3 de Maio de 1823.

XV.

José Bonifacio comprehendeo a gravidade da situação, a responsabilidade que lhe cabia n'essa occasião solemne e arriscada, que ia decidir dos destinos de sua patria.

Ministro e deputado, homem do poder e homem da revolução, cumprio o seu dever com honra, harmonizando sabiamente os direitos dos povos com as exigencias da autoridade.

E' essa talvez a parte mais importante da sua vida, e aquella em que menos de accordo estão os biographos, que nol-a historiáram. (11)

(10) *Plutarcho Brasileiro*, pelo Sr. Dr. João Manoel Pereira da Silva, 2º, 129 (1ª edição.) d/

(11) Oillutrado autor do *Plutarco Brasileiro* (2º 129 á 133 censura José Bonifacio por adoptar tendencias ultrademocraticas e comprometter assim a cauza do poder, como ministro. Armitage, na sua *Historia do Brazil* (pag. 81 e 82) mutilla desapiadadamente as palavras de José

Não se julgam os grandes nomes da historia sem um severo exame de seus feitos.

Cumpre não aventurar conjecturas sobre o passado, e para isso convem deixar fallar os factos, e deduzir a verdade historica dos monumentos escriptos, que uma época lega ao futuro.

No discurso de abertura da constituinte, documento solemne que proclamou os dogmas da revolução lêem-se estas palavras notaveis, que honram o publicista mais liberal:

« Espero que me ajudeis á desempenhar (a minha promessa), fazendo uma constituição sabia, justa, adequada, e executavel, dictada pela razão, e não pelo capricho, que tenha em vista sómente a felicidade geral, que nunca póde ser grande, sem que esta constituição tenha bases sólidas, bases, que a sabedoria dos seculos tenha mostrado que são as verdadeiras, para darem uma justa liberdade aos povos, e toda a força necessaria ao poder executivo. Uma constituição, em que os tres poderes sejam bem divididos, de forma que não possam arrogar direitos, que lhe não competam; mas que sejam de tal modo organisados e harmonisados, que se lhes torne impossivel, ainda pelo decurso do tempo, fazerem-se inimigos, e cada vez mais concorram de mãos dadas para a felicidade geral do estado.

« A final uma constituição, que pondo barreiras ina-

Bonifacio na Constituinte, e empresta-lhe uma animada increpação contra a democracia, quando aquelle ministro só profligara a demagogia.

Em presença destes testemunhos oppostos, deixemos fallar os documentos.

cessiveis ao despotismo quer real quer aristocratico, quer democratico, afugente a anarchia, e plante a arvore daquella liberdade, á cuja sombra deva crescer a união, tranquillidade e independencia deste imperio. (12) »

Defendendo no seio da constituinte essas palavras do monarcha contra uma vehemente opposição, José Bonifacio, arrastado pelo ardor de suas convicções, assim exprimio-se :

« Que quer este povo, e para que tem trabalhado até agora tanto o governo ? Para centralisar a união e prevenir as desordens, que procedem de principios revoltosos. O povo do Brazil quer uma constituição, mas não quer demagogia e anarchia ; assim o tem declarado expressamente e é uma verdade de que hoje não póde duvidar-se.....

.... « Estou certo que todos nós temos em vista um só objecto : uma constituição digna do Brazil, digna do imperador e digna de nós. Queremos uma constituição, que nos dê aquella liberdade de que somos capazes, aquella liberdade que faz a felicidade do estado, e não a liberdade que dura momentos, e que é sempre a causa e o fim de terriveis desordens. Que quadro nos apresenta a desgraçada America ? Ha quatorze annos que se dilaceram os povos, que tendo sahido de um governo monarchico pretende estabelecer uma licenciosa liberdade, e depois de terem nadado em sangue, não são mais que victimas da desordem, da pobreza e da miseria !

.....

(12) Falla do throno, na abertura da constituinte, em 3 de Maio de 1823.

. . . « Emfim confiemos nos principios constitucionaes do Imperador, e procuremos com todas as forças fazer feliz a nossa patria : oxalá que eu pudesse firmar sua permanente ventura ! Mas protesto á face d'assembléa e á face do povo, que não concorrerei para a formação de uma constituição demagogica (13), mas sim monarchica, e que serei o primeiro a dar ao Imperador o que realmente lhe pertence. » (14).

José Bonifacio foi um dos vultos mais proeminentes dessa famosa constituinte, que se compunha das maiores illustrações, que apresentou a geração da independencia.

Sua fronte elevava-se altiva, allumiada pelo reflexo de um passado illustre. Sua palavra autorisada, embora despida das formulas oratorias, traduzia a firmeza de seu character. Era antes homem de gabinete, do que de tribuna. Seus discursos são áridos e breves, porém animados e vehementes.

Os vastos conhecimentos, de que dera prova nunca desmentida durante largos annos, não podiam ser desaproveitados na feitura da nova constituição.

Apenas installada a constituinte, foi eleito membro da commissão encarregada de elaborar o respectivo projecto de constituição, da qual era relator seu irmão Antonio Carlos.

(13) Na *Historia do Brazil* de Armitage, pag. 82, está substituida esta expressão *demagogica* pela palavra *democratica*, o que altera completamente as idéas.

(14) Discurso de José Bonifacio na constituinte, na sessão de 6 de Maio de 1823; *Diario* da mesma, tomo 2º, pag. 30.

Além desse importante trabalho, em que firmou sua reputação de publicista e consummado legislador, o illustre brasileiro prestou como deputado no seio da constituinte grandes serviços á causa da organização do novo imperio.

José Bonifacio era um homem de espirito formado, de estudos feitos, experimentado na administração, dado ao trabalho, profundo pensador politico, versado nas materias de governo.

Suas memorias revelam o vasto cabedal de conhecimentos, que adquirira na pratica dos negocios e na gestão administrativa. A instrucção publica, a cathechese de indios, a extincção do trafico e outras questões importantes já então occupavam sua attenção.

Como deputado elaborou varias memorias de subido interesse e utilidade publica, e as offereceu á constituinte para serem traduzidas em lei, as medidas por elle lembradas (15).

(15) Na sessão de 9 de Julho, José Bonifacio offereceu á constituinte uma *memoria sobre a necessidade e meios de edificar no interior do Brasil uma nova capital para assento da côrte, assembléa legislativa e dos tribunaes superiores* (*Diario da constituinte* tomo 1º pag. 187 ;)

Apontamentos sobre a civilisação dos indios bravos do imperio ão Brasil, (*Diario*, tomo 1º, pag. 240.) Integralmente transcripta na *Revista do Instituto*, tomo 12, pag. 228.

Memoria e regimen das Universidades do imperio, offerecida no sessão de 22 de Julho (*Diario*, 1º. 442 ;)

Representação á assemblea constituinte do Brasil sobre a escravatura. Publicada pelo autor em Paris em 1825. Foi traduzida para o inglez sob o titulo: *Memoir addressed to the general, constituent and legislative assembly of the em-*

Em todos estes trabalhos José Bonifacio revela-se um espirito superior, de vistas largas e patrioticas. Homem de gabinete, dotado de uma vasta previsão politica, occupava-se já com a solução de questões, que ainda hoje prendem com os destinos do paiz, como uma importante these de nosso porvir.

XVI.

Mas já a estrella de José Bonifacio caminhava a passos largos para os seus dias sombrios.

A situação era cheia de difficuldades. A excessiva energia do ministro em uma crise politica, ferindo profundamente os seus inimigos, determinou o apparecimento de uma opposição vehemente, como sempre acontece. A luta travára-se mesmo no seio da Constituinte; e no dia 17 de Julho de 1823, o fundador da independencia brasileira descia do poder,

pire of Brasil, on Slavery. By José Bonifacio de Andrada e Silva. Translated from the portuguese by William Walton, London, 1826, in 8º.

Esta memoria elaborada em 1823, não chegou a ser apresentada á constituinte pela sua prematura dissolução. Escripta em um estylo varonil e animado, revela um espirito profundamente pensador e um coração philantropico. A escravidão nunca foi combatida com argumentos mais efficazes. « Tudo, porém, se compensa nesta vida, nós tyrannisamos os escravos e os reduzimos á brutos animais e elles nos inoculam toda a sua immoralidade e todos os seus vicios. » Exclama o autor depois de descrever os males da escravidão. Termina com um projecto de lei ~~firmamente~~ concebido.

legando ao futuro sua gloria symbolisada na creação de um imperio.

Armitage, o mais severo censor dos Andradas, escrevendo sob a inspiração de um adversario politico destes, rendeu homenagem ao patriotismo de José Bonifacio; e sua gloria não empallidece ante o juizo do escriptor inglez:

« As suas vistas eram extensas, e sua probidade illibada. Foi José Bonifacio quem fixou as resoluções do voluvel D. Pedro; quem lhe fez sentir o contraste entre governar um imperio nascente, ou um reino em decadencia; e quem representando-lhe a perda do Brasil como inevitavel se se retirasse; reanimou a espirante ambição deste principe e conduzio a revolução effectuada com muito pequeno sacrificio, e quasi sem derramamento de sangue. O desinteresse de José Bonifacio e de seu irmão Martim Francisco é altamente digno de elogio. Honras e riquezas estiveram a seu alcance; comtudo retiraram-se do poder sem titulos nem condecorações, e em honrosa pobreza. Muitos de seus actos são com effeito censuraveis; todavia, considerando-se o estado critico do Brasil naquella época, algumas desculpas se deve dar a seus erros. » (16).

XVII.

Descido do poder, José Bonifacio retrahio-se ao silencio, desaprovando a direcção, que, seus successores davam aos negocios publicos.

Já então um vago presentimento de seus infortu-

(16) Armitage, Historia do Brasil, pag. 90.

nios futuros anuviara-lhe a frente.... Que nobreza de sentimentos, que elevação de espirito respira nessa pagina intima, que a dôr arrancou-lhe no meio das pungentes angustias de suas decepções politicas ?

«.... uma amavel e virtuosa companheira que tenho, um verdadeiro amigo.... e alguns bons livros são as unicas necessidades da vida, que não posso ainda escusar.

«Acolher-me ao retiro dos campos e serras, que me viram nascer, folhear alli algumas paginas do grande livro da natureza, que aprendi a decifrar com aturado e longo estudo, sempre foi uma das minhas mais doces e suspiradas esperanças, que praza ao céo possa eu vêr de qualquer modo, comtanto que seja bem cedo realisada...

« Cada vez mais me persuado que não nasci senão para homem de letras. .. No retiro do campo terei tempo (que sempre até agora me tem fugido) de dar á nltima mão á redacção das minhas longas viagens pela Europa, aos meus compendios de metallurgia e de mineralogia, e a varios opusculos e memorias de phylosophia e litteratura, fructos de larga e aturada applicação, que, se lhes não acudo já, estão em perigo de ser pasto de baratas e cupi. Senão servirem para o Brasil, como creio, servirão talvez para os doutos da Europa, que conheço e me conhecem. E que maior consolação póde tér um amante das sciencias e boas-artes, que communicar suas idéas e pensamentos á quem póde entendel-os e aproveitá-los ? E' um prazer puro da alma espalhar pelo mundo o fructo de seus estudos e meditações, ainda sem outra remuneração que a consciencia de fazer bem. O sabio despresa as satyras e ingratições de

animos vis, que não podem deixar de reputar-se, queiram ou não queiram, muito inferiores aos homens de virtude e de saber. (17) »

Desenganado pelas decepções, vendo desfolhar-se uma a uma todas as suas viçosas esperanças, o illustre sabio almejava refugiar-se na placida serenidade da vida litteraria contra o embate das paixões politicas.

Nem isso lhe foi dado.

Faltava-lhe ainda o ostracismo, o prestigio da proscripção para pôr em relevo seu civismo, e collocar seu nome ao lado dos maiores vultos historicos.

Em sua nobre fronte devia estampar-se o sello severo do infortunio, que assignala em todas as épocas os filhos da liberdade.

No dia 12 de Novembro de 1823 a constituinte foi dissolvida á força armada, e José Bonifacio, o homem que creára uma nacionalidade, foi violentamente preso e deportado para a França em companhia de seus irmãos. (18)

(17) *Tamoio* nº 5 de 2 de Setembro de 1823, pag. 21. Temos certeza que estas palavras, embora assignadas por pseudonimo, são de José Bonifacio. Foi isso declarado na devassa, a que se mandou proceder contra aquelle periodico.

(18) Deu-se nessa viagem da deportação um incidente notavel, que o Sr. Porto Alegre descreve nas seguintes palavras: « Os acontecimentos occorridos naquella inesperada deportação á bordo do navio que os conduzia, eu treme de os narrar. A historia ainda não divulgou esse horrivel acontecimento, essa especie de *Odyssea*, esse naufragio sui generis, essas revoltas, essas traições, essas

A facção portugueza exultou. O sol da independencia empallideceu, e um crepe negro estendeu-se sobre a face do novo imperio.

XVIII.

Atirado ás plagas do estrangeiro, victima de cruel ingratição, com a alma ulcerada por dôres profundas, José Bonifacio volveu de novo os olhos para o seu tão doce passado litterario, e adquirio perante a posteridade novos titulos de gloria.

Os espiritos elevados têm comsigo esse nobre apaugio: a adversidade não os atterra. Longe de prostral-os, apura-lhes a intelligencia e alenta-lhes as forças abatidas.

O litterato, sobretudo aquelle que dedicou-se ao culto das idéas, nada tem a temer na terra.

Na hora suprema do infortunio apparece-lhe, para consolal-o, a inspiração da poesia, como um alivio que o céo manda nessa hora solemne aos seus predestinados.

Onde os espiritos vulgares só encontram espinhos, o poeta colhe flôres e traduz suas angustias em canticos sublimes.

fomes e a energia de José Bonifacio, e as representações ao governo da Hespanha. Mas quando o divulgar; a posteridade ha-de tremer, como eu estremeci ao ouvi-lo da propria boca das victimas, com uma serenidade patriarchal e com aquelle amor, com que narramos os perigos do passado. (*Revista do Instituto Historico*, suplemento ao tomo 11, pag. 159.)

« Nada ha como a proscricção para descobrir os mysterios do coração humano; basta que a intelligencia se concentre no seu pensar para que harmoniosas vibrem as cordas da harpa celeste, que reside n'alma; a poesia apparece sempre magestosa e sublime nas amarguradas e solemnes horas do exilio; é o anjo que esvoaça em torno, alimentando as saudades da patria com o balsamo suave e resignado da religião: é o cysne que solitario e bello, melancolico e amoroso, corta as aguas do lago, e como que pranteia a ausencia da companheira; as aguas do rio que corre placidamente, o vento que sussurra nas palmeiras, o cantico que a ave agreste das solidões echôa, como echoou nos primeiros dias da vida, na idade infantil, tudo é poesia no exilio, porque a imaginação se perde na eternidade o pensamento vôa e o homem se não prende a terra se não pelo vinculo da dor saudosa dos passados prazeres. » (19)

Na mocidade, em os bellos tempos de sua vida academica, José Bonifacio sacrificara as musas compondo poesias de subido estrô e animação, em que apparece o grande cabedal de erudição, que possuia nas litteraturas antigas e modernas. (20)

A politica viera depois partir a cadêa brilhante de suas tradições litterarias.

(19) *Plutarcho Brasileiro* do Sr. Dr. Pereira da Silva, 2º, 135.

(20) Essas poesias José Bonifacio colleccionou-as no seu desterro, e publicou-as em Bordéos em 1825 sob o titulo—*Poesias avulsas de Americo Elysio*. São dedicadas aos brasileiros, aos quaes o autor, no prologo, dirige estas palavras: « Que eu seja teu amigo, algumas provas já tenho disto dado; e para t'as continuar a dar no meu

Agora, porem, votado ao ostracismo pela ingratição de sua patria, essa victima illustre refugiou-se nas recordações do passado e exhalou em hymnos sublimes as angustias supremas de sua alma.

Que nobre elevação de espirito, que dignidade altiva tranluz nessa ode sublime que elle dedicou ao poeta desterrado !

« O' lyra brasileira que inspiravas,
Com teus hymnos, no peito amor de glorias,
Tu que o pranto da esposa suspendias,
Quando ausente o guerreiro ;

Ora do triste vate no desterro
Já não accendes de Mavorte o fogo :
Nem cantas os tropheos da patria amada
Com magica harmonia.

Fica pois, lyra inutil, pendurada
De secco ramo, ou temperada agora
Em tom mais brando, vai soar tristonha
Em acanhado estylo.

desterro, onde as circumstancia, me não permittem mais por ora ; ousou offerecer-te estes poucos e desvairados versos—*Farpados restos do traquete roto*. Além das poesias originaes, figuram nesta colleção traducções em verso de Ossian, da Theogonia de Hesiodo, Olympicas de Pindaro, Noites de Young, Eclogas de Virgilio, Paraphrase dos Psalmos, etc. Os Srs. Eduardo & Henrique Laemmert fizeram uma 2^a edição (Rio de Janeiro—1861) destas poesias, accrescentando-lhe as odes avulsas do autor e as cantigas bacchicas ; edição nitida, ornada com o retrato do autor, e seguida de sua biographia.

• • • • •
• • • • •
Ah ! Não digas, oh ! zoilo, mal, do vate,
Se ainda se acolhe de Narcinda ao seio
Pois no meio dos sonhos dos amores
Tambem co'a patria sonha.

Para a moleza não nasceu o vate
Em ditosos dias chammejava
Sua alma ardente, de heroismo cheia,
Quando uma patria tinha !

A corda que cicia docemente
Sobre a dourada lyra malfadada,
Otr'ora ousou curvar arco guerreiro,
Vibrar rapida setta.

Os labios, que ora volvem molles versos,
Lá levantar souberam da vingança
Grito tremendo, a despertar a patria
Do somno amadornado !

Mas de todo acabou da patria a gloria !
Da liberdade o brado, que troava
Pelo inteiro Brasil, hoje emmudece
Entre grilhões e mortos !

Sobre suas ruinas gemem, choram,
Longe da patria os filhos foragidos :
Accusa-os de traição, porq'a a amavam
Servil, infame bando.

Ah ! não digas, oh ! zoilo, mal do vate,
 Se aos lares seus não volta acicalado,
 Subito ferro afogaria o grito
 Que pela patria erguesse !

Alli da santa liberdade os filhos,
 Esses poucos que restam, fugidios,
 Vivem inglorios, pois as honras dão-se
 A' perjuros escravos.

• • • • •
 • • • • •
 Que um raio de esperança o fado accenda,
 Que um relampago só penetre as trevas,
 Que o seu Brasil envolvem, nesse instante
 Em pé se alçará forte !

Então seu coração no altar sagrado
 Da liberdade deporá ligeiro
 A branda lyra ; então com nova murta
 Coroará a espada.

Oh ! quanto é forte um vate, se nutrido
 Entre perigos foi ! Se denodado
 Da morte os brados retumbar ouvira
 Com não mudado rosto !

Que um Thrasybulo novo se levante
 C'um punhado de heroes, a tyrannia
 No ensaguentado throno, já ~~instante~~
 Cahirá aos pés exangue.

mutante

.

 Adeus, ó lyra ; basta : já se embruscam
 Cada vez mais os ares :—sombra espessa
 Envolve em torno a placida ramada,
 Em que teu vate geme.

.
 Adeus, emfim, adeus lyra piedosa !
 Ah ! quantas vezes o teu pobre vate
 Ameigava contigo a dôr profunda
 Em desveladas noites ! »

Não ha aqui esse cadenciar harmonioso, essa morbidez e suavidade de fórma, que caracterizam as creações das almas ternas e sensiveis. O pensamento, descompassado como a dôr, vasa-se em moldes incorrectos. Alguns versos são talvez asperos e duros : mas ha nas imagens e nas idéas tal firmeza e elevação de pensamento, que recordam os mais bellos modelos desse genero.

Sente-se o carpir pungente da dôr, o grito omnipotente do proscripto, que se traduz em maldição contra a patria.

Porém o poeta, como o homem justo de Horacio, tem a fronte altiva e desassombrada, e desdenha a adversidade que o tortura.

A mesma valentia de inspiração e altivez de animo

revelam-se ainda em mais subido gráo na sua admiravel ode aos Bahianos :

« Altiva Musa, ó tu, que nunca insenso
Queimaste em nobre altar ao despotismo ;
Nem insanos encomios proferiste
De crueis demagogos.

Ambição de poder, orgulho e fausto,
Que os servis amam tanto, nunca, ó Musa,
Accenderam teu estro — a só virtude
Soube inspirar louvores.

Na abobada do templo da Memoria
Nunca comprados cantos retumbaram
Ah ! vem, ó Musa, — vem, na lyra d'ouro
Não cantarei horrores.

Arbitraria fortuna ! Despresivel
Mais que essas almas vis, que a ti se humilham,
Prosterne-se á teus pés o — Brasil todo,
Eu nem curvo o joelho !

Beijem o pé, que esmaga, a mão q' açoitá,
Escravos nados sem saber, sem brio ;
Que o barbaro Tapuya deslumbrado
O deos do mal adora.

Não — reduzir-me a pó, roubar-me tudo,
Porém nunca aviltar-me, póde o fado
Quem a morte não teme, nada teme
Eu n'isto só confio.

.

Embora nos degráos de excelso throno
 Rasteje a lesma, para ver se abate
 A virtude, que odeia ; a mim me alenta
 Do que valho a certesa !

E vós tambem, Bahianos, despresastes
 Ameaças, carinhos ; desfizestes
 As cabalas, que perfidos urdiam
 Inda no meu desterro !

.

Amei a liberdade, e a independencia,
 Da doce, cara patria, a quem o Luso
 Opprimia sem dó, com riso e mofa.
 Eis o meu crime todo !

Cingida a fronte de sangrentos louros,
 Horror jámais inspirará meu nome ;
 Nunca a viuva ha-de pedir-me o esposo,
 Nem seu pai a criança !

Nunca aspirei á flagellar humanos,
 Meu nome acabe, para sempre acabe,
 Si para o libertar do eterno olvido
 Forem precisos crimes !

Morrerei no desterro, em terra estranha,
 —Que no Brasil só vis escravos medram—
 Para mim o Brasil não é mais patria,
 Pois faltou á justiça.

Valles e serras, altas mattas, rios,
 Nunca mais vos verei—sonhei outr'ora,
 Poderia entre vós morrer contente...
 Mas não—monstros o vedam.

De estranha emulação acceso o peito,
 La me ia formando a phantasia
 Projectos mil para vencer mil ocios,
 Para crear prodigios !

Doces visões, fugi ! Ferinas almas
 Querem que em França um desterrado morra !
 Já vejo o genio da certa morte
 Ir afiando a foice !

Que o Brazil inclemente ingrato ou fraco,
 A's minhas cinzas um buraco negue
 Talvez tempo virá, que ainda pranteie
 Por mim com dôr pungente.

Exulta, velha Europa ! O novo imperio,
 Obra prima do ceo, por fado impio,
 Não será mais o teu rival altivo
 Em commercio e marinha.

Aquelle que gigante inda no berço
Se mostrava ás nações, no berço mesmo
E' já cadaver de crueis harpyas,
De malfasejas furias !

.
Rutilava então no horisonte europeu a aurora da libertação da Grecia. Foi como um raio de luz e de esperança trahido ao seio das angustias do proscripto brasileiro.

Transportado de jubilo e entusiasmo por esse acontecimento grandioso, que rasgara perante a Europa a pagina negra da dominação turca, José Bonifacio afferrolhou no fundo do coração amargurado os males da patria, prendeo aos labios um pallido sorriso de contentamento, e em uma ode inspirada cantou a liberdade d'esse berço prestigioso da civilisação humana :

« Oh ! Musa do Brazil, tempera a lyra,
Dirige o canto meo, vem inspirar-me
Accende-me na mente estro divino
De heroico assumpto digno !

Se comigo choraste os negros males,
Que a saudosa cara patria opprimem,
Da Grecia renascida altas façanhas
As lagrimas te sequem !

Se ao curvo alfange, se ao pelouro ardente
Politica malvada a Grecia rende ;
As bandeiras da cruz, da liberdade,
Farpadas inda ondeiam.

Como as gotas da chuva, o sangue ensopa
Arido pó de campos devastados ;
Como do funéral lugubre sino,
Gemidos mil retumbam.

Perecerás, ó Grecia, mas contigo
Murcharão de Albion honra e renome.

.
.

Não desmaies, porém ; a divindade
Roborará teu braço ; e na memoria
Gravará para exemplo, os altos feitos
Dos illustres passados.

Eis os mirrados ossos já se animam
De Melciades, lá na campã fria
Ergue a cabeça e grito dá tremendo
Para acordar os netos.

Hellenos, brada, o' vós prole divina,
Basta de escravidão, não mais opprobios !
E' tempo de quebrar grilhão pesado,
E de vingar infamias.

Se arrasastes de Troya os altos muros
 Para o crime punir, que amor causára,
 Então porque soffreis ha largos annos
 Estupros e adultérios?

Foram assento e berço ás doutas musas
 O sagrado Hellicon, Parnaso e Pindo:
 Moral, sabedoria, humanidade
 Fez vecejar a lyra.

Ante Hellenicas proas se acamava
 Euxino, Egeo—e mil colonias iam
 Levar artes e leis ás rudes plagas
 E da Lybia e da Europa.

• • • • •
 Se Sparta ambiciosa, Athenas, Thebas,
 O fraticida braço não tivessem
 Em seu sangue banhado, nunca a Grecia
 Curvára o collo a Roma.

• • • • •
 Assás sorvestes já milhões de insultos.
 Já longa escravidão pagou teus crimes,
 O céo tem perdoado. Eia, já cumpre
 Ser Hellenos, ser homens.

Eia, gregos, jurae, mostrae ao mundo
 Que sois dignos de ser quaes fostes antes:
 Eia, morrei de todo, ou sêde livres.—
 • • • • •

..... A Grecia inteira brada :
Ou liberdade, ou morte !

As poesias de José Bonifacio tornam-se notaveis pelo vigor da inspiração, valentia do pensamento e energia da expressão.

O que haverá nas odes de Horacio mais vigoroso do que essa feliz imagem da poesia ?

Nem mil estatuas de fundido bronze,
Nem marmores de Paros
Vencem as iras de Saturno idoso :
Arrasam-se pyramides soberbas,
Sotterram-se obeliscos,
Resta uma Illiada e uma Eneida resta! (21)

XIX.

Em 1829, depois de gemer sete annos no exilio, José Bonifacio retirou-se ao Brasil. (22)

Já então impalledecida a estrella do imperador declinava para o seu occaso.

Os erros politicos da administração haviam trasido

(21) Ode á Poesia, feita em 1785.

(22) O Sr. Porto-Alegre descreve assim o feliz regresso de José Bonifacio : « Ainda me recordo da impressão que fizera sua chegada ! O nome dos Andradas era um nome fascinador para toda a mocidade do meu tempo ; uns descreviam as suas feições e gestos, outros recitavam de cór valentissimos trechos do orador nato, e todos lamentavam sua forçada ausencia ; e eu vos asseguro, senhores, que a primeira vez que vi o veneravel José Bonifacio, beijei-lhe a mão, aquella mão tão alva e tão descarnada, que havia firmado a independencie da minha patria !

(Revista do Instituto, supplemento ao tomo 11, pag. 159.)

o paiz á uma situação anormal. O monarcha ^{achava-se}quasi isolado no seio da nação, em flagrante antagonismo com a opinião liberal, tão poderosa nessa epocha.

Aproximavam-se os dias sombrios da revolução...

Desenganado por uma dolorosa experiencia, havendo já tocado essa quadra fria e tristemente dosoladora da velhice, o illustre proscripto beijou a terra de sua patria, quando já os acontecimentos iam dizer sua ultima palavra.

Conservou-se, nesse pouco tempo, retirado dos publicos negocios, refugiado na solidão de suas sentidas meditações, que mais ainda enlutava a tenebrosa perspectiva do futuro.

A revolução de Abril appareceu.

Nessa crise suprema que ia decidir dos destinos do imperio, na hora solemne em que a adversidade transpunha as avenidas do paço, o monarcha voltou-se para o seu velho amigo, tão injustamente maltratado por elle out'ora, nomeou-o tutor de seus filhos no Brasil, (23) e deixou para sempre a patria, que adop-

(23) « Tendo maduramente reflectido sobre a posição politica deste Imperio, conhecendo quanto se faz necessaria a minha abdicção, e não desejando mais nada neste mundo senão gloria para mim e felicidade para minha patria, hei por bem, usando do direito que a Constituição me concede no cap. 5º, art. 130, nomear, como por este meu Imperial Decreto nomeio Tutor dos meus amados e presados Filhos ao muito probo, honrado e patriotico cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva, meu verdadeiro amigo.

tára ; rasgo de grandesa de duas almas generosas, que se comprehenderam no dia do infortunio !

XX.

Então novas provações, por ventura mais pungente começaram para o illustre ancião.

Desassombrada do unico embarço que a continha, a revolução seguiu seu curso, impellida pela exaltação delirante do triumpho.

O paiz abalára-se profundamente ; e a commoção dos espiritos deixava antever os perigos da situação politica.

Os Andradas haviam sempre desaprovado o movimento de 7 de Abril. D'ahi o perpetuo antagonismo em que se achavam com a nova ordem de cousas ; a antipathia profunda, que lhes votou a revolução. Entretanto, na sessão de 22 de Junho de 1831, José Bonifacio tomou assento na camara como deputado pela Bahia. As suas primeiras palavras por essa occasião proferidas, devem ser aqui lembradas :

« Quem diria, Sr. presidente, que eu, velho e cansado, teria ainda a satisfação de entrar n'este recinto, e de assentar-me neste mesmo banco onde fôra preso e deportado sem crime algum, quando collaborava para a factura da constituição, que o Brazil só tinha

« Boa-Vista, aos 6 de Abril de 1831, decimo da Independencia e do Imperio. Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil.

direito de fazer! Velho e cansado, eu teria bastante motivo para me excusar da honra, que se me quiz fazer, se não fosse também movido pela gratidão para com a briosa provincia da Bahia, que duas vezes luctou contra as cabalas promovidas á impedir que podesse aqui levantar a voz em prol da patria. »

Em uma crise agitada como esta de 1831, a posição de José Bonifacio em frente de um governo hostil, tornava-se sobremodo difficil.

pela Firme em seu posto de honra, velando junto ao berço que lhe fôra confiado, o tutor, olhado sempre com desconfiança e suspeita ~~para a~~ revolução, não tardou em ser arrastado pela lava encandecida das paixões politicas n'essa época de apprehensões sinistras, em que o espirito publico profundamente abalado, de tudo se arreceiava.

Suppondo-o connivente com a *restauração*, o governo suspendeu a José Bonifacio das funcções de tutor, arrancou-o violentamente do paço imperial, e mandou-o conduzir preso, no meio da força publica, á ilha de Pequetá. (24)

XXI.

Deu-se então um d'esses espectaculos da historia an-

(24) Veja-se a este respeito o notavel discurso do Sr. Arcebispo da Bahia na camara dos deputados, sessão de 1834 (pag. 227 da colleccão dos seus discursos parlamentares); e « Defesa do conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva no jury pelo desembargador Candido Ladisláo Japy-Assú.—Rio de Janeiro, 1835.

tiga, em que a ingratição nacional era a coroa de gloria dos grandes homens.

Depois de ver sua casa apedrejada pela populaça, e seu nome coberto de improperios nos asiagos dias de Dezembro de 1833, José Bonifacio, o *crédor* da nacionalidade brasileira, foi arrastado ao escabello dos réos, e ahí respondeu á um processo, que o inculpava de traidor á patria ! *caj*

Honrosamente absolvido, o illustre sabio, sobre cuja fronte cahira por mais de uma vez o raio das tempestades politicas, recolheu-se ao retiro do gabinete na ilha de Paquetá, e ali passou seus ultimos dias; rodeado de seus amigos, entregue todo aos cuidados da sciencia.

A mesma estrella, que lhe rutilára na manhã da vida, veio illuminar-lhe os derradeiros momentos da existencia.

Deos sabe as amargas decepções, a agonia lenta, porque passou esse ancião venerando, maltratado pela ingratição de sua patria, ferido pelo ostracismo por esse mesmo povo que elle arrancára das mãos do absolutismo !.....

Vasada nas rudes provações do infortunio, sua existencia ia terminar. Os corações brasileiros cobriram-se de luto....

No dia 6 de Abril de 1838 falleceu em S. Domingos o conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva. (25)

(25) O decreto de 26 de Abril de 1838, approvado por

Seu corpo embalsamado foi, por disposição testamentaria, remetido a Santos, onde descança na terra humilde de seu berço.

XXII.

José Bonifacio de Andrada e Silva, é o vulto grandioso de nossa independencia. Seu nome perdura eterno nas tradições do povo, e é repetido com religioso entusiasmo por uma nação inteira. Sua vida, agitada por tantas vicissitudes, symbolisa um dos mais brilhantes episodios da liberdade.

A criação de uma nacionalidade, a organização de um imperio, eis sua existencia.

Essa patria que temos, essa nobre liberdade que gosamos e que faz o nosso orgulho, tudo lhe devemos.

E' já tempo de quebrar o silencio criminoso da ingratição e de perpetuar pela voz da historia os feitos brilhantes de nossos maiores.

O passado de nossa terra tem muita grandeza, para que o esqueçamos nós, os herdeiros de tantas glorias.

Todas as nações glorificam os grandes homens de sua patria. Não seremos nós os brasileiros, quem havemos de pagar o beneficio com a ingratição.

Para riscar da face da terra o nome de José Bonifacio, fôra preciso proscrever uma nacionalidade inteira !

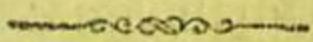
outro de 15 de Junho do mesmo anno, concedeu ás filhas de José Bonifacio uma pensão « em remuneração dos relevantes serviços pelo mesmo conselheiro prestados á causa da independencia do Imperio. »

Nas idades futuras, quando os odios do presente se sumirem no silencio do tumulo, e a historia proferir sua grave sentença sobre o passado, sua figura magestosa assomará no portico de nossa independência, como « *esses gigantes, que a historia profana e sagrada nos pintam no berço da sociedade, e que se amostraram á terra depois do diluvio.* » (26)

E a posteridade admirada, apontando para esse vulto grandioso dirá :

« Eis José Bonifacio de Andrada e Silva !

(26) Chateaubriand—*Estudos Historicos.*



MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, (*)

sem Ha muita vida, muita grandeza ~~no~~ nosso passado.

A historia contemporanea Brasileira é fecunda em gloriosos exemplos, que devem ser religiosamente guardados pela gratidão nacional.

A causa da liberdade no Brasil tem sido illustrada por devoções patrioticas, por sacrificios heroicos. Filhos ingratos, nós renegamos o passado, e olhamos com desdenhosa indifferença para aquelles, que nos legaram uma nacionalidade. A lapida, que encerra os restos de nossos grandes homens, guarda tambem as glorias da patria : entretanto elles ahi jazem no esquecimento, e a geração presente renega o culto do passado para incensar os idolos do dia !

Desde a independencia até hoje ha mais de um exemplo eloquente para attestar a grandeza historica de nossos maiores. José Bonifacio, Martim Francisco, Antonio Carlos, Feijó, Paula Souza, Alves Branco, são nomes, que simbolizam épocas, e hão de repre-

(1) Esta biographia bem como a de Antonio Carlos, Feijó e Evaristo, foram já publicadas em outro tempo. Aqui as dou inteiramente refundidas, sendo que o trabalho sobre Feijó é quasi novo.

sentar com honra o Brasil de hoje perante as gerações futuras.

No grande portico da nossa historia politica avulta a figura magestosa de Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Emquanto a virtude civica fôr honrada e o passado merecer cultos, esse nome viverá nas recordações da patria agradecida. Sua gloria sellou-a já a tradição.

Martim Francisco é um dos apóstolos mais devotos de nossas liberdades, um dos grandes obreiros de nossa independencia. Sua vida é uma reacção contra o passado-colonial, um protesto energico e eloquente contra o absolutismo. Seus longos soffrimentos pela causa do Brasil, o prestigio da proscricção, a probidade e independencia de seu character, o mesmo orgulho de seu merecimento, dão á sua figura proporções grandiosas, que o collocam entre os vultos mais notaveis do paiz.

Os Andradas sublevaram ao redor de si grandes paixões: a missão da historia, porém, não é erguer a lapida do sepulchro para ouvir o écho de odios extinctos; esses morrem com o dia que os vio nascer, e aos archivos de posteridade só passa a verdade despida dos preconceitos do momento.

Investiguemos com imparcialidade os factos dessa existentencia gloriosa, cujos periodos mais importantes se confundem com a historia de nossas liberdades.

14
Jar
Martim Francisco Ribeiro de Andrada nasceu na então villa de Santos, ~~em 1775~~, e foi ahí baptisado aos 27 de Junho de 1775 (2): foram seus pais o coronel Bonifacio José de Andrada, e sua mulher D. Maria Barboza da Silva. Os recursos de sua familia proporcionaram-lhe a vantagem de seguir, com seus dous irmãos, a carreira litteraria. A Universidade de Coimbra abriu-lhe seus thesouros, e ahí obteve Martim Francisco o gráo em mathematicas.

Gemia ainda o Brasil sob o peso do regimen colonial: seus filhos, porém, começavam já de denunciar os assomos da força intellectual, que os animava.

Desde o reinado de el-rei D. João V alargara-se consideravelmente o circulo dos brasileiros, que se dedicavam ás letras, e concorriam com distincção para o serviço da metropole.

O desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, seu irmão o conde de Arganil, reitor reformador da Universidade de Coimbra, José Bonifacio de Andrada e Silva, frei Velloso—o grande botanico, Souza Caldas, Silva Alvarenga, Coelho de Seabra, fecham com honra o seculo XVIII, e abrem com magestade o seculo XIX nos fastos do Brasil.

Martim Francisco pertenceu tambem a essa pleiade brilhante. No anno de 1800 vêmol-o já empregado em excursões scientificas ao serviço da nação portu-

(2) Devo o conhecimento desta data ao Sr. Dr. A. P. dos Santos, que a verificou na cidade deste nome.

gueza ao lado de seu irmão José Bonifácio, e do tenente-general Napion. (3)

O Brasil era então representado com gloria ante a metropole. Nomeado *inspector das minas e mattas de S. Paulo*, voltou á sua patria, todo entregue á vida pacifica do homem de letras, e accumulando com seus estudos esse cabedal de erudição e saber, que devia mais tarde engrandecel-o tanto no theatro da vida publica.

Emquanto a Europa revolvía-se nas crises tormentosas da regeneração social; emquanto o grande homem desenrolava os assombrosos episodios de sua grande epopéa, Martim Francisco entregava-se no Brasil ás peregrinações da sciencia: no meio das trevas espessas da ignorancia colonial, o raio da intelligencia allumiava-lhe a frente, e fazia-o seguir por entre precipicios e brenhas para descobrir a verdade. « Creio, diz elle nesse estylo ameno e facil que o caracteriza, que Kolbe e Vaillant nos aridos e desertos sertões da Africa não acharam tantas difficuldades que vencer, como eu em uma colonia portugueza ha tanto povoada. Se Linneo intentou

(3) Em 1800 José Bonifácio, Martim Francisco, e o tenente-general Napion, fizeram por ordem do governo portuguez, uma viagem minerographica da Estremadura á Coimbra, sendo Martim Francisco o encarregado de escrever os trabalhos da mesma. Este trabalho leu-se na Academia Real de Sciencias de Lisboa em 1812.

suas primeiras viagens á pé, e despiço de todos os meios, eu tambem, para instruir-me conhecendo os productos naturaes desta capitania, tenho arrostado com todos os perigos, cobrindo-me com as folhas da areca oleracea e alimentando-me com o seu palmito, zombando de onças, tão damnosas e malfazejas, andando a pé por entre matas continuas, emmaranhadas de espinhos : tudo isto tolero com gosto, e só me desgosta a escasseza de observações. » (4)

Admiravel poder da sciencia ! Plinio perece devorado pelas chammas do Vesuvio, victima de sua dedicação pela causa da verdade ; Chateaubriand affronta as brenhas e os precipicios, e mede-se com a immensidade das matas seculares do Novo-Mundo para surprehender os segredos da natureza virgem ; Martim Francisco paga seu tributo á sciencia, peregrinando por entre matas para engrandecer sua intelligencia com os thesouros da verdade.

Serenos foram os dias, que passou sob o reinado de D. João VI : o Brasil todo vivia tranquillo sob o regimen do absolutismo, e parecia como adormecido para ganhar forças, com que se empenhasse mais tarde na luta porfiada da Independencia.

Durante esse largo periodo, em que se prepararam

(4) « Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo em 1805, pelo conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, membro honorario do Instituto Historico. » Revista Trimensal, tomo 9º, 527.

os acontecimentos, que deviam mais tarde confundir-se com seu nome, Martim Francisco era ainda o homem de letras, todo entregue ás indagações da sciencia. (5)

Horizontes mais largos, porém, estavam reservados á sua gloria : seu nome estava fadado para inscrever-se nos fastos da Independencia.

A causa da liberdade ia arrancar-o do retiro.

O paiz entrára em uma nova phase : retirado el-rei D. João VI para Portugal, tornara-se a recolonisação do Brasil o alvo politico das côrtes de Lisboa. Os decretos de 29 de Setembro foram o primeiro passo para restabelecer a antiga dominação colonial. O Brasil unisono repellio tão impolitica pretensão. Com seu irmão José Bonifacio concorreu Martim Francisco, á esse tempo secretario do governo provisório de S. Paulo, para essa gloriosa representação de 24 de Dezembro de 1821, que foi o primeiro grito do patriotismo contra a prepotencia da metropole.

Chegado á côrte José Bonifacio foi chamado á gerencia dos negocios publicos, e começou sua grande obra de organizar o paiz no sentido das idéas da Independencia.

(5) Em Março de 1820, José Bonifacio e Martim Francisco fizeram uma excursão montanistica em parte da provincia de S. Paulo para determinar os seus terrenos metalliferos : este trabalho foi impresso no *Journal des Mines*. Veja-se Elogio Historico de José Bonifacio de Andrada e Silva, pelo Sr. Dr. E. J. da Silva Maia, Revista do Instituto, tomo 8º, 116.

O passado, porém, estava ainda em pé : o mando de Portugal dominava. As medidas impolíticas das côrtes haviam lançado o germen da discordia entre os Brasileiros.

Em S. Paulo o movimento retrogrado das idéas lusitanas, apoiado pelo general João Carlos, conseguira entorpecer o progresso da liberdade constitucional, que a nova ordem de cousas tentava plantar no paiz. Como representante das novas idéas; que se encarnaram em José Bonifacio para dar-nos a Independencia, foi Martim Francisco expulso do Governo Provisorio de sua provincia, e conduzido prezo para a côrte. Tal era ainda a força das idéas regressistas.

Chegado ao Rio, aguardava-o o mais brilhante triumpho : seu nome ia ligar-se ao grande drama de nossa libertação politica.

A lucta da Independencia era uma empreza difficil : desorganizado pelas côrtes, o Brazil entrava em combate com uma potencia constituida, que o assenhoreára por trez seculos.

Nessa grande empreza empenharam-se todos os recursos do paiz : provas de extraordinaria firmeza e actividade déra José Bonifacio, conduzindo com prudencia consumada o movimento da Independencia. A época, porém, era critica : as circumstancias do paiz punham em contribuição todos os recursos do politico ; a nova ordem de cousas reclamava sobre tudo um habil financeiro, que pudesse, por acertadas

medidas, fazer face ás avultadas despesas, que exigiam acontecimentos tão extraordinarios : esse homem appareceu em Martim Francisco. A 4 de Julho de 1822 foi chamado ao ministerio da fazenda. O desinteresse e a probidade deram a mão á subidos talentos para firmar sua reputação politica. Apesar dos enormes dispendios da guerra da Independencia, sua probidade e patriotismo acharam recursos para fazer-lhes face sem gravar os cofres da nação (6).

Consumada a Independencia, reuniu-se a constituinte para organizar o pacto da nova associação politica. Martim Francisco foi á ella deputado pelos votos da provincia do Rio de Janeiro. Ministro encarregado de dirigir os destinos do imperio, devia no seio da representação nacional defender os interesses do povo, a causa da liberdade. Essa missão elle a desempenhou com honra.

A energia dos Andradas em uma época critica, travada de paixões e preconceitos de nacionalidades, acarretou-lhes inimigos ardentes : uma opposição surgiu logo na scena politica, que procurava embaraçar-lhes a acção. A 17 de Julho de 1823 o glorioso ministerio da independencia estava fora da administração.

(6) Com os dispendios da guerra da independencia houve na divida publica um accrescimento de dous mil contos : mas, ao retirar-se da administração, deixou Martim Francisco no thesouro uma somma de valores sufficiente para resgatar todo o incremento da divida.

Os talentos dos Andradas, porém, marcaram-lhes ainda um lugar distincto na arena politica. Retirados do poder organizaram essa oppozição vigorosa, que antepunha os recursos da imprensa, a eloquencia da tribuna aos desvios do poder.

Na administração cingira Martim Francisco sua frente com os louros de uma gloria immorredoura; a tribuna reservava-lhe os triumphos da palavra, a preeminencia do orador.

Seu vulto apparece com honra no seio da representação nacional; seus talentos assaguram-lhe ahí o lugar de um de seus caracteres mais proeminentes.

Sua palavra echoava com a magestade do tribuno do povo: no facto de David Pamplona, sua voz elevou-se á altura de uma nobre indignação; nos transportes do patriotismo, elle bradava com energia á assembléa:

« Legisladores! trata-se de um dos maiores attentados; de um attentado que ataca a segurança e dignidade nacional, e indirectamente o systema politico por nós adoptado e jurado. Quando se fez a leitura de semelhante atrocidade, um silencio de gêlo foi nossa unica resposta e o justo receio de iguaes insultos á nossa representação, nem se quer fez assomar em nossos rostos os naturaes sentimentos de horror e indignação. Dar-se-ha caso, que submergidos na escuridão das trevas tememos encarar a luz? Que amamentados com o leite impuro do despotismo amamos ainda seus ferros e suas cadêas? Ou que vergados sob o peso de novas oppressões, emmudecemos de

susto e não sabemos deitar mão da trombeta da verdade, e com ella bradar aos povos: « sois trahidos!...

« Infames! Assim agradecem o ar, que respiram, o alimento que os nutre, a casa que os abriga, e o honorifico encargo de nossos defensores, á que indiscretamente os elevamos? Que fatalidade, Brasileiros! Vivem entre nós estes monstros, e vivem para nos devorarem!... Grande Deos! E' crime amar o Brasil, ser nelle nascido, e pugnar pela sua independencia e pelas suas leis! Ainda vivem, ainda supportamos em nosso seio semelhantes féras!!... » (7).

Esse discurso foi o testamento politico da Constituinte: suas palavras animadas pelo entusiasmo do patriotismo offendido, feriram o poder, e os nomes dos que as proferiram foram inscriptos nas taboas da proscrição: á 12 de Novembro de 1823 a Constituinte era dissolvida á força armada, e Martim Francisco, com seus irmãos e outros patriotas, arrastado ás torturas do exilio!

Emquanto o illustre proscripto, atirado ás plagas do estrangeiro, ia gemer sob o peso do exilio, o poder desenvolvia no Brasil sua vasta rêde de pesquisas, em que tentava colhel-o: a dissolução da Constituinte, fôra apenas um episodio da grande obra emprehendida contra os representantes da nação. O decreto de 24 de Novembro de 1823 instituiu um vasto plano de inquisição politica, que imprimia o

(7) Sessão de 10 de Novembro de 1823. Veja-se *Diario da Constituinte*, tomo 2º, pag. 393.

caracter de criminalidade nos mesmos discursos dos deputados á Constituinte!

Martim Francisco e Antonio Carlos foram comprehendidos na horrorosa devassa, á que então se procedeu. O processo contra elles instaurado é uma excepção, um interregno da Constituição: parece antes um parto do absolutismo dos antigos tempos, do que um documento de uma época constitucional: seus discursos na Constituinte, as cartas por elles escriptas do desterro á sua familia, ahi figuravam como provas de criminalidade; e essas cartas o governo as apprehendera, violara seu segredo, e mandara por portaria de 9 de Outubro de 1824 appensal-as ao processo! (8).

A historia lembrará sempre, como uma feição caracterisca da época, que o ministro, que referendou esses actos, foi um dos redactores da Constituição do Imperio.

Em 1828 estava ultimado o plano do poder: o processo que inculpava Martim Francisco do crime de sedição, ia ser sujeito á relação. O illustre proscripto correu com seu irmão Antonio Carlos ao Rio para defender-se, e, chegando á sua patria, foi encerrado em uma masmorra da ilha das Cobras,

(8) A Ord. liv, 5º, tit. 8º, § 5º e a Const. art. 179, § 27 garantiam a inviolabilidade das cartas. Póde se vêr a marcha deste processo e algumas peças delle na Collecção Nabuco, tomo 4º, pags. 165, 185, 242; tomo 6º, pags. 223 e 262; tomo 7º, pags. 75, 76, 94 á 96.

onde devia espiar o crime de haver amado sua patria (9).

O véo ia rasgar-se, e sua innocencia apparecer em toda a luz. A' 6 de Setembro de 1828, a relação do Rio de Janeiro, firmou a sentença de absolvição (10),

(9) Foi recolhido á prisão da Ilha das Cobras no dia 4 de Julho de 1828.

(10) Eis as palavras do accordão :..... « Quanto aos réos Martim Francisco e Antonio Carlos não se prova de maneira alguma da devassa que assistissem á inculcada conspiração e sedição, e menos que fossem della autores ou promotores os mesmos réos, porquanto as testemunhas, que sobre ella depõem a fls. 99 v., e 104, 110 v., 116, 120 v., 127 v., e 127, 135, 153 v., e 156, juram da publicidade e ouvida vaga; e é bem sabido que em juizo nenhum credito e fé merece um tal juramento; e muito menos á face dos depoimentos das de fls. 106 v., e 120 v.; não sendo dignas de attenção as que affirmam sua existencia pela leitura dos Tamoios, e ouvida das suas fallas na assembléa constituinte, quaes as de fls. v., 103 v., e 122, porque pelas proposições alli ennunciadas não são os ditos réos responsaveis em juizo algum, e pelas doutrinas espalhadas nos periodicos, quando criminosas fossem e elles os verdadeiros escriptores; o que se não prova á vista das variedades de depoimentos das testemunhas fls. 90, 91 v., 87, 102 v., 103 v., 104, 106, 108, 110 v., 113 v., 114 v., e 120. sómente o deveriam ser no juizo dos jurados, unico competente para o conhecimento e punição dos crimes por este meio commettidos na conformidade da lei de 2 de Outubro de 1823. Pelo que pertence porém ás cartas appensas pelos mesmos réos escriptas de Bordeaux ás pessoas de sua familia e amizade neste imperio, ainda que nella se encontram expressões menos decentes contra o supremo chefe da nação proferidas, comtudo, como segundo a doutrina dos mais sabios jurisconsultos taes expressões se não devam reputar injuriosas e diffamatorias por não conterem animo afim de injuriar, o que se manifesta do feito de não serem as ditas cartas

que lavou a affronta feita aos patriarchas da independencia, e os restituiu ao seio de seus concidadãos. Nesse mesmo anno a provincia de Minas, o fóco do civismo naquella época, protestava contra o poder, elegendo para a legislatura de 1830 o patriota proscripto.

Desgostoso, porém, por tantas decepções, leccionado por soffrimentos tão dolorosos, Martim Francisco protestára nunca mais chegar aos labios o calix amargurado da vida publica, que para elle só encerrara o fel da ingratição. « Desde 23 protestei con-

divulgadas e publicadas pelos ditos réos, como bem se prova do depoimento de fls. 206, claro fica que por ellas não devem ser punidos e castigados....

.....

O que tudo visto e o mais dos autos, não se provando absolutamente a existencia da referida sedição, nem que fossem della autores e promotores os réos, accrescendo á esta falta da prova a nullidade, em que labora todo o processo pela falta de corpo de delicto, e por haver sido organizado por um juiz não territorial, o que constitue em verdade um puro juizo de commissão, prohibido pelo decreto de 20 de Outubro de 1823, forçosa é sem duvida a absolvição dos mesmo réos, e mandam que se lhes dê baixa na culpa e pague as custas ex-causa. Rio, 6 de Setembro de 1828.—Como presidente, *Motta*.—*Pinto*.—*Dr. Araujo Tavares*.—*Furtado*.—*Souza*, vencido.—*Freitas*. »

Este processo, com a brilhante defesa desenvolvida pelo Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, corre impresso em folheto. A justiça do tempo desafrontou os homens da independencia; o Sr. D. Pedro I, por mais de um acto significativo e honroso, procurou reparar os effeitos da violencia que praticára: só perante as paixões politicas de hoje os manes d'esses martyres da patria não encontram repouso!

demnar-me á obscuridade ; se esta não basta, o desterro mesmo me será grato, com tanto que d'elle resulte para os meus concidadãos socego e prosperidade. » (11).

Tal foi o voto do cidadão desenganado das cousas humanas.

Em 1830 recusou entrar para os conselhos da corôa, a que o chamava o Imperador, já arrependido de seu erro (12).

A generosidade é o apanagio das almas grandes : Martim Francisco e seus irmãos perdoaram á Pedro I as offensas d'elle recebidas, e foram na adversidade os amigos, que encontrou o Imperador.

Os aulicos, que o perderam, abandonaram o sol em seu occaso, e retrahiram-se ao silencio. Este exemplo deve viver eterno na memoria dos reis.

A gloria mais bella é a que illuminam os raios desmaiados de um astro cadente. Na hora suprema da adversidade a amizade assume a sublimidade de um sacerdocio : Martim Francisco soube ser amigo dedicado no dia do infortunio, elle que no tempo da

(11) Discurso de Martim Francisco na camara dos deputados, sessão de 12 de Maio de 1832.

de 12 830 (12) Na sessão de Maio de 1832 disse Martim Francisco a este respeito : « E como poderíamos ser ambiciosos, eu que, ainda preso na Ilha das Cobras, recusei pastas ; que em 1830 não quizemos organizar um ministerio e collocarmo-nos á testa d'elle ; que finalmente depois da regencia permanente, fui rogado para acceitar a pasta da fazenda ? »

prosperidade só recebêra do monarcha offensas e ingratições. « Tacito dizia, segundo minha lembrança, fallando de Tiberio—*não lhe deví beneficios, e nem-lhe soffrí injurias*; eu direi mais do que Tacito—recusei beneficios; e nunca lh'os pedí; soffrí-lhe com-tudo offensas; mas por estas não era elle responsavel aos olhos da lei, e sobre este crime de seus agentes responsaveis, muito tempo ha, que havemos lançado um espesso véo. » (13) Nessas nobres palavras, que levam comsigo o sello da mais acrisolada longanimidade, está retratado seu character. Levou a fidelidade ao infortunio do Imperador ao ponto de recusar servir sob a regencia, porque acceitando o 7 de Abril como um facto consumado, não queria assumir a responsabilidade de um governo sahido do seio de uma revolução por elle reprovada.

O voto nacional lhe déra um assento no recinto dos legisladores da patria: Restituído ao antigo theatro de suas glorias parlamentares, Martim Francisco desprendeu sua voz poderosa, e oppôz o prestigio de sua palavra á marcha triumphante do governo da revolução. Quando a representação nacional se agrupava ao redor do poder para fortalecel-o na lucta travada com a revolta, elle definia sua opposição nessas palavras notaveis dirigidas ao ministro da justiça Diogo Antonio Feijó:

(13) Sessão de 12 de Maio de 1832.

« Eu não sei qual seja o resultado destas ameaças ; sei porém que esta minoria, fiel ao mandato, que acceitou ; rigida observadôra da Constituição e das leis, sobranceira aos embates da adversidade, sempre surda ás seducções, sempre corajosa e incorruptivel, preferirá antes sepultar-se debaixo das ruinas da liberdade, do que um só momento viver escrava do mais atroz dictador ! » (14)

Ha alguma coragem civica nessa attitude energica por elle guardada na camara temporaria em frente de uma maioria compacta, elle o defensor de uma causa vencida.

Nessa época cheia de apprehensões e de sustos, os actos do tutor pareceram aos olhos suspeitosos da revolução um crime : o governo propôz ás camaras a remoção de José Bonifacio da tutoria.—Martim Francisco occupou a tribuna em defeza de seu irmão, e, inspiradas pelo patriotismo, cahiram-lhe dos labios estas palavras eloquentes que firmam sua gloria de orador :

« Phocio, caminhando para o logar do supplicio, recompensa ordinaria, que conferem ao merito e á virtude republicas degeneradas, dizia ao magistrado, que o acompanhava : magistrado, ensina á mocidade insensata á respeitar a velhice : eu tambem direi da mesma fórma : legisladores, ensinae á este desattento ministro á respeitar a velhice ataviada com os adornos de serviços relevantes, de probidade, e saber.

« Manes dos Washingtons, dos Adams, dos Jeffer-

(14) Sessão de 22 de Maio de 1832.

sons, que diriam vossas grandes almas, se evocadas da região sombria dos mortos, presenceassem um velho respeitavel, e que mais parte teve na Independencia de sua patria, mordido pelo dente afiado de reptís venenosos, e tocado pela baba impura de vis calumniadores! Sem duvida exclamarieis cheios de dôr: Providencia, tu erraste, quando fizeste do Brasil parte integrante do solo virgem da America, porque alguns de seus filhos estão ainda verdes para os gozos da verdadeira liberdade! » (15)

Havia em Martim Francisco esse fogo sagrado das grandes convicções, que é como uma scentelha despreendida do céo para animar a argila humana. Sua palavra traduzia a nobreza de suas paixões, e coloria-se com os brilhantes reflexos de um patriotismo ardente.

As verdades mais duras eram por elle proferidas no calor da discussão com essa franqueza, que só dá a coragem de um character elevado e independente. Dir-se-hia a sinceridade fallando por seus labios.

Tempo feliz esse, em que o ungido do povo, o representante da nação, longe do embate das paixões, como em um augusto sanctuario, elevava a cauza publica á altura de uma religião, e convertia o parlamento em magestoso theatro dos triumphos da palavra, das glorias da patria!

Porque volvestes ao passado, bellos tempos de outr'ora? Porque escondestes na voragem do tumulto esses nomes venerandos, esses vultos magestosos,

(15) Sessão de 22 de Maio de 1832.

que deviam eternos perdurar nos horisontes sem fim da gloria brasileira ?

Durante o tempo da regencia guardou Martim Francisco religiosamente o protesto, que fizera de abster-se da vida publica. Era o patriota desenganado, que no remanso da paz domestica, ralado de desgostos, contemplava com dôr os destinos incertos e por vezes ameaçados de sua patria. Não o dominava essa ambição de mando, que estraga os mais bellos talentos. O unico élo, que o prendia aos negocios publicos, era a sua missão de deputado, e nesse character seus serviços foram relevantes.

Em 1838, quando sobre o restos da democracia se erguera uma nova politica, Martim Francisco engrandeceu com seus talentos essa patriotica minoria, que oppunha na camara os recursos da eloquencia ao poder.

Havia alguma couza de veneravel nessa figura grandiosa, que assomara na tribuna, como esses vultos magetosos da antiga Roma, e deixava cahir dos labios estas graves palavras :

« Que terrivel reminiscencia ! Que extraordinaria coincidencia de acontecimentos oppostos ! Hontem fez annos que a America septentrional tomou assento entre as nações independentes do mundo ; hontem fez annos que ella disse á Europa admirada : Estrangeiros, vinde a meu solo, vinde cultivar todas as artes e industrias, mas como homens da paz, nunca como homens de guerra ; e ella o cumprio. E hoje, nós, constituídos ha 15 annos, nós chamamos estrangeiros

para pegarem em armas em nossa patria ; hoje nós dizemos : Estrangeiros armados vinde ou escravisar o Brasil, ou escravisar o poder !

Eu creio, senhores, estar ouvindo, da campã fria em que repousam as cinzas dos pais da America regenerada, as vozes lugubres de um Francklin, de um Washington : Filhos degenerados da abençoada America, vós chamaes estrangeiros armados ao vosso solo ? Não ; vós não sois brasileiros !..... » (16)

Filhos de uma inspiração poderosa e fecunda, os discursos de Martim Francisco revestiam uma forma brilhante e severa, como se a Providencia lhe confiase o poder de vasar nos moldes da eloquencia esses graves pensamentos, que lhe borbotavam no cerebro !

Na menoridade não havia salvação para o Imperio. O governo da Regencia gravitava sob o pezo de uma missão superior ás suas forças. A maioridade appareceu como o termo dos males publicos.

Nesse grande movimento parlamentar, que investiu o imperador de suas funcções magestáticas, Martim Francisco teve uma parte larga e generosa. De novo o velho patriota desenrolou o pendão de sua eloquencia, e apoiou com o prestigio de sua palavra respeitavel essa idéa, que se antolhava á nação como simbolo da salvação publica. Sua alma arrebatou-se nas inspira-

(16) Discurso de Martim Francisco na camara dos deputados combatendo a admissão de tropas estrangeiras ; sessão de 6 de Julho de 1839.

ções do patriotismo: propugnando por essa idéa, lá lhe escapou um movimento oratorio do mais bello effeito:

« Ah! Senhores, que o respeito ás cinzas do fundador do imperio, que o respeito devido á esta camara, que certa circumspecção por mim adoptada como norma de minha conducta publica e particular, me condemne á um mudo silencio, e não consinta que eu evoque mortos da tranquillidade dos tumulos e os cite perante vós vivos! Sem duvida vos apontaria com o dedo os que fizeram a sua desgraça, e faria suspeitar os que intentam a de seu augusto filho. Senhores, quebrado pelos annos, vergado pelo peso de infortunios e molestias, e retirado inteiramente des'a scena hedionda de intrigas, eu vejo da minha solidão, como em um mar procelloso, outros novos traficantes da fortuna publica, forcejando por assediar as avenidas do throno, e offerecer isca ás paixões nascentes do Sr. D. Pedro II: eú os vejo affanando-se por perder o augusto filho, como out'ora seu augusto pai, e por acarretar sobre o Brasil um sem numero de calamidades: meu coração então se aperta de anxiedade e de susto, e como o elegiaco latino: *Labitur ex oculis nunc quoque gutta meis.* » (17)

A alma do orador parecia exhalar-se nestas expansões de patriotismo.

E depois, que nobreza de sentimentos, que elevação d'alma nesse voto, que dirige á camara pela maioridade!

(17) Discurso de Martim Francisco na camara dos deputados, sessão de 16 de Julho de 1840.

« Quero que o monarcha suba ao throno, não por amor do poder, porque nunca o procurei, nem procuro; não por amor de honras, pequenos nadas, futeis frivolidades da vaidade humana, porque eu—tenho titulos meus nas acções minhas; não por amor de riquezas, paixão baixa e vil á que nunca queimei incenso; mas por amor da patria, paixão nobre, que arde em meu coração—pura como o fogo de Vesta. Quero o monarcha no throno, porque estou persuadido de que elle será o anjo da paz, o que virá salvar-nos do abysmo, que nos ameaça; quero que o monarcha suba ao trono, porque supponho que é a unica medida que póde trazer remedio aos nossos males; quero que o monarcha suba ao throno, porque amo a esta augusta familia, senhores, para cuja defeza e gloria tenho contribuido com todo o cabedal das minhas forças.

« Quero finalmente, para cumprir uma promessa dada á um respeitavel velho que jaz hoje na eternidade, meu fallecido irmão, tão injustamente maltratado por tantos, o qual, no resto de seus dias, affirmava não poder morrer feliz senão vendo o Sr. D. Pedro II no throno, e o systema constitucional consolidado. Senhores, se eu consigo isto, meus votos estão satisfeitos; e cheio de jubilo posso exclamar com o poeta: Oh! patria, inda esta gloria me consentes! » (18)

O voto do patriota cumpriu-se: á 23 de Julho de 1840 a maioridade era uma realidade, e o illustre paulista era com seu irmão Antonio Carlos chamado aos conselhos da corôa pelo joven imperador. O mes-

(18) Discurso na camara dos deputados; sessão de 26 de Julho de 1840.

mo genio, que tinha assistido o imperio nos dias da independencia, fôra pela providencia fadado para inaugurar o reinado do segundo imperador, atravessára 18 annos de infortunio para cumprir sua missão, e finda ella nada mais lhe restava sobre a terra. Em menos de 9 mezes deixou o poder e nos poucos dias que viveu, guardava-lhe ainda a adversidade seus soffrimentos para coroal-o martyr da patria.

Martim Francisco vira com dôr a marcha dos negocios publicos em 1842: na assembléa provincial de S. Paulo, o patriotismo lhe arrancára essas palavras animadas que mostravam todas suas apprehensões pelos destinos do paiz:

« Eu não descreverei o ministro da guerra, outrem o fará por mim. Sombra respeitavel do augusto fundador do imperio! Eu vos evoco, fallai, dizei quem é este homem: escutai senhores:—este homem teve o arrojo, teve a temeridade de propôr no anno de 1828, em sessão do conselho de estado, que eu me declarasse absoluto; este homem forçou minha augusta esposa á entrar desgrenhada pela salla do conselho e a pedir-me banhada em lagrimas, que não perdesse o Brasil, que não fizesse a minha desgraça e a della; este homem!... Basta, senhor, voltaí á vossa morada de paz e felicidade—vós o ouvistes, eis o ministro da guerra! »

A revolução de 1842 trouxe a Martim Francisco dissabores profundos, que amarguraram os ultimos dias de sua existencia agitada.

Dous annos depois desse acontecimento fatal falle-

cia (19) em Santos no dia 23 de fevereiro de 1844, um veneravel velho, cujo nome recordava as glorias da independencia, e cujo passamento obscuro traduzia uma viva exprobração á ingratidão de sua patria: era o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

De uma severidade de costumes superior á toda seducção (20) conservou-se sempre pobre, sem honras e baixou ao tumulo apenas com o habito de christo do tempo colonial ao peito. Para sua gloria porém bastava-lhe seu nome.

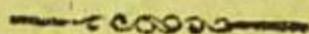
Esse nome symbolisa a epoca grandiosa da independencia, as virtudes civicas do cidadão. Sua vida fôra travada de soffrimentos e de dôr; seus dias amargurou-os a ingratidão dos contemporaneos.

(19) Em seu leito de agonia, pouco antes de morrer, despedindo-se de um velho amigo disse-lhe Martim Francisco: « Meu amigo, disei á quem por mim vos interrogue, que visitastes um cadaver! » (*O Nacional* de 24 de Fevereiro de 1844.)

(20) Fazendo o elogio historico do conselheiro Martim Francisco na sessão anniversaria do Instituto Historico de 14 de Dezembro de 1844. o Sr. Porto-Alegre com a sua eloquencia animada disse: « Homem exemplar na rigidez de seus costumes, na severidade de suas acções, na decencia de suas palavaas, na amenidade do seu trato e no amor paternal; phisionomia d'aguia, talhado á antiga, elle era um typo desses homens raros..... O conselheiro Martim Francisco tinha o privilegio desses sitios amenos onde um ar saudavel purifica o sangue e dá á alma sensações nobres e innocentes: o seu commercio tinha alguma cousa de santo, derramava no coração virgem da mocidade o entusiasmo e a esperanza sobre o futuro da patria. »

(Revista do Instituto, 6º, supplemento, pag. 44.)

Sobre seu tumulo, porém, brilha hoje o sol de sua gloria. Ante o juizo da posteridade desapareceram as paixões do dia, e o seu nome perdurará sempre entre os brasileiros como um modelo de austeridade de catacter, de circunspeccão e de amor patrio.



ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA
MACHADO E SILVA. (1)

« Eu passarei á posteridade como
« o vingador da dignidade do Brasil.»

(Discurso de Antonio Carlos na
Constituinte: sessão de 10 de No-
vembro de 1823.)

No meio das grandes peripecias do drama social ; nas oscillações tempestuosas que sohem sempre acompanhar a infancia das nações que se constituem, a Providencia não abandona a humanidade. Quando os destinos da sociedade, agitados pela luta das paixões, vacillam incertos a perderem-se nos abysmos da dissolução, ella envia á terra esses apóstolos predestinados, a quem entrega o verbo de uma nacionalidade nascente, e confia-lhes a missão de dirigir as gerações, que timidas tacteam o caminho apenas encetado da existencia. Sua passagem na terra é como um clarão lu-

(1) Veja-se a necrologia do conselheiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva no *Anuario politico, Historico e Estatistico do Brasil*, 1º anno, 1846, pag. 469 ; *Elogio historico geral dos membros fellecidos do Instituto*, na sessão anniversaria de 9 de Setembro de 1847, a *Revista Trimensal*, 11, pags. 153 a 161 ; e o seu *Elogio biographico* pelo Dr. Antonio Pereira Pinto, mesma *Revista*, 11, pag. 206.

minoso atravez dos acontecimentos, que os circundam. Engrandecidos pela consciencia de sua elevada missão elles atravessam com serenidade impassivel o tumultuar das paixões, que ao redor delles se desencadeam, e realisam seu destino com a omnipotencia das grandes convicções. Em suas frontes, ungidas pela gloria, está estampado o sello da grandeza. Seus passos são marcados com os beneficios, que derramam, com o heroismo, que os engrandece.

O infortunio e o soffrimento conferem-lhes ás vezes a corôa do martyrio ; e a gratidão dos povos colloca seus vultos venerandos no templo da patria, allumia-dos pelo irradiar de uma gloria infinda.

Tal foi Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.

Patriotismo ardente, provado nas lutas do despotismo ; character romano, temperado nas provações do infortunio ; coragem civica levada até o heroismo ; consciencia nobre e orgulhosa de seu merecimento ; alma volcanica, exaltada pela perspectiva da gloria ; tudo concorreu para tornar Antonio Carlos o homem do povo, o tribuno gigante de nossas liberdades. Sua imaginação rica e fecunda, sua variada e brilhante erudição, a energica vivacidade de sua expressão, seu mesmo busto magestosamente talhado — illuminado pelo raio de um pensamento viril, tudo assegurou á sua palavra essa omnipotencia grandiosa, que força as convicções e arrastra os espiritos. Os talentos da elo-

quencia brilhavam-lhe na fronte sulcada pelo infortúnio e cada debate era um trophéo, cada discurso um louro, que ajuntava á sua corôa de orador. Sua palavra autorisada dominava as discussões e intervinha para decidir o pleito, como o raio rebenta entre trevas para desfazer a tempestade e serenar o horisonte. Quando occupava a tribuna, suas palavras, incendiadas pelo enthusiasmo, rebentavam em borbotões, e vasavam se nos moldes de uma eloquencia animada no fogo sagrado do patriotismo.

Dir-se-hia, que ellas levavam comsigo a scentelha, que lhe ardia no cerebro.

Foi o vulto gigante das côrtes de Lisboa, o orador mais proeminente da Constituinte; e em nossa galeria parlamentar ninguem lhe disputa a primazia. Seu nome é um monumento nos fastos da patria; e pois reivindical-o do olvido é restaurar um monumento de glorias, esquecido pela ingratição dos contemporaneos.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva nasceu na, então, Villa de Santos, no dia 1º de Novembro de 1773; foram seus pais o coronel Bonifacio José de Andrada, e sua mulher D. Anna Barbosa da Silva.

Feitos seus primeiros estudos em sua terra natal, foi sua educação literaria conferida aos cuidados do virtuozo Bispo D. Fr. Manoel da Ressureição, o mesmo que abrija a José Bonifacio os thesouros da intelli-

gencia. Munido desses principios, que faziam-lhe já antever os segredos da sciencia, seguiu para Coimbra, o theatro dos talentos brasileiros n'aquelle tempo, e ahi obteve com a-signalado aproveitamento o gráo de bacharel em direito. Sua intelligencia, desabrochada sob o sol dos tropicos, robusteceu-se com os variados estudos da historia e da literatura, e adquirio esse brilhante cabedal de erudição, que era como o preludio do grandiozo futuro, que o aguardava.

Concluidos seus estudos, começou seu tirocinio na carreira publica; depois de haver servido o lugar de juiz de fóra em Santos, foi promovido á ouvidor e corregedor da comarca de Olinda, sendo logo depois elevado á cathegoria de desembargador da relação da Bahia.

Seu destino porem estava escripto nas paginas do porvir, não o talhára a Providencia para seguir placido e sereno a vida impasivel do juiz; fadava-o para ser o heróe de uma nacionalidade. Sua existencia devia reflectir as oscillações, que caracterisam as grandes épocas, e soffrer as duras provações, que engrandecem os filhos da liberdade.

Em 1817 Pernambuco cansado sob o peso de um absolutismo sem grandeza, recordou as tradicções de sua historia, e levantou um grito prematuro em prol da independencia da terra de Santa Cruz. Antonio Carlos não trocou a toga do juiz pela opa do tribuno. Sua intelligencia e seu coração negaram-se á um mo-

yimento, generoso embora, mas que o lugubre exemplo de um passado ainda recente, augurava que havia de ser esmagado sob a acha implacavel do poder, e que o sangue de novas victimas viria juntar-se ao cruento supplicio do Tira-Dentes. (2)

Sua fidelidade entretanto foi posta em duvida por um poder suspeito, e das mãos do algoz só o salvou o seu destino providencial.

Atirado em lobrego segredo no calabouço das Cinco Pontas, quando, certo de sua innocencia, fôra voluntariamente appresentar-se ao governo da capitania, Antonio Carlos estava votado á mesma sorte, que pezou sobre o Padre Roma e tantas victimas infelizes, que cahiram sob o gladio do absolutismo.

O soffrimento exalta e depura as grandes almas ; os caracteres superiores contam seus triumphos pelos dias de tribulação. Longe de recuar espavorido diante do cadafalso, seu espirito antolhou a palma sublime do martyrio ; e a resignação e a coragem civica converteram-lhe a agonia do suppliciado em um cantico de inspiração altiva :

« Sagrada emanção da divindede.

« Aqui do cadafalso eu te saúdo ! (1)

(2) Antonio Carlos foi nomeado *conselheiro do governo provisorio*, estabelecido pela revolução : mas não acquiesceu á esta, como o mostrou em sua defeza por occasião do processo que contra elle foi instaurado ; o mesmo asseverou na sessão da camara temporaria de 10 de Junho de 1840.

1) Nem com ^{to}o nem. nem nevezes mudo.
Fui teu notario e sou oh liberdade!

- • , • • • • • • • • • •
 • • • • • • • • • • • • • •
- « Livre nasci, vivi, e livre espero
 « Encerrar-me na fria sepultura
 « Onde imperio não tem mando severo
- « Nem da morte a medonha catadura
 « Incutir pode horror n'um peito féro,
 « Que aos fracos tão sómente a morte é dura ! (3)

O solo do Brazil não manchou-se com esse crime : o patriota resignado, que vira despontar-lhe o sol da gloria detraz do cadafalso, teve sua cabeça salva ; sua missão não estava ainda cumprida. Sua dedicação pela cauza da liberdade ia soffrer a provança da adversidade para mais acrisolar-se. Transportado aos carceres da Bahia, mais de quatro annos gemeu nas torturas da prisão.

Os seres predestinados, porem, imprimem o sello de sua grandeza em todas as situações de sua vida. A masmorra, o lugar do crime e do vicio, converteu-se para Antonio Carlos em theatro de brilhantes virtudes. Sua intelligencia, comprimida pela mão de ferro do poder, não apagou-se nas trevas que o cercaram : foi um raio luminoso levado ao canto escuro da prisão. Seus companheiros de infortunio, elle os enriqueceu

(3) Este soneto foi publicado no n.º 488 do *Ypiranga*, periodico politico de S. Paulo, de 7 de Setembro de 1854,

com os thesouros da sciencia, e derramou sobre elles a resignação de sua alma impassivel. (4)

Quanta grandeza encerrada no ambito estreito de uma masmorra !

Quanta elevação no soffrimento !

Quanta sublimidade no martyrio !

O orgulho nacional deve despertar-se ao influxo benefico desses grandes exemplos de nossa historia, que energicamente proclamam a magnaminidade do character *brasileiro*.

Mais de uma epopéa de heroico soffrer tem no Brazil illustrado as profundezas tenebrosas da prizão. Claudio Manuel da Costa, esse genio destitoto, cuja

(4) Consignando este facto em seu eloquente discurso sobre os socios fallecidos do Instituto, diz o Sr. Porto-Alegre: « Novo Socrates, ungiu seus labios com os dictames sagrados da sciencia, e entre a morte e a liberdade, entre o patibulo e a esperança, senhoreando todos os azares, jámais vergou seu animo ante os horrores de um futuro ameaçador. Alli no lugar do crime, naquelles muros ennegrecidos pelo halito das blasphemias dos condemnados, por mãos conspurcadas de sangue, pelo roçar de corpos impuros; alli placido, resignado, abriu de seu cerebro os cofres do seu engenho, pousou em seus labios o cirio de sua palavra luminosa, e instruiu seus socios de desgraça no estudo das linguas, da historia, e das sciencias sociaes e philosophicas. Homens até alli votados á servidão sahiram do carcere instruidos, purificados, e capazes de se aperfeicoarem nas sciencias e no magisterio..-

..... Este facto é tão sublime, tem rasgos tão gigantes. cos, eleva tão alto o character brasileiro, que occupará sem duvida a musa dos futuros engenhos e os pinceis dos nossos vindouros artistas. » Revista Trimensal do Instituto, 11, pags. 155 a 156.

alma exhalava-se em hymnos de suave melancolia, entoou entre grilhões o canto da agonia, e, resignado poz termo a sua existencia, quando vio que apagava-se a luz, que a illuminava, a liberdade.

Gonzaga, o cantor melodioso, que sonhara um paraizo nos braços de sua querida Marilia, que enlaçava as inspirações do poeta com a cauza de seu paiz, foi, coitado ! gemer suas poezias plangentes estreitado entre quatro paredes ennegrecidas, no meio dos gemidos de proscriptos ! Antonio Carlos, privado da liberdade, vigiado por bayonetas, assumio o sacerdocio augusto da palavra, purificou o crime, e sagrou ao serviço da patria seus dias amargurados, quando ella lhe imprimia na fronte o ferrete da ignomia !

Sua grandeza d'alma pareceu sublimar-se no infortunio. Ao rei, que acenara-lhe com a liberdade, se pedisse perdão, respondeo com a dignidade da innocencia : *que perdão só a Deus de seus peccados, e ao Rei só pedia justiça.* Essas palavras notadas ~~as~~ attestam a *ver* nobreza do seu character.

Essa iniciação dolorosa da adversidade devia ter um termo : não podia terminar seus dias em uma masmorra, aquelle, que estava destinado á inscrever seu nome no grandioso monumento da creação de um Imperio. Antonio Carlos adormeceu nos horrores do calabouço, e no dia seguinte viu saudal-o o sol da liberdade, e apontar-lhe para as côrtes portuguezas, como para o theatro de suas glorias. Sua estrella

obrumbrada na America, rutilara refulgente em Portugal.

Reconhecido innocente, e proclamado o systema constitucional pela revolução do Porto, foi o illustre Paulista eleito deputado por sua provincia ás côrtes de Lisboa. Do antro escuro da prisão, o destino fel-o passar para o sanctuario augusto do legislador. Ahi sua voz desprendeuse magestosa como a do filho da liberdade, e fez ouvir sua palavra eloquente em defeza de uma causa proscripta, emquanto não lhe chegava o dia de crear uma patria para sagrar-lhe o culto de sua intelligencia, as pulsações valentes de seu coração.

A grande epopéa da independencia começava á desenrolar seus largos episodios. Arrastado pela cegueira do interesse, Portugal tentava escravisar o Brasil, como outr'ora Xerxes lançar cadêas ao mar. O genio da liberdade americana, tres seculos encadeado pelo absolutismo, sacudio seus pezados grilhões, e arrojou-os quebrados aos pés de seu injusto dominador.

A metropole estremeceu de colera; o congresso portuguez trovejou ameaças contra o Brasil. Era uma lucta de morte.

Antonio Carlos ergueu-se como um gigante, e oppôz o poder de sua palavra fulminadora á arrogante prepotencia dos deputados portuguezes. Baldado esforço! Força nenhuma humana pôde desvendar os

olhos ao fanatismo politico, e conter-lhe os desvios : a luz da razão lhe é desconhecida.

Vendo os primeiros arrebóes da liberdade dourarem as plagas de sua querida patria, deixou um paiz surdo á voz da prudencia, um paiz, em que seu patriotismo exgotava-se em baldadas, posto que generosas, tentativas para abater o poder da força, e o despotismo do numero. Negou sancionar com sua approvação essa Constituição das côrtes, que fazia desaparecer nossa nacionalidade, declarando a destituição do rei, se viesse para o Brasil; em Outubro de 1822 a Inglaterra, asylo classico dos foragidos filhos da liberdade, recebia em seu seio o illustre brasileiro, acompanhado de seis dignos deputados, cujos peitos pulsavam com igual ardor, pelo engrandecimento de sua patria.

No Brasil já o systema constitucional começava á fructificar; estava convocada a Assembléa Constituinte, encarregada de organizar o novo Imperio. Ainda em Inglaterra foi Antonio Carlos á ella deputado pelos suffragios de sua provincia, e chegando á sua patria, foi tomar assento no seio da representação nacional. Novo theatro desdobrou-se para o portentoso orador das côrtes de Lisboa.

Quando o paiz, longo tempo adormecido sob o jugo de um captiveiro inglorio, despertou-se aos doces accents da liberdade, o seu vulto grandioso desenhou-se com magestade no horisonte da patria.

Antonio Carlos foi na Constituinte a encarnação viva da reacção nacional, que se erguia energico contra o passado para abater o absolutismo. Dir-se-hia o genio altaneiro da liberdade, que quebra as cadêas em civico denodo, e recupera seus direitos postergados. Sua palavra traduzia as arrojadas inspirações de um patriotismo ardente: parecia que o sol dos tropicos depositára em sua alma o raio vivificante de sua luz animadora.

Sua imaginação brilhante e fecunda communicava á seus discursos uma energia e vehemencia do mais bello effeito. Fallando do barbaro alvará de 30 de Março de 1818, a indignação do patriotismo arrancou-lhe essas energicas palavras. « *Steterunt comœ, et vox faucibus hæsit.* » Pareceu-me ver nelle os ultimos arrancos do assustado despotismo, que certo de largar para sempre o ensanguentado assento, que para desgraça do Brasil tanto tempo occupára, queria ao menos na sua quéda rodear-se de victimas e de sangue! (5)

Ao lado desse poder da palavra, dessa eloquencia superior, que constituia sua preeminencia, brilhava o talento do publicista, robustecido por um estudo profundo e severo. Encarregado pela assembléa da honroza tarefa de elaborar com outros dignos deputados o projecto de constituição, que devia reger o Imperio,

(5) Sessão de 17 de Maio de 1823, *Diario da Constituinte* n. 10.

redigiu esse trabalho luminoso, que será sempre um padrão de gloria para seu nome, e um monumento imperecedouro de suas crenças liberaes.

Uma aureola de brilhantes glorias veio cingir a fronte do patriota, que sagrava o culto de seu coração, os recursos de sua intelligencia ao engrandecimento de sua patria. Feliz quadra essa, em que a esperança vigorosa da primeira idade, alentada pelas crenças da liberdade operava a grande obra da regeneração politica do Brasileiro no meio dos applausos jubilosos de uma nacionalidade nascente !

A primeira phase da constituinte porém limpida e risonha, ia desapparecer, apagada nas trévas de um fucturo assustador. A quéda dos Andradas produzira esse fatal estremecimento, que abalára profundamente o paiz, vacillante ainda.

Antonio Carlos arrastrado por seu genio fozozo, pelo ardor de seu patriotismo, fulminou na imprensa e na tribuna a marcha de um poder, que desenhava em seus actos uma reacção aos principios politicos, por elle professados.

No meio desse exaltamento, um facto, acompanhado dos mais tristes episodios, veio despertar-lhe o espirito, e avivar-lhe as apprehensões do patriotismo. Um Brasileiro foi aggreddido e gravemente ferido por dous officiaes portuguezes. O facto revestio, pelas circumstancias do tempo, o character de uma offensa eita á nacionalidade. Foi uma scentelha atirada ao

tumultuar ardente da alma apaixonada de Antonio Carlos. Seu coração revoltou-se, e do alto da tribuna elle lançou ao paiz essas palavras de indignação, que pareciam queimar-lhe os labios quando as proferia :

« Como, Sr. Presidente, lê-se um ultrage feito ao nome Brasileiro....., e nenhum signal de marcada desapprovação apparece no seio do ajuntamento dos representantes nacionaes ?...

.

 Morno silencio da morte, filho da
 coacção, pêa as linguas ; ou o sorriso, ainda mais cri-
 minozo, da indifferença salpica os semblantes. Justo
 céo ! e somos nós representantes ? Não ! não
 somos nada, se estupidos vemos, sem os remediar, os
 ultrages, que fazem ao nobre povo do Brasil estran-
 geiros que adoptamos nacionaes, e que assalariamos
 para nos cobrirem de baldões
 os cabellos se me ir-
 riçam, o sangue ferve-me em borbotões á vista do
 infando attentado, e quasi machinalmente grito—vin-
 gança ! Se não podemos salvar a honra Brasileira, se
 é a incapacidade e não traição do governo, quem
 acoroça os scelerados assassinos, digamos ao illudido
 povo, que em nós se fia : « *Brazileiros ! nós não
 vos podemos assegurar a honra e vida ; tomae vós
 mesmos a defeza da vossa honra e direitos offen*

didos! Mas será isto proprio de homens, que estão em a nossa situação? Não. ao menos eu trabalharei, emquanto tiver vida por corresponder á confiança, que em mim pôz o briozo povo Brasileiro. Poderei ser assassinado: não é novo que os deffensores do povo sejam victimas do seu patriotismo; mas meu sangue gritará vingança! e eu passarei á posteridade como o vingador da dignidade do Brasil. (6)

O poder estremeceu ante essa indignação omnipotente do patriota, e jurou suffocar nos antros da marmorra essa voz poderosa, cujos echos repetiam sua condemnação. Assestou-se a força armada para dispersar os representantes do povo: na hora suprema da agonia, quando a acha do poder pendia sobre a Assembléa, essa glorioza Constituinte, que proclamava como um dever de cidadão o morrer pela patria (7) acceitou resignada o sacrificio, e alluminou seus ultimos dias ao clarão de uma gloria immorredoura! E nós, em criminoza ingratição, esquecemos esses episodios grandiozos de nossa historia, essa epopéa de civismo romano, e só temos para o passado um estúpido rizo de desdem!

(6) Sessão de 10 de Novembro de 1823.

(7) O art. 33 do *Projecto de Constituição da Constituinte* era assim concebido:

« E' dever de todo o Brasileiro:

I.

II.

III Defender pessoalmente sua patria, ou por mar, ou por terra, sendo para isso chamado, e até morrer por ella, sendo preciso!!

Antonio Carlos foi um daquelles á quem o poder conferiu a corôa do martyrio.

Prezo ao sahir da Assembléa (8) foi arrastado aos carceres, e dahi atirado violentamente nas plagas do estrangeiro.

Uma sina mysterioza, uma sorte impiedosa parece perseguir na terra os filhos da liberdade. O sello do infortunio foi-lhes impresso na fronte no dia do seu nascer. A grandeza está enlaçada com o martyrio.; o symbolo do heroismo é sempre uma corôa de espinhos. Cormenin teve um presentimento profundo da mysterioza afinidade que liga a virtude e o soffrimen- tor quando, alinhando o busto monumental de Dupont de l'Eure e descrevendo-lhe o character venerando, disse, *que á sua virtude, para ter não sei que de perfeito e de completo, faltava apenas um pouco de proscricção, que entretanto não lhe desejava* (9).

Mais de quatro annos gemeu o illustre proscripto em França, lamentando nas dores do exilio os males que ameaçavam sua querida patria.

Em 1828 foi-lhe dado voltar ao Brasil, não como o homem restituído á liberdade para saudal-a em jubilozo enthusiasmo, mas para entrar no escuro se-

(8) Foi nessa occasião, que passando em frente de uma grande peça de artilharia, postada á porta da assembléa, e fazendo-lhe uma cortezia profunda, Antonio Carlos proferiu estas palavras sarcasticas, conservadas pela tradicção popular:

« Respeito ao soberano do mundo. »

(9) Timon. *Livre des Orateurs*. 2º, Laffite.

greto de uma prisão sob o pezo de um processo, que procurava imprimir o ferrete do crime na fronte laureada com as glorias da independencia. Proclamado innocente pela Relação da côrte á 6 de Setembro de 1828, volveu a sua terra natal, a villa de Santos, para ahi repouzar, em quieto abrigo, das vicissitudes de uma vida tempestuoza, amargurada pela ingratição de seus concidadãos.

E sua patria não soube acolher o filho perseguido que corrêra a buscar um asylo em seu seio. A provincia da Bahia pagára a José Bonifacio o tributo de gratidão nacional, e o ministro da independencia apparecêra, como uma gloria do passado, na Legislatura de 1830 Minas dera a Martim Francisco uma voz no parlamento, e o congresso dos legisladores retumbou com os echos de sua palavra magestoza. Antonio Carlos, o heroe propugnador dos direitos do Brasil, que affrontára as iras da metropole para nos dar uma patria, o portentozo orador da Constituinte, teve em recompensa de seus serviços o esquecimento, e a ingratição.

Mesmo no retiro os destinos de seu paiz occupavam a mente do patriota proscripto na obscuridade. Seu patriotismo, mais de uma vez provado em crises difficeis, não podia testemunhar com impassibilidade o funebre espectaculo que ante seus olhos desenvolvia. Essa patria, que se erguêra ao som de sua palavra poderosa, que lhe custára as dôres do exilio, elle a via abysmada em um pelago insondavel de

desgraças. O primeiro imperador abdicára, e o novo imperio, apenas sahido do berço, antolhava com dôr os males sinistros de uma longa minoridade.

O espirito nacional abalado pela repercussão do 7 de Abril, abandonado á si mesmo, reflectia a divisão, que produzira nos animos a queda do ex-imperador. Tres partidos politicos desenhavam-se no paiz, e tentavam a posse de um poder enfraquecido pela revolta.

Os Andradas guardaram generosa fidelidade á D. Pedro e affrontaram em sua defeza as paixões do dia, os odios implacaveis da exaltação politica.

Nomeado pela regencia enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á côrte de Londres, Antonio Carlos declinou de si essa commissão para não participar dos fructos de uma revolução que lhe despertava as apprehensões do patriotismo.

O paiz oscillava então no meio dos receios melancolicos do futuro.

Sahido do seio da revolução, o governo da regencia caminhava vacillante e tremulo no meio dos sombrios terrores da dissolução politica.

A revolta erguia-se em todos os pontos do imperio.

Os animos dividiram-se, como acontece nas grandes crises, e o arrastamento das paixões, encandecidas agora pela lava revolucionaria, produziu no paiz a lucta das dissensões civis.

Impressionados por esses acontecimentos, julgando na fraqueza da regencia antever a ruina da patria, alguns espiritos mais timoratos volveram os olhos para o passado, e conceberam o pensamento ante-nacional de restaurar o governo do ex-imperador.

Foi um grande erro politico dessa epocha.

Na situação critica do paiz, cumpria aceitar o facto consumado, reunir-se á essa gloriosa cruzada de civismo, que nos salvou nos dias tempestuosos da grande lucta.

Alma ardente e arrebatada, Antonio Carlos deixou um momento eclipsar-se em seu espirito a luz da razão politica, em 1833 partiu para Europa com o fim de trazer ao Brazil o Duque de Bragança. (10).

Felizmente para o paiz esse passo imprudente não teve resultado; e as sinistras apprehensões da restauração não tardaram em desvanecer-se.

Em 1835 voltou ao Brasil. Sua provincia lembrou-se então posto que tarde, do filho esquecido, e pagou-lhe o tributo de sua gratidão, elegendo-o deputado á legislatura de 1838.

Pela primeira vez, após uma ausencia de longos annos, sua voz saudosa ia echoar no augusto recinto dos legisladores. Não era o novel parlamentar, que vinha balbuciar na tribuna a palavra de suas timidas inspirações. Era o patriota, encanecido no serviço de

(10) Veja-se o *relatorio do ministerio do império* de 15 de Maio de 1844; *Colleção Nabuco*, tomo 9º, pag. 205.



seu paiz, que gemera dias amargos na terra do estrangeiro; e voltara com a fronte irradiada pelas glorias da proscricção.

Sob aquella corôa de cabellos brancos agitava-se ainda o mesmo pensamento viril, ardia o mesmo fogo de inspiração, que era o sagredo de seu poder na tribuna.

Antonio Carlos appareceu com magestade no antigo theatro de suas glorias, e parecia haver-se engrandecido com as lutas do soffrimento. Sua palavra era fecunda de graves pensamentos, e sob suas fulminações omnipotentes o poder recuava terrificado. Essa brilhante opposição de 1838, que conquistou em nossa historia parlamentar um lugar de honra, e procurou suster a democracia ferida pela reacção monarchica, essa opposição engrandecida pelos talentos dos Alvarés Machados, Martim Francisco, Montezuma, Limpo de Abreu, teve por luzeiro de seus triumphos a palavra luminosa de Antonio Carlos. (11)

Um dia sua eloquencia devia abater sob seus golpes audaciosos esse governo, que vergava sob o peso de uma tarefa superior ás suas forças, e abrir uma nova época nos destinos do paiz. Os grandes oradores são os arbitros dos imperios. Os discursos de Mirabeau desmoronaram um throno secular; e suas palavras

(11) A' principio Antonio Carlos apoiou o ministério de 19 de Setembro de 1837; porém não tardou em passar-se para a opposição.

cheias de fogo, como sahidas de um volcão, converteram-se em outros tantos factos sociaes, que mudaram a sorte da especie humana. A' eloquencia de Antonio Carlos faltava esse triumpho soberano, que devia provar, que confiando-lhe o poder da palavra, Deus lhe dera o verbo de uma nacionalidade e o sceptro da situação.

A maioria appareceu como a estrella que propicia rutilava no horisonte do Brasil; á sua luz radiosa surgiu a personalidade politica de Antonio Carlos, e revelou-se em toda sua grandeza.

Essa idéa lisongeira, que alentava as forças da nação, como fadada á restituir-lhe a vida, pairava em todos os espiritos. Todos os labios murmuravam tremulos essa palavra de salvação para o paiz. A representação nacional recebeu o influxo da opinião, e em sua phisionomia desenhou-se a anxiedade, que preocupava a todos para apagar de uma vez a luz tibia e agonisante do governo da regencia. Depois de mil oscillações e asares o deputado Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva propoz na sessão de 21 de Julho de 1840 a moioridade do Sr. D. Pedro II. Estava travada a luta.

Trazendo para o paiz a salvação, a nova idéa acarretava para a regencia a perda do poder; acceder á ella era, por parte desta, um suicidio. A maioria encontrou no governo vigorosa opposição.

Bernardo Pereira de Vasconcellos, chamado no mo-

mento supremo para conjurar a crise, adiou a assembléa geral por decreto de 22 de Julho de 1840.

Foi um verbo de morte atirado no meio da indignação publica. « E' um traidor, é um infame o actual ministerio..... quero que estas palavras fiquem gravadas como protesto: » disse Antonio Carlos, e suas palavras soaram como uma fulminação terrivel contra o ministerio. A camara resiste á execução de um decreto que parecia destinado á abysmar a nação em um pelago de infindas dissensões. Os deputados correm pressuros ao senado, dirigem uma energica representação ao throno: o monarcha accede á anxiedade geral: o imperio está salvo. A maioridade era uma realidade.

Em todo esse patriotico movimento, que desenlaça em um dia os anneis do futuro, e decide dos destinos da nação, figura com honra e gloria o nome de Antonio Carlos.

Proclamada a maioridade, foi o illustre patriota chamado a dirigir uma situação creada por elle, e a insignia do ministro cobrio o peito do tribuno popular cingido já com o laço glorioso da independencia. O poder e a liberdade deram-se as mãos em união fraternal. A confiança publica renascia, e dias risonhos pareciam aguardar o imperio.

Foi o raiar de um dia, que allumiou os horisontes da patria, e sumio-se vencido pelas trevas, que vieram de novo enlutar os destinos da nação.

A 23 de Março de 1841 o ministerio da maioridade

estava cahido do poder; Antonio Carlos descia de novo á arena politica para combater pela causa da liberdade, que seu patriotismo via ameaçado pela volta da reacção monarchica.

O partido conservador erguera no paiz o estandarte da lei de 3 de Dezembro. A facção liberal uniu-se *ra/* toda para acompanhar seus dogmas até seus ultimos paroxismos.

Que feliz inspiração a de Antonio Carlos, quando tenta abater essa lei do poder!

« Quando, senhores, perdemos um amigo querido, a ultima consolação da nossa dôr, o dever derradeiro, que temos de cumprir, é acompanhar á sua lugubre morada os seus restos inanimados, e orvalhal os com o pranto da saudade. Eis o motivo que me trouxe do retiro que o estado de minha saude me aconselhava, e faz-me de novo apparecer nesta assembléa. O ominoso projecto de reformas do codigo é o golpe de morte da Constituição Brasileira; sua passagem será a *a* cõmpãnhja do enterro da finada liberdade. Eu, para quem ella foi os primeiros amores *ai/+* desde que me apontou a razão; eu, para quem ella será os ultimos amores, e com cujo trespasso se extinguirá toda a minha sensibilidade; eu que a via em sonhos dourando-me uma vida de amarguras; eu a quem ao acordar desenrugára a fronte a sua meiga idéa, como deixar de assistir ao fatal evento, para dar-lhe o que só lhe posso dar, lagrimas e soluços?..... » (12)

(12) Este discurso não chegou á ser pronunciado por causa do prematuro encerramento da discensão. Publicou-o um periodico do tempo—*O Maiorista*.

Na assembléa provincial de S. Paulo desprendeu contra o poder sua voz prestigiosa, e em uma representação ao throno significou com energia suas melancolicas apprehensões pelo futuro do paiz: « Senhor! As convulsões politicas, como funestos cometas, trazem em sua cauda os estragos, as miserias, o derramamento de sangue, mesmo innocente, e o abalo dos governos estabelecidos e talvez sua ruina inteira; como não deprecará, pois, a assembléa provincial de S. Paulo o exercicio do poder tutelar do monarcha para arredar de si tão medonho porvir? Já se nos antolha lobrigar na lava revolucionaria os talismans quebrados da jerarchia e da autoridade, e só da piedade de V. M. Imperial esperamos o socego de nossa inquietação.

.
 A assembléa provincial de S. Paulo tem cumprido com o seu dever, sabe que a verdade nem sempre é agradavel aos principes, e de certo aos zangões que os rodeam e abusam de sua inexperiencia » (13)

Dissolvida a camara dos deputados em 1842, para a qual fôra eleito pelos suffragios de sua provincia, retirou-se á sua cidade natal, para ahi repousar,

(13) Por aviso do ministerio do imperio de 5 de Fevereiro de 1842 fei declarado, que esta representação não era digna de subir á presença do Imperador.

no tranquillo remanso da paz domestica, de uma vida tempestuosa e agitada, cheia de dolorosas attribuições.

Ainda o voto da patria veio arrancar-o do placido retiro, e a legislatura de 1845 vio-o em seu seio como representante do povo. Sua vida fôra toda dedicada á causa de seu paiz; a gloria de sua patria, o sol luminoso, que lhe allumiava a existencia. Seus ultimos momentos ainda os empregava em pagar-lhe o tributo de seus esforços para engrandecel-a.

Tantos e tão relevantes serviços, entrelaçados com as glorias da proscrição, que é como a prova suprema da virtude civica, deviam concitar a gratidão—de seus concidadãos. A provincia de Pernambuco, em cujo peito brilharam sempre ardentes as cranças do patriotismo, levantou-se para pagar a Antonio Carlos a divida nacional. Em 1845 o illustre publicista era escolhido senador por essa provincia. Sua palavra luminosa foi lançar seu ultimo clarão no theatro das glorias dos Paulas Souzas, Vergueiros e Feijós.

Mas era tarde, bem tarde, que a patria o revocava do esquecimento para pagar-lhe a divida de sua gratidão. A sina dos grandes homens acompanhava-o sempre. Tasso morreu na vespera do dia, em que sua patria arrependida ia no capitolio cingir-lhe a fronte com a corôa de—Principe dos Poetas Italianos. Antonio Carlos entrou para o congresso dos anciãos da patria, quando sua vida exgotada nas lides politicas

buscava o repouso eterno, e sua voz enfraquecida ia a sumir-se nas voragens do tumulto.

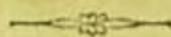
No dia 5 de Dezembro de 1845 já o paiz lamentava seu passamento; já seus labios, consumidos pelo fogo da palavra, estavam pregados pela mudez da morte.

Foi um astro luminoso, que afundou-se nas côres do poente; um nome glorioso, que a historia conquistou para suas paginas. Sua figura gigante avulta no portice da Independencia, como um dos creadores de nossa nacionalidade. No meio da geração presente symbolisava um resto do passado, respeitado pela mão do tempo para illustrar sua patria com os episodios de seu civismo romano.

Nos seculos futuros o Brasil inteiro repetirá com religioso respeito o nome de Antonio Carlos, como o symbolo de uma alma ardente e apaixonada em uma época de descrença.

Será o vulto agigantado de Tiberio Graccho, dominando a longa e silenciosa noite do nosso passado.

O PADRE DIOGO ANTONIO FEIJÓ.



« Como o governo livre é aquelle em que as leis imperam, eu as farei executar mui restricta e religiosamente, sejam quaes forem os clamores que possam resultar de sua pontual execução; não só porque esse é o dever do executor, como por esperar que depois de algum tempo, cessado o clamor dos queixosos, a nação abencõe os que cooperaram para a sua prosperidade. »

(Condições, com que Diogo Antonio Feijó accitou o ministerio da justiça em 1831.)

Entre tantos brasileiros distinctos, que legaram á posteridade o nobre exemplo de raras virtudes e de um character puro, avulta como uma figura proeminente o padre Diogo Antonio Feijó.

Talento quasi instinctivo, de previsão politica; coragem civica, desassombrada e invencivel, na occasião das crises supremas; dedicação cega e devotada pela causa publica; deliberação prompta e decisiva; vontade de ferro e tenacidade indomavel na execução; completa ausencia de calculos interesseiros ou de vistas individuaes nos negocios publicos; uma austeridade e simplicidade republicana de palavras e de maneiras que nos recordam os mais severos caracteres da Roma consular ou da Lacedemonia; nenhum luxo ou fausto em suas relações privadas ou publicas;

probidade illibada e desinteresse nunca desmentido em todos os actos de sua vida ; certa expressão de duresa e de emperramento no todo de seu character ; sobranceria de animo e serenidade impassivel no meio das maiores aduersidades : eis Diogo Antonio Feijó, talvez o vulto mais bem caracterizado de nossa historia politica.

Homem de acção, nunca hesitou diante do perigo ; seu character, talhado para as grandes crises, ostentava-se superior nas commoções politicas ; e todos o viam então, cheios de admiração, dirigir a náó do estado no meio dos elementos desencadeados.

Diogo Antonio Feijó nasceu na cidade de S. Paulo em o mez de Agosto de 1784 (1).

Nascido nos tempos coloniaes, sujeito á acompanhar em sua vida o atraso de então, privado dos recursos de uma educação litteraria regular, chegou, só por seus talentos e merecimento pessoal, á occupar o primeiro posto do imperio.

A sua mocidade nada offerece de importante.

Sua educação acompanhou o espirito da época. Do clero recebeu os primeiros principios de moral ; e tendo seguido os estudos ecclesiasticos, ordenou-se presbytero no anno de 1807.

Dedicou-se então á educação da mocidade na villa

(1) Sobre Feijó veja-se a *Oração Funebre* do padre Pedro Gomes de Camargo á 15 de Novembro de 1843, folheto publicado em S. Paulo ; e a *Necrologia do senador D. A. Feijó*, escripta por * * *, Rio de Janeiro, 1861.

de Parnahyba e em Campinas e Itú, ensinando grammatica latina, rhetorica, e philosophia racional e moral.

A austeridade de seu viver é attestada pelas tradições que á seu respeito ainda se conservam n'esses lugares, onde o seu nome é repetido com veneração.

Começavam entretanto de pôr-se em movimento os acontecimentos, que deviam dar outra direcção á sua vida.

A gloriosa revolução do Porto, proclamada em 24 de agosto de 1820, havia repercutido em todos os dominios da monarchia portugueza.

O Brasil, até então affeito ás velhas usanças do despotismo colonial, vio derepente a Europa e o mundo civilizado em face, e foi chamado á partilhar os fructos da revolução.

Eleito por sua provincia deputado ás côrtes de Lisboa, Feijó partio para Portugal e tomou assento no congresso na sessão de 11 de Fevereiro de 1822. Na sessão de 25 de Abril desse mesmo anno proferio um longo e animado discurso, defendendo os direitos de sua patria, ameaçados pelas côrtes.

Cegas pela ambição, as côrtes tentavam esbulhar o Brasil de suas prerogativas por meio de medidas retrogradadas e impoliticadas.

As ameaças e a prepotencia do numero tornavam impotentes os esforços energicos dos deputados brasileiros.

Seria louca temeridade empenhar-se em uma lucta vã para dar ao despotismo do numero facil victoria sobre a causa do Brasil.

Então Feijó, com mais alguns dignos companheiros, embarcaram-se furtivamente para Falmouth, onde, com data de 22 de Outubro de 1822, publicaram a formal declaração dos motivos de seu proceder (2).

Voltando d'ahi ao Brasil, Feijó retirou-se á sua provincia, entregando-se á vida privada em Campinas e em Itú, onde residia.

Após o lugubre episodio da dissolução da Constituinte em 1823, offerecêra o Imperador ao paiz o projecto de Constituição, que devia reger o Imperio.

As camaras municipaes, como órgãos da nação, foram chamadas á dar-lhe o voto supremo da approvação.

Uma acceitação quasi unanime, veio sanccional-a.

De Itú, porém, surgiu uma voz, que, em nome do povo, levou seus votos até ao throno, apresentando emendas á Constituição projectada (3).

(2) Este manifesto, assignado em Falmouth pelos deputados Cypriano José Barata de Almeida, Francisco Agostinho Gomes, José Lino Coutinho, Antonio Manoel da Silva Bueno e Diogo Antonio Feijó, foi impresso no *Correio Brasiliense* de Novembro de 1822, e dahi transcripto no periodico *O Espelho* (do Rio de Janeiro) n. 127 de 4 de Fevereiro de 1823.

(3) As emendas redigidas por Feijó e offerecidas pela camara de Itú, das quaes possui cópia authentica, conti-

Essa voz era a do Padre Diogo Antonio Feijó.

A primeira legislatura ordinaria (1826) e ainda a seguinte (1830) o viram em seu gremio como representante de sua provincia. Sua physionomia politica começou logo de apresentar os traços severos, que caracterisam o patriota de 1831.

Foi nessa sessão notavel de 1827, que Feijó propôz a abolição do celibato clerical, dessa *lei, que*, na sua expressão, faz o fundo da immoralidade publica (4).

Na sessão de 1828 propôz a reforma das municipalidades.

No parlamento pertenceu sempre á essa opposição patriótica e illustrada, que combateu com vigor os erros dos ministros do primeiro reinado, erros que alienaram do governo a confiança publica e produziram esse descontentamento nacional que só desappareceu com a abdicção.

Quando rebentou na côrte a revolução de 7 de Abril, Feijó achava-se em sua provincia, e não tomou nella parte *mais do que pelo impulso que davam ao*

nham a idéa de eleições directas, abolição de condecorações, etc.

(4) Em sustentação de suas idéas escreveu Feijó um opusculo com o titulo seguinte :

Demonstração da necessidade da abolição do Celibato Clerical pela assembléa geral do Brasil : e da sua verdadeira e legitima competencia nesta materia.. Pelo deputado Diogo Antonio Feijó. Rio de Janeiro, 1823, 4.º

espírito publico as opiniões, que nelle se conheciam (5).

Entretanto nos acontecimentos que se seguiram, tomou uma parte activa, que fel-o sobresahir a todos os grandes vultos da época.

A revolução de 7 de Abril abalára profundamente o paiz, chegando até á ameaçal-o de uma dissolução social.

O imperio estremecia até os alicerces. As cousas publicas haviam tomado um character atterrador; e o politico consternado antevia já paginas de sangue manchando nossa historia.

A arrogancia de uma facção desvairada, que procurava aproveitar-se das eventualidades da resolução para rasgar o seio da patria, ameaçava sorver a monarchia.

A consternação lavrava em todos os espiritos; tudo vacillava, e o imperio brasileiro parecia prestes á desmoronar-se.

Nessa situação critica e arriscada em que os espiritos se debatiam em dolorosa anxiedade, todos os olhos volveram-se para Diogo Antonio Feijó, como para a esperança suprema de salvação publica.

Nomeado ministro da justiça em 4 de Julho de 1831 (6), apressou-se elle em tomar as medidas

(5) Historia do Brasil por J. Armitage, pag. 302.

(6) Eis como Evaristo, na *Aurora Fluminense*, narra a entrada de Feijó para o ministerio :

energicas, que reclamavam as circumstancias do paiz.

Dissolveu os corpos indisciplinados ; suffocou a insurreição da Ilha das Cobras (7 de Outubro de 1831), fazendo prender o seu principal motor ; creou o corpo de municipaes permanentes (10 de Outubro de 1831), que deviam substituir os corpos dissolvidos e manter a ordem publica ; debellou os movimentos armados de 3 de Abril (liga dos exaltados com os restauradores) e 17 de Abril (restauradores) de 1832.

Redobrando de severidade e energia, desconcertou as facções, que com as armas nas mãos queriam dictar a lei ao governo.

Feijó tinha uma intelligencia perspicaz e certa. Diante do perigo guardava uma impassibilidade in-

« No Brasil, um patriota conhecido pela firmeza de character e rectidão de seu espirito, de tal merito que aos mesmos anarchistas foi impossivel recusar-lh'o, não duvidando sacrificar-se pela patria em perigo, tomou em circumstancias delicadissimas a pasta da justiça, e tem ahi feito apparecer uma força d'alma, uma constancia, que antes d'elle não fôra conhecida entre nós. Não se fizeram mais vergonhosas capitulações com o crime ufano de suas victorias. Os olhos da população ameaçada se voltaram para este homem forte e integro ; é d'elle que aguardam as providencias com que a sociedade se mantenha sem o risco de ser invadida por hordas de barbaros ; e a confiança veio finalmente coroar os esforços do digno membro da administração publica. Não lhe queimamos podre incenso ; esta linguagem tem sido a de todos os jornaes da capital.... e se acaso se inquirir a massa dos cidadãos interessados na ordem, elles dirão que é no Sr. Feijó e na sua coragem civica que tem posto a ancora da sua esperança. »

frangível, como a imagem do civismo, que se conservasse em pé no meio do tumultuar das facções. Seu olhar desassombrado e seguro desarmava a anarchia.

Seu estilo era nervozo, conciso e correcto, transparecia nelle o mais esclarecido bom senso.

Vêde, como elle descreve á camara a situação sombria do paiz em 1832:

« Tudo quanto tenho de expôr é triste; e mais melancolico é ainda o futuro que se me antolha, se a Providencia Divina não dirigir os importantissimos trabalhos da presente sessão.

« Talvez que minha imaginação assombrada com tantos acontecimentos desastrozos que rapidamente tem-se succedido uns aos outros em todo o Imperio; que minhas forças estancadas na lucta com tantas difficuldades: e que minha razão pouco fecunda em recursos, sejam a causa de prevêr males tão proximos, e que porventura se acham á tão grande distancia; mas sou brasileiro; interesse-me pela minha patria; e antigos e novos exemplos me fazem estremecer á vista da marcha progressiva do espirito revolucionario no Brasil.

• • • • •
• • • • •
« Tal é, senhores, o governo do Brasil; taes são as tristes consequencias, em que nos achamos. Um abysmo horrorozo está á um só passo diante de nós. Remedios fortes e promptissimos podem ainda salvar a patria. Um só momento de demóra talvez faça a desgraça inevitavel. Ou lançae mão delles com presteza, ou decidí-vos já pela negativa. O governo está firmemente resolvido á ajudar vossos esforços em

salvar o Brasil, quando queiraes marchar de accordo com elle ; ou abandonar já o logar para ser substituido por quem se julgue com valor de arrostar tantas difficuldades. » (7)

Todos os seus actos tem esse cunho de patriotismo e de firmeza inabalavel.

« o governo tendo por guia a vontade nacional e por norma a lei, jámais capitulará com partido de qualquer natureza, que seja e debaixo de qualquer prospecto que se apresente, e constante persevera na resolução de ou salvar o Brasil da anarchia que promovem servís ambiciosos e illudidos exaltados, ou sepultar-se debaixo das ruinas da patria. » (8)

Na sessão de 29 de Julho de 1831 foi denunciado á camara pelo deputado Montezuma por crime de responsabilidade por haver expedido a portaria de 22 de julho, suspendendo a concessão de cartas de seguro. A denuncia foi, na sessão de 31 de Agosto, julgada improcedente. (9)

Cahindo no senado a medida, por elle proposta, da suspensão do tutor, Feijó retirou-se do ministerio em 26 de Julho de 1832, dirigindo por essa occasião á regencia o seguinte officio :

(7) Relatorio do ministro da justiça Diogo Antonio Feijó; apresentado á assembléa geral, em 10 de Maio de 1832 (collecção Plancher, vol. 7.º)

(8) Portaria de Diogo Antonio Feijó ao intendente geral da policia do Rio de Janeiro, de 9 de Março de 1832. (Collecção Plancher, vol. 7.º. pag. 54 dos decretos, portarias, etc.)

(9) Correio da camara dos deputados, em 1831.

« Senhor. — Se alguém se persuade que com grande energia da parte do governo, e sem a cooperação sincera e mui activa dos empregados publicos, póde manter-se ainda por algum tempo a tranquillidade publica da capital: ninguem dirá, que com os meios á disposição do governo, podem as facções ser supplantadas ou o Brasil prosperar.

A mais tempo teria eu cumprido a minha palavra, se a honra me não obrigasse á esperar pelas accusações que dentro e fóra da camara se dizia preparadas; mas está quasi a findar-se o terceiro mez; e nenhuma tem apparecido: estou portanto demittido do ministerio que Vossa Magestade Imperial confiou ao meu cuidado.

« Sinto não haver feito quanto desejo á bem da patria: mas, ao menos, fiz o que pude, e muito agradeço a Vossa Magestade Imperial a sincera approvação que deo sempre aos meus actos.

« Como cidadão em qualquer parte do imperio onde me achar, prestarei os serviços que forem compatíveis com as minhas circumstancias, para ajudar ao governo de Vossa Magestade Imperial á sustentar a dignidade nacional, a liberdade e independencia de meus compatriotas. » (10)

Descendo dos conselhos da corôa, Feijó retirou-se para S. Paulo, e ahi foi eleito e escolhido senador pela provincia do Rio de Janeiro por carta imperial de 5 de Fevereiro de 1833.

Annulada a eleição pelo senado na sessão de 13 de

(10) Segue-se: « Deos guarde a V. M. Imperial Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1832. De V. M. Imperial subdito respeitador *Diogo Antonio Feijó*.

Abril, foi novamente incluído em lista triplice pela mesma provincia ; e escolhido senador por carta imperial de 1.º de Julho de 1833, tomou assento na sessão de 15 desse mesmo mez.

A gratidão nacional pelos serviços prestados em 1831 manifestou-se de uma maneira ainda mais significativa.

Procedendo-se á eleição de regente do imperio na forma decretada pelo acto adicional, uma honrosa maioria veio conferir ao ministro de 1831 esse cargo supremo.

A' 12 de Outubro de 1835, Feijó prestou no senado juramento, como regente unico do acto adicional.

Por decreto de 11 de Outubro desse mesmo anno havia sido eleito bispo de Marianna : mas declinou de si essa honra, deixando de acceitar a nomeação.

Tendo tocado o ultimo degráo da grandeza, sua estrella politica pareceo annuviar-se.

Apenas tomára posse da regencia, vio sua vontade contrariada por mil obstaculos, que vieram complicar a situação.

Quasi como um protesto contra a sua ascensão ao poder, appareceu no Rio Grande do Sul a guerra civil, devorando a vida e o sangue do brasileiro.

Feijó não se acobardou diante do perigo, e conseguiu fazer prender, no combate do Famfa em Outubro de 1836, o chefe dos rebeldes, Bento Gonçalves

da Silva. A lucta entretanto proseguio com repetidos desastres para a causa do imperio.

O Pará debatia-se em uma lucta de facções sangrentas, e apresentava ao imperio o triste espectaculo da desolação e dos assassinatos. As energicas medidas do regente, porém, superaram as facções: e o general Andrea, mandado para supplantar a revolta conseguiu pôr termo a uma lucta de morte e encarniçamento.

Entretanto a vehemente opposição formada contra o regente no seio da camara temporaria, veio empecer-lhe a acção e traser-lhe embarços invenciveis.

Exacerbando-se a luta, manifestou-se logo entre os dous poderes um antagonismo flagrante, aggravado de mais a mais pela dura tenacidade, com que o regente tratava o corpo legislativo. (11)

Character rigido, emperrado, incapaz de tranzigir com suas idéas para grangear apoio, Feijó estava antes talhado para as grandes crises que exigem energia, firmeza e poder discricionario, do que para o regular andamento da machina governamental em tempos ordinarios.

(11) No dta 31 de Outubro de 1836 Feijó encerrou a assembléa geral com as seguintes palavras:

« Seis mezes de sessão não bastaram para descobrir remedios adequados aos males publicos: elles infelizmente vão em progresso. Oxalá que na futura sessão o patriotismo e sabedoria da assembléa geral possa satisfazer as urgentissimas necessidades do Estado. »

Vehementemente contrariado em suas convicções, desarmado perante a *omnipotencia parlamentar de então da qual o governo era como uma commissão* (12), inhibido de fazer appello ao paiz (13); comprehendeu que não era o homem da situação e que a sua continuação no poder era impropicia para os bens que desejava fazer ao paiz.

Então, com essa abnegação que formava o fundo de seu character, tomou a nobre e elevada resolução de abdicar o mando supremo, e o entregou á seus adversarios.

« *Estando convencido, disse elle retirando-se do poder, de que a minha continuação na regencia não pôde remover os males publicos, que cada dia se aggravam pela falta de leis appropriadas; e não querendo por maneira alguma servir de estorvo a que algum cidadão mais feliz seja encarregado pela nação de reger seus destinos: pelo presente*

(12) Palavras do Sr. Dr. J. J. da Rocha no seu excelente opusculo *Accção, Reacção e Transacção*.

(13) Na discussão da lei de 14 de Junho de 1831 foram de opinião que se conferisse á regencia o direito de dissolver a camara temporaria, e nesse sentido votaram os deputados Paula Souza, Evaristo, Carneiro de Campos, Xavier de Carvalho, entre outros; no sentido contrario votaram, além dos mais, os deputados Alencar, Rebouças, Luiz Cavalcanti, Lino Coutinho, Martim Francisco. O principal argumento invocado para este cerceamento das attribuições da regencia foi a dissolução da Constituinte em 1823. (Veja-se o *Correio da Camara dos Deputados*, em 1831.)

Em 1836 Paula Souza propoz no senado, que se conferisse por lei ao regente a attribuição de dissolver a camara dos deputados: mas não passou o seu projecto.

me declaro demittido do lugar de regente do imperio »

O manifesto, que então dirigio aos brasileiros, é um dos mais notaveis documentos de nossa historia politica :

« Brasileiros. Por vos subi á primeira magistratura do imperio : por vos desço hoje d'esse eminente posto.

« A' muito conheço os homens e as couzas. Eu estava convencido da impossibilidade de obterem-se medidas legislativas adequadas as nossas circumstancias : mas forçoso era pagar tributo á gratidão, e fazer-vos conhecer pela experiencia, que não estava em meu poder acudir ás necessidades publicas, nem remediar os males que tanto vos affligem.

« Não devo por mais tempo conservar-me na regencia : cumpre que lanceis mão de outro cidadão, que, mais habil ou mais feliz, mereça as simpathias dos outros poderes politicos.

« Eu poderia narrar-vos as invenciveis difficuldades que previ : mas para que ? Tenho justificado o acto de minha espontanea demissão, declarando ingenuamente que eu não posso satisfazer ao que de mim esperaveis.

« Entregando-vos o poder que generosamente me confiastes, não querendo por mais tempo conservar-vos na expectação de bens de que tendes necessidades, mas que não posso satisfazer-vos ; confessando o meu reconhecimanto e gratidão á confiança que vos mereci : tenho feito tudo quanto está da minha parte.

« Qualquer, porém, que for a sorte que a Provi-

dencia me depare, como cidadão brasileiro, prestarei o que devo á patria » (14).

Resignando o mando supremo, Feijó retirou-se á S. Paulo para repousar das fadigas e dos desenganos da vida publica. Buscou o retiro, empregando-se em uma pequena lavoura que possuia, e na sessão de 1838 não compareceu no senado pelo máo estado de sua saude.

Na simplicidade austera de suas maneiras, na modestia do seu viver, no desprezo das riquezas, na humildade christã de que revestio os seus actos, deu um exemplo raro, que só bastaria para a sua gloria.

Em 1838 fez publicar á respeito de suas opiniões religiosas a seguinte importante declaração.

« Tendo eu escripto alguma cousa sobre differentes pontos de disciplina ecclesiastica, havendo tambem pronunciado alguns discursos na camara dos Srs. deputados sobre o mesmo objecto ; ainda que tudo isto fizesse, persuadido que zelava da mesma igreja catholica de que sou filho e ministro, e attentara á bem da salvação dos fieis : comtudo constando-me que algumas pessoas não só estranharam as minhas opiniões, como algumas expressões pouco decorosas á mesma igreja e ao seu chefe ; não querendo eu em nada separar-me da igreja catholica e ainda menos escandalisar a pessoa alguma ; por esta declaração revogo e me desdigo de tudo quanto podesse directa ou indirectamente offender a disciplina ecclesiastica, que a mesma

(14) Manifesto de Diogo Antonio Feijó aos brasileiros, em 19 de Setembro de 1837, datado do Rio.

igreja julgou dever ser conservada, ou a pessoa alguma.

« Esta minha declaração é espontanea, filha unicamente do receio de haver errado, apesar das minhas boas intenções ; e é tanto mais desinteressada, que a pouco acabei de declarar ao governo de Sua Magestade Imperial, de que eu nunca acceitei a nomeação de bispo de Marianna, nem a carta de apresentação que então se me quiz entregar. Deos queira, que se algum escandalo hei dado por causa de taes discursos e escriptos, cesse elle com esta minha ingenua declaração. » (15)

Este acto, em nada inferior ao que em França praticou o grande arcebispo Fenelon sobre suas opiniões religiosas, honra a memoria de Feijó, desse homem extraordinario, que, no meio das tempestades politicas, soube sempre ser um sacerdote modelo, de costumes austeros e illibados.

Entretanto, sob a sotaina do padre pulsava um coração patriótico. Em um tempo de descrença e entorpecimento moral como este, alimentou até á avanzada idade de sessenta annos' o fogo do patriotismo ; e os desenganos de amarga experiencia não arrefeceram nelle as crenças e o enthusiasmo santo das grandes idéas.

Desarmado pelo tempo, mutilado pela enfermidade, denunciava ainda sua energia de outr'ora, como

(15) Segue-se : S. Paulo, 10 de Julho de 1838, Diogo Antonio Feijó. Esta declaração foi inserta no *Observador Paulistano*.

o sol cahido no occaso recorda em seu clarão desmaiado a aurora que irradiou a terra com sua luz scintillante.

A placida serenidade, que parecia dever coroar os ultimos dias de sua existencia tão pura e virtuosa, não tardou em ser perturbado.

O movimento de 1842, em S. Paulo, veio arrancar do retiro o regente desenganado de 1837.

Tendo votado toda sua vida ao triumpho das liberdades publicas, que lhe pareciam ameaçadas pelos actos do poder, Feijó adherio á revolução, offerecendo em holocausto ao povo as glorias de sua vida politica.

De Campinas, onde então se achava, se dirigio á Sorocaba para servir á causa da revolução, por elle esposada, e tomar sobre si a responsabilidade della.

Sendo ahi preso, foi, por ordem do governo, conduzido a Santos, mettido em um vapor de guerra, e deportado violentamente sem saber para onde, sendo afinal atirado nas praias da Victoria, no Espirito-Santo, em Julho de 1842. Ahi soffreu as amarguras do exilio por seis mezes, até que em Dezembro lhe foi permittido voltar para o senado, onde o esperava o processo contra elle instaurado como cabeça de rebellião.

Tendo de responder ao senado por seu proceder, expoz livremente seus sentimentos com esse civismo e franqueza, que lhe eram habituaes :

.

« Se eu pudesse, daria por certo este exemplo ao Brasil de resistir á ordens illegaes, sem o que será sempre nominal nossa liberdade e nós escravos dos atrevidos. Nada, porém, podendo contra a violencia, retirei-me.

. « Eu penso que se uma nação é tal, que vê submissa a violação de suas instituições, é ella indigna de ser nação livre, e é já escrava, e se já não tem senhor, terá o primeiro que o queira ser. . . . En resigno-me a tudo. . . . não serei a primeira victima immolada pela defesa das liberdades publicas ; talvez mesmo são indispensaveis taes sacrificios para firmar-se uma constituição, porque todas as nações os tem tido ; oxalá seja eu a unica victima, e assim se consolide em meu paiz a monarchia representativa !. . . . Que pois mais poderei soffrer ? Já quasi de sessenta annos, e além disso já á borda do tumulto, poderei acaso apreciar tanto esses poucos dias que me possam restar de vida, muito mais quando pelo meu estado de saude, não os posso mais empregar á bem do paiz ? » (16)

Apresentando esta resposta ao senado, assim exprimio-se :

« Portanto, senhores, soffri tudo isto ! prisão, deportação e seis mezes de degredo, quasi quatro contos de réis de multa e de que estou privado até hoje. Mas o governo ainda não está satisfeito : mandou por isso formar este processo e não ficará satisfeito senão com o meu exterminio ! Estou, pois, entregue ao senado,

(16) Resposta do senador Diogo Antonio Feijó dada ao senado sobre o processo contra elle instaurado como cabeça de rebellião, datada do Rio de Janeiro de 12 de Maio de 1843. >

faça elle de mim o que quizer ; a vida em mim será pouca.... soffra-se tudo. »

Sua vida ia com effeito a extinguir-se ; sua fronte, enrugada pela adversidade, pendia para a terra.

No dia 10 de Novembro de 1843 deu sua alma ao creador, (17)

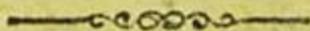
Sua morte foi a do philosopho christão, resignado e crente até exhalar o ultimo suspiro.

O homem, que havia occupado em seu paiz os postos mais elevados de bispo, senador, ministro e regente, finou-se obscuro, pobre e desconhecido, em sua modesta casa da rua da Freira em S. Paulo ! (18)

E' o seu maior elogio !

(17) Feijó morreu, na cidade de S. Paulo, em sua pequena casa á rua da Freira n. 11. ás 9 horas e 20 minutos da noite do dia 10 de Novembro de 1843, e não 11 de Novembro, como por engano tem sahido em algumas publicaçõs. (Veja-se o periodico *O Nacional* n. 68 de 29 de Novembro de 1844.)

(18) O decreto n. 176, de 15 de Junho de 1841. concedêra á Feijó a pensão de 4:000\$ anuaes.



O MARQUEZ DE MARICÁ. (1)

« A herança dos sabios tem sempre maior extensão e perpetuidade que a dos ricos: comprehende o genero humano, e alcança a mais remota posteridade. »

« O nosso espirito não se retira inteiramente deste mundo, quando deixamos nelle o fructo dos nossos estudos, pensamentos e cogitações. »

Maximas do Marquez de Maricá.

Poucas nações poderão, como o Brasil, gloriar-se de apresentar em tão curto espaço de tempo um numero tão avultado de grandes illustrações em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Em menos de meio seculo uma geração completa de pensadores, sabios e litteratos ostentou aqui a sua força e fecundidade, e honrou ás ~~armas~~ da patria. *annal*

Souza Caldas e S. Carlos, como poetas sacros; José Bonifacio, como sabio e como estadista; Cayrú, como economista e como jurisconsulto; Mont'Alverne, como philosopho e orador sagrado; Antonio Carlos e Martim Francisco como oradores politicos, Vasconcellos como legislador e estadista: são nomes gloriosos

(1) Sobre a vida do Marquez de Maricá, veja-se a *Revista do Instituto Historico*, tomo. 15, pag. 527 a 531,

que honram uma nacionalidade e costumam por si só o orgulho de um paiz.

No meio dessa grande geração de sabios notaveis, que abrem os annaes do seculo XIX no Brasil, destaca-se um vulto venerando que legou á posteridade seu nome em um monumento immorredouro.

Philosopho e moralista, pensador profundo e original, o Marquez de Maricá é uma dessas intelligencias vigorosas, que honram o seculo em que nasceram e dão nome a uma nação.

Nessa fronte rugosa o perpassar dos annos deposera o sello da sabedoria; em seus labios severos e contrahidos pousava a verdade; em seus olhos quasi amortecidos transparecia a luz da reflexão. Suas palavras respiravam paz e doçura. Havia em sua austera phisionomia a expansão de uma alma pura e de um espirito elevado.

Nessa cabeça, cingida por uma corôa de cabellos brancos, agitavam-se grandes pensamentos; um thesouro immenso de profundas verdades ali encerrara-se para conduzir a humanidade no caminho da virtude.

Poucos nomes tem na historia uma reputação tão pura e tão nobremente adquirida.

Marianno José Pereira da Fonseca, nasceu no Rio de Janeiro no dia 18 de Maio de 1773, filho legitimo do negociante Domingos Pereira da Fonseca e sua mulher D. Theresa Maria de Jesus.

Nascido no seio de uma familia abastada e das principaes dô paiz, seus paes cedo trataram de dar-lhe uma educação apurada, e na idade de 11 annos o mandaram para Portugal. Ahi chegando, estudou as materias preparatorias no real collegio de Mafra.

Findos estes estudos seguio na Universidade de Coimbra o curso de mathematicas e philosophia, e nesta materia tomou o gráo de bacharel em 1793.

Terminada sua educação superior, destinava-se á ir estudar medicina em Edimburgo, quando a morte de seu pae o chamou ao Brasil para cuidar dos interesses de sua casa.

Regressando á sua patria, chegou ao Rio de Janeiro no principio do anno de 1794, e fez logo parte da—*Academia Scientifica*, que fôra fundada nesta cidade em 1772 sob os auspicios do illustrado vice-rei marquez de Lavradio, e que tão uteis serviços prestou ás letras, promovendo a industria da cocho-nilha no Brasil e outros melhoramentos importantes.

Não eram, porém, os tempos propicios á estas innocentes expansões da intelligencia. Em 1794 o vice-rei conde de Rezende, suspeito e desconfiado, dissolveu violentamente esta Associação de Beneméritos Litteratos, e prendeu os seus principaes membros, mandando contra elles instaurar uma rigorosa devassa. (2)

(2) No simples rosto dos autos da devassa instaurada contra os membros desta sociedade litteraria apparece

Pereira da Fonseca, como membro desta Academia, foi então prezo no dia 4 de Dezembro desse anno com o distincto poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, e retido incommunicavel por dous annos sete mezes e quinze dias.

Livre, enfim, por ordem régia, dos horrores do carcere, onde o lançára a mão de um absolutismo suspeitozo, continuou em sua profissão de negociante até que sua probidade illibada e suas conhecidas habilitações, o chamaram á vida publica em 1802.

Com desinteresse e inteireza servio successivamente até 1821 differentes logares de administração (3); e ahi adquirio essa longa pratica dos negocios;

fielmente retratado o tempo colonial. Aqui o damos tal qual encontramol-o em um impresso publico. « Devassa a que mandou proceder o Illm. e Exm. vice-rei do estado do Brasil para as pessoas que com escandalosa liberdade se atreviam á involver em seus discursos materias offensivas da religião, e a fallar nos negocios publicos da Europa com louvor e approvação do systema actual da França; e para conhecer-se se entre as mesmas pessoas havia algumas, que além dos ditos escandalosos discursos se adiantassem a formar ou insinuar algum plano de sedição. — Anno de 1794. — Escrivão da dita dilligencia *João Manoel Guerreiro de Amorim Pereira*, Desembargador *Antonio Diniz da Cruz e Silva*.

(3) De 1802 a 1821 Pereira da Fonseca servio os logares de deputado de agricultura da meza da inspecção no Rio de Janeiro; pela extincção desta, deputado da junta do commercio desde a sua creação; director thesoureiro da real imprensa, de que obteve demissão pela morte do Conde de Linhares em 1812; administrador thesoureiro da fabrica da polvora. Servio tambem de censor regio por mais de dous annos, até que terminou esta instituição

esse habito do trabalho, e esses conhecimentos experimentaes, tão necessarios ao homem publico. O horizonte de suas idéas alargou-se com o tracto dos homems e das couzas, e o seu espirito de reflexão aproveitou para a sciencia o resultado de sua experiencia e observações.

Em 1821, quando já o movimento das idéas preludiava a emancipação politica de sua patria, foi eleito deputado secretario da Junta Provisoria, creada no Rio de Janeiro. A confiança popular distinguia já esse nome respeitavel, que era uma garantia de ordem e tranquillidade publica.

Consumada a independencia, Pereira da Fonseca foi chamado á apparecer em primeira linha na scena publica á par do que havia de mais intelligente no paiz. Eram poucas as pessoas habilitadas, que possuamos: mas vultos notaveis appareceram então, e cumpre dizer, que os primeiros talentos da época, com raras excepções, foram aproveitados na governação do Estado.

Já experimentado na administração, e de reputação firmada, esse illustre brasileiro foi chamado ao ministerio da fazenda em 13 de Novembro de 1823, logar que servio até 23 de Novembro de 1825, distinguindo-se por sua proverbial probidade.

pela liberdade da imprensa em 1821. Além disso foi por varias vezes ouvido nos conselhos d'El-Rei D. João VI, com assistencia de seus ministros.

Fez parte do conselho de estado, que elaborou a constituição jurada em 1824, foi escolhido senador pelo Rio de Janeiro em 22 de Janeiro de 1826, sendo mais tarde nomeado visconde depois marquez de Maricá.

Sua vida publica foi placida e serena: homem de gabinete, character eminentemente religioso, nenhuma parte teve nas crises, que agitaram seu paiz. Conquistou as mais elevadas posições sociaes de sua patria, não por effeito de intrigas ou de meios tortuosos, sim pelo seu merecimento, intelligencia e probidade illibada.

Uma vez pago o seu tributo á causa da organização politica do seu paiz, o marquez de Maricá, cedendo ao pendor de suas naturaes inclinações, pareceu retrahir-se á solidão para entregar-se ás suas profundas meditações. As paixões do mundo não ousavam transpôr as avenidas do seu retiro: ahi, nessa mansão serena do pensamento, dedicava-se ao culto da verdade e ao estudo da philosophia, depois de haver tractado e conhecido os homens e as cousas.

Nelle o homem religioso fazia desapparecer o politico. O profundo pensador e moralista não descia da altura de suas abstracções philosophicas para envolver-se no turbilhão dos acontecimentos, que se debatiam como em um mar agitado. Seu nome atravessou puro e incolume no meio das crizes politicas, que ao redor d'elle se desencadeavam.

Importante e elevada é a missão desses pensadores fecundos, que se embrênham com o facho da reflexão pela região infinda das grandes idéas: são elles, que dissipam o erro, e descobrem as verdades sociaes, que devem muitas vezes mudar o destino dos povos.

Antes que a revolução franceza apparecesse, seus principios se tinham já agitado com ardor no cerebro de Rousseau e Voltaire, e uma cohorte illustre de pensadores os havia já proclamado.

Na idade de 60 annos, no ultimo periodo da madureza intellectual, depois de ter observado o mundo, começou a escrever suas maximas, fecundo resultado de longa e esclarecida experiencia.

Como são solemnes essas palavras, que o illustre sabio estampou nas ultimas paginas do seu livro immortal, como o seu testamento litterario?

« Depois de impressos varios volumes das minhas *Maximas*, continuo a escrever, sem esperanza de poder publicar o pouco que da minha penna sahir. Sinto-me ir morrendo, e não só na dissolução physica, tambem na espantosa esterilidade do meu espirito, reconheço, sem horror, a approximação do meu ultimo dia.

« Escrevo, pois, para distrahir-me sómente. Já me é vedado o ler; e vivendo á sós com as minhas meditações, idéas me occorrem que não me parecem indignas de ser escriptas.

« Em 13 annos, e em 6 volumes, tenho publicado 4700 artigos, com o titulo de *Maximas, Pensamentos, e Reflexões*.

« Afigurou-se-me ser esta uma missão, que de

Deus recebêra, e comecei a desempenhal-a, no periodo da mais plena madureza da minha intelligencia. Foi o objecto das minhas vigalias, desde a idade de 60 até os 73 annos completos. . .

.
 . . . « Procurei ser util á humanidade, e nem a fórma de que revesti os meus pensamentos é das menos proprias para alcançar tal fim. |

« Compreendi eu a minha missão ?

« Dentro da minha campa o ouvirei do écho da posteridade. » (4)

A pallidez da morte pousava já em seu cadaverico semblante. O lume de seus olhos apagára-o a vigilia de todas as horas. Podia morrer, porque seu passado não era uma pagina muda; e no dia de sua morte saudára o sol da gloria, que despontava detraz do seu tumulo !

O marquez de Maricá falleceu no Rio de Janeiro aos 16 de Setembro de 1848. Hoje que seu nome passou aos archivos da posteridade, a historia póde proferir com segurança o seu juizo, sancionando a admiração da geração contemporanea por esse vulto immenso de nossas lettras.

A maxima tem uma linguagem propria, segredo de arte e de estylo, que cumpre guardar. E' nesses pensamentos isolados, que resumem muitas vezes uma grande verdade, que se revela o talento superior do escriptor, que se apura mais a precisão das idéas.

(4) Estas palavras, escriptas em Fevereiro de 1848, precedem a publicação de suas ultimas maximas.

A concisão e a sobriedade devem alliar-se á lucidez da expressão.

Consideradas por esse lado, as *Maximas do Marquez de Maricá* constituem um primor d'obra, e revelam um litterato artista de apurado gosto.

Cada palavra tem ahi o seu quilate. Admira-se, sobretudo, o atticismo de linguagem, a limpidez do estylo, a correcção e severidade de fórmulas, que revestem os seus pensamentos.

Algumas vezes uma mesma verdade, como companheira fiel, revoava em torno de seu espirito e vinha de novo pousar sobre sua penna. E' o que nos explica algumas repetições, que se notam na collecção de suas maximas. (5)

Ha alli talvez algumas reflexões sombrias, verdade amargas, que levam a desillusão ao espirito. Mas a quem jamais, nas horas dos intimos pensares, não terá assomado uma idéa de tristeza e desengano cruel? Quem não terá nesta vida descrido um dia da bondade dos homens? Esse presentimento sinistro está escripto na historia das duvidas do espirito humano. Só a religião fecha as feridas do scepticismo com o balsamo salutar de uma santa crença.

Tal era o Marquez de Maricá, apezar de algumas palavras sombrias, que sahiram de sua penna. Via e

(5) As *Maximas do Marquez de Maricá*, publicadas no Rio de Janeiro na typographia de Eduardo & Henrique Laemmert, de 1843 a 1849, formam um grosso volume in 8º de perto de 700 paginas.

confessava as fraquezas dos homens, mas a palavra santa da tolerancia religiosa estava em seus labios; e a admiração das grandes obras da natureza vinha logo misturar-se á essa dôr moral.

Em seu livro de maximas, glorioso monumento erguido á litteratura nacional, ha como uma vasta synthese das grandes verdades, que o espirito humano tem conquistado no decurso de seculos. O resultado de profundas meditações, de uma experiencia reflectida, de observações fecundas colhidas no grande livro do mundo, ahi se acham accumuladas.

A philosophia christã nunca teve um interprete mais eloquente, a moral religiosa nunca encontrou um apostolo mais fervoroso. Cada pensamento ahi é um hymno á virtude, um culto á verdade.

O philosopho, o publicista, o legislador, o diplomata, o homem de estado, o litterato, ahi encontrarão todos verdades profundas, que o illustre sabio desentranhava de seu cerebro, onde parecia arder a luz perenne da sciencia.

O espirito sente-se como tocado de uma concentração religiosa, percorrendo essas paginas venerandas, onde um pensador vigoroso e fecundo depoz o sello de seu immenso saber.

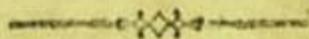
Ha alguma cousa de grandioso e solemne no espectáculo desses cenobitas da sciencia, que se retrahem á solidão para consagrar-se ao culto da verdade, como esses *obreiros sepultados no fundo das minas de*

ouro, que enviam á terra thesouros de que nunca gozarão. (6)

E' um livro monumental esse, em cujas paginas o coração se expande ao aroma suave da virtude, sem que nas maximas de uma sciencia vã se desbote a flor delicada do sentimento.

Receba a patria, cheia de agradecimento, legados como esse ; eduque-se a nova geração nesses principios de uma moral pura, que ahi estão escriptos nesse grande livro ; e no exemplo de uma sociedade regenerada pela palavra inspirada do philosopho ficará firmada pela perpetuidade dos seculos a gloria do marquez de Maricá.

(6) Chateaubriand, *Estudos Historicos*, prefacio, pag. 14.



141
BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

IV

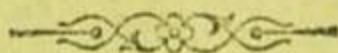
ESBOÇOS BIOGRAPHICOS

POR

H O M E M D E M E L L O

—

2ª PARTE.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO

Rua do Rosario n. 84.

—

1862.

143

« Se no meio da scena dos negocios publicos um philosopho tivesse apparecido, cuja gloria pura e modestamente adquirida na defesa dos grandes principios e dos interesses geraes e permanentes de nossa ordem social, reflectisse sobre todos conjunctamente seu esplendor, e fosse como o patrimonio da nação inteira; um philosopho em quem o mais rico thesouro de virtudes antigas se reunisse á raros talentos, e que tivesse atravessado trinta annos de luctas ardentes com a consciencia em paz e innocente dos excessos commettidos, caminhando constantemente com os olhos fitos na lei moral do dever por entre as chammas das paixões politicas sem se deixar contaminar por ellas uma só vez; se esse apostolo infatigavel da justiça e da liberdade para todos houvesse sempre devançado para o seu paiz a bella e nobre utopia de um governo sem partidos, sustentado unicamente na larga base da união e harmonia dos Brasileiros, e que duas vezes procurasse em vão realisar este sonho generoso e tão caro ao seu coração; não seria acaso a imagem d'este varão, não seria a imagem do Senador Francisco de Paula Souza e Mello que conviria collocar no templo da concordia publica, ou no congresso do povo, que a tivesse firmado? »

(Biographia do Conselheiro Paula e Souza pelo Dr. Francisco de Salles Torres Homem; — Correio Mercantil de 1851.)

BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

FRANCISCO DE PAULA SOUZA E MELLO. (1)

No fim do seculo passado vivia na villa de Itú uma respeitavel familia que na pratica de severas virtudes fazia consistir a sua felicidade.

Eram o bacharel em canones Antonio José de Souza, natural do Porto, e sua mulher D. Gertrudes Solidonea de Serqueira. Mas essa união roborada por laços tão sagrados, rodeiada de tantos encantos, o céu não a queria abençoar com o nascimento de um filho, que fosse no futuro o legatario de suas tradições. No seio da paz domestica os dous virtuosos esposos viam sua felicidade incompleta...

(1) Sobre o conselheiro Paula Sousa veja-se a sua biographia feita pelo Dr. Francisco de Salles Torres Homem, *Correio Mercantil* de 1851; e *Revista do Instituto Historico*, tom. 13 pag. 241 e 537.

N'esse ancian de um dezejo casto, volveram seus olhos á Deos, e dirigiram uma supplica fervorosa á S. Francisco de Paula, para que o nascimento de um ente caro a seus corações viesse enlaçar sua existencia.

A benção celeste desceo nas azas da oração, e, no dia 5 de Junho de 1791, d'esse hymineo ungi-do pela religião do cruxificado nasceu um menino que, em honra do Sancto invocado em suas preces, ficou-se chamando Francisco de Paula.

E' o conselheiro Francisco de Paula Souza e Mello.

Seu berço foi embalado pela religião; abriu os olhos á luz no meio das orações fervorosas da crença christã.

Sua alma inspirou-se cedo no expectaculo dessas virtudes patriarchaes, que se abrigavam sob o tecto que o vira nascer.

Essas scenas, que presenciara desde a infancia, fizeram-lhe uma impressão profunda, e contribuíram para dar á seu character esse fundo de austeridade religiosa, que nunca se desmentio nos embates de sua vida publica.

O raio da fé allumiou-lhe o espirito, logo que nelle despontou a razão.

Sua educação correu placida e serena, dirigida pelos severos principios da religião.

Na tenra idade de quatro annos perdeu seu pai

mas essa falta foi felizmente compensada, e sua instrucção nada veio á soffrer.

Existia por esse tempo em Itú o veneravel jesuita José de Campos Lara, que, depois de soffrer longos annos de exilio na capital do mundo christão, viera acabar seus dias na terra natal.

Os ultimos raios dessa intelligencia vigorosa, robustecida pela crença christã, puderam ainda derramar-se sobre os primeiros assomos da razão de Paula Sousa.

Seu espirito denunciou desde logo um desenvolvimento precoce e uma virilidade incompativel com tão verdes annos. Sua compleição era delicada e debil, mas sua aptidão para o estudo e a força de meditação que logo manifestou venceram esse obstaculo, que parecia antepor-se á sua educação litteraria.

Depois de aproveitar a instrucção dada por seu parente o jesuita Lara, continuou em Itú á cultivar sua intelligencia, e foi á S. Paulo estudar o mais, que ahi se ensinava, voltando depois á terra de seu berço, onde a livraria, legada por seu pai, satisfazia a avidéz de seu espirito.

As grandes intelligencias educam-se no seio da solidão. Ahi, no interior de uma colonia desprezada e suspeitosamente vigiada, Paula Sousa formou seu espirito e educou essa intelligencia varonil, que fez a admiração de uma geração inteira.

« Do sen gabinete fez essa admiravel universi-
« dade, onde colheo tantos e tão variados conheci-
« mentos, nos monologos da solidão adquirio essa
« força de pensar que tanto o distinguio, e essa
« pratica da virtude para nos deixar o edificante
« exemplo de sua modestia, em uma epocha, que
« pede o salario antes do trabalho e o triumpho
« primeiro que a victoria. » (2)

Entretanto os destinos de sua patria se iam complicando, e graves acontecimentos succediam-se com rapidez. O movimento liberal de 24 de Agosto de 1820 trouxera uma nova ordem de cousas, que estremecera o corpo entorpecido da antiga colonia.

O systema constitucional estava acceito e proclamado em todos os dominios de Portugal.

O Brasil teve pois de eleger seus deputados ás côrtes de Lisboa. O nome de Paula e Souza, já então rodeado de merecido prestigio por seus grandes estudos foi honrosamente inscripto pela provincia de S. Paulo na lista de seus representantes ao lado de Antonio Carlos, Feijó e Vergueiro.

O estado debil de sua saude inhibio-o de ir desempenhar tão elevado mandato, e o reteve na provincia, onde novos acontecimentos reclamavam

(2) Discurso do orador do Instituto, Porto-Alegre, recitado á beira do tumulo de Paula Sousa, Revista tomo 15 pag. 243.

149

sua presença. Foi nas côrtes de Lisboa substituído pelo respectivo supplente Antonio Manoel da Silva Bueno, que conjunctamente com os outros deputados brasileiros desenvolveu sobrada energia e dedicação pela causa do Brasil.

O movimento da independencia, que se começára á organizar no paiz sob os auspicios do principe D. Pedro, luctava com as pretensões do antigo regimen, que em seus ultimos arrancos queria ainda dominar a terra de Santa Cruz.

Na cidade de S. Paulo o movimento de 23 de Maio de 1822, organizado no sentido das idéas lusitanas, tentou oppor embaraços á marcha triumphante da independencia nacional.

A provincia de S. Paulo, destinada para o theatro dos triumphos da liberdade, não podia sancionar com sua aprovação esse acto, que era como uma nodoa ao sol brilhante da independencia.

A camara de Itú, animada do mais puro civismo, reunio-se em vereação extraordinaria no dia 4 de Agosto de 1822, declarou nullo e cassado o governo provisorio da capital e os povos desligados de sua obediencia; e para chamar á um centro de união os animos da provincia, trasidos á divisão pelos acontecimentos da capital, conferio á Francisco de Paula Souza e Mello poderes de procurador da dita camara, encarregado de levar a propaganda libertadora á todos os angulos da provin

cia e tratar com as villas colligadas para organisarem um centro de união e obediencia ao principe regente. (3)

Essas medidas, dictadas pelo patriotismo, vingaram a causa da liberdade brasileira das desairosas pretensões dos lusitanos e foram seguidas da proclamação definitiva da independencia.

Convocada a constituinte, *essa assembléa de corações generosos onde a fé e a esperanza se abraçavam, onde o febricitar do patriotismo podia ter tido erros mas nunca teve crimes*, Paula e Souza, à ella deputado por S. Paulo, ahi appareceu como um dos representantes da nova epocha, um dos apostolos da liberdade.

Era o primeiro ensaio do systema representativo no Brasil.

(3) Com quanto estas medidas não se levassem á effeito pela presença de D. Pedro em S. Paulo, que assumio as re-deas do governo, com tudo deram grande impulso á causa do Brasil. Annulando o termo de vereança extraordinaria da camara de Itú de 4 de Agosto de 1822 por já existir na provincia com sua presença um centro de união, D. Pedro louvou á camara, povo e tropa desta villa a intrepidez que tinham desenvolvido pela sagrada causa do Brasil. (Paço em Lorena 19 de Agosto de 1822.) Estes promenores são extrahidos da *Gazeta do Rio de Janeiro*, n.º 104 de 29 de Agosto de 1822, e da *Devassa*, á que se procedeu por portaria de 7 de Setembro de 1823 do ministro e secretario d'estado interino Luiz de Saldanha da Gama sobre os acontecimentos de 23 de Maio de 1822 em S. Paulo.

Os filhos da antiga colonia abriam com sorpresa os olhos á luz brilhante das novas idéas.

Havia então um enthusiasmo ardente pelas cousas publicas. As crenças politicas não estavam ainda estragadas por esse frio indifferentismo, por essa ambição egoistica, que calcula com a patria como com um objecto de engrandecimento pessoal.

Havia a fé e a esperanza no coração. Cada deputado tinha diante de si a imagem da patria.

Tal foi Paula e Souza na constituinte. Homem de gabinete, robustecido por graves estudos, mas ainda não avesado ás evoluções da politica, desempenhou sua missão com consciencia e inteiresa, embora a timidez se manifestasse em seus primeiros passos. Dissolvida a constituinte, um periodo inglorio succedeu aos acontecimentos grandiosos da independencia. Uma nuvem sombria de tristeza projectou-se sobre o Imperio todo, e a desconfiança espalhou-se em todos os animos.

Estremecido pelo acto violento da dictadura imperial, desarmado diante do poder, o paiz achava-se collocado sob uma dolorosa pressão:

« Tambem Paula e Sousa cobrio a cabeça com um manto negro, e foi esperar em S. Paulo o dia de resurreição das idéas constitucionaes » (4).

(4) Expressões do Sr. Dr. F. de S. Torres Homem na biographia acima citada.

Mais de dous annos volveram, antes que terminasse esse sombrio interregno do systema representativo, em que o espirito publico, cruelmente desiludido, vacillava no meio das incertezas do porvir.

No dia 6 de Maio de 1826 reuniu-se finalmente o parlamento brasileiro. Era como a aurora precursora de um bello dia.

No seio d'essa assembléa notavel, em que repousavam agora as esperanças constitucionaes do paiz, reappareceram de novo todos os grandes vultos da geração da independencia, entre os quaes Paula e Souza occupava um lugar proeminente.

As primeiras illustrações do império achavam-se reunidas nesse recinto. Talentos notaveis, intelligencias vigorosas, educadas nos sãos princípios do regimen constitucional, encontraram-se nessa primeira camara do Brasil, que foi chamada á consolidar no paiz o systema representativo.

Sahido de uma aldea obscura, Paula e Souza appareceu entre esses grandes vultos como um dos talentos mais notaveis, que os acontecimentos de então poseram em relevo, e desde logo tornou-se um dos primeiros parlamentares do paiz em uma assembléa, que tinha em seu seio Vasconcellos, Feijó, Lino Coutinho e tantos outros oradores distinctos.

O paiz achava-se então em flagrante antagonismo com o poder.

Os hábitos inveterados de longos tempos não podiam desaparecer de subito, sem conflicto com as novas idéas.

A primeira legislatura do Brasil representa a lucta entre as idéas liberaes e as pretensões do antigo regimen.

A nova geração, representada na assembléa pelas primeiras intelligencias do paiz, exigia instituições liberaes, como corolarios da constituição; os homens do passado tentavam reproduzir sob o dominio do regimen constitucional as scenas do absolutismo.

Paula e Sousa alistou-se entre os valentes defensores das instituições liberaes, e poz ao serviço das liberdades publicas os recursos admiraveis do seu talento. Com o vasto cabedal de seus grandes conhecimentos concorreu exforçadamente para a confecção de todas essas leis importantes, que nos deu a primeira legislatura, e que eram destinadas á desenvolver e completar o pensamento da constituição. Sua reputação, como homem de tribuna e discussão, firmou-se no paiz. No meio dos eleitos do povo era respeitado pela integridade e placidez de seu character.

A convicção e o patriotismo fallavam por seus labios. O prestigio de sua probidade e desinteresse, e a autoridade de sua palavra deram um grande triumpho á causa popular. Os aconteci-

mentos agitados, que então se succederam, não puderam annuviar o horisonte de sua existencia serena e tranquila.

O paiz via-o sempre em pé na tribuna, defendendo as instituições livres. Mas seu nome nunca appareceu no tumultuar desordenado das paixões do dia. No momento da acção, na hora do combate, o sabio legislador recolhia-se á seu gabinete, e salvava a pureza de seu character dos excessos, que se praticavam.

A 27 de Julho de 1833 os votos de seus concidadãos o collocaram no senado, como a guarda avançada das liberdades patrias.

Em breve a reacção contra a democracia triumphante despontou no paiz; e no parlamento travou-se a lucta entre os principios liberaes e a eschola da authoridade.

Paula e Sousa, o vulto gigante da tribuna brasileira, cujo talento de discussão não tinha rival, appareceu na arena, e oppoz os recursos prestigiosos de sua intelligencia contra a propaganda do regresso, apregoada pelo notavel estadista Vasconcellos.

Ha na historia desse periodo lições profundas de discussão parlamentar, dos recursos das assemblies deliberantes.

A lei foi discutida com uma proficiencia, com

um verdadeiro luxo de erudição, que fariam honra ao primeiro parlamento do mundo.

Quando o depotismo do numero veio impor-lhe silencio ; quando já o principio liberal expirára á despeito de seus esforços, o illustre parlamentar proferio estas palavras cheias de animação e de amargor :

« Se o paiz não se satisfez com o que então (nos tempos coloniaes) gozava, como se quer agora voltar, não ao passado, não ao despotismo, mas a tyrannia ? Depois de navegarmos no mar tempestuoso das revoluções, vamos ao porto, não do despotismo, mas da tyrannia ! E póde alguém persuadir-se de que alguém queira isto ? Creio que não. Eis a a razão porque eu disse que hoje ha de facto lucta da olygarchia contra a monarchia ; mas aquelles que tem combatido pelos principios sagrados que nos tem salvado, aquelles na crise de 1831 sustentáram a monarchia e a constituição, ainda estão vivos, hão de trabalhar e a victoria ha de ser da monarchia e da constituição ! »

Foi grande e nobre essa lucta entre os dous principios, que entre si disputáram o dominio do

(3) Discussão da lei 3 de Dezembro de 1841; discurso de Paula Sousa no Senado, sessão de 3 de Setembro de 1841 (Despertador n.º 1099 de 9 de Setembro de 1841.)

paiz. Nunca parlamento algum apresentou um mais grandioso espectáculo!

De um lado o poder com suas seducções, com a omnipotencia de seus recursos, ajudado pela habilidade admiravel de um talento portentoso, tentando abater o principio liberal; de outro lado, um homem só em pé na tribuna como um gigante, oppondo o prestigio de sua palavra contra a reacção monarchica, *renovando-se bravamente no combate*, e procurando reter em sua quêda a conquista da democracia, que desabava por todos os lados ferida pelos golpes do poder!

O projecto da lei de 3 de Dezembro fôra apresentado ao parlamento brasileiro, como a encarnação das novas idéas.

Paula e Sousa correu pressuroso em defeza da causa por elle esposada e desenvolveu contra essa lei, todos os recursos que o systema representativo póde offerecer, na orbita da constituição.

... « Que mais poderei fazer? Tenho exposto a minha opinião francamente, tenho instado para que o senado attenda ás minhas observações: nada mais me resta senão confiar na Providencia. Eu a reconheço e descanso n'ella; espero que acorde o monarcha, e faça com que o throno ouça a verdade. Peço aos brasileiros, que supportem este jugo, que só por vias legaes, que poucas restam, procu-

rem fazer com que a verdade triumphe, que confiem na Providencia, unica esperanza que me anima. » (6)

E' o apostolo da liberdade, o philosopho christão que, vendo perdida sua causa, falla resignado a um povo inteiro, e impõe-lhe a paz com a autoridade de sua palavra.

Entretanto esse ancião respeitavel e pacifico, que assim aconselhava a resignação e a obediencia á seus concidadãos, foi tambem maltratado em 1842 pelos acontecimentos da epoca.

O movimento revolucionario de S. Paulo e Minas desafiára as suspeitas do poder contra os nomes prestigiosos do partido liberal.

Paula e Sousa teve ordem com Vergueiro e Feijó de retirar-se da provincia de S. Paulo.

Felizmente, porém, seu character pacifico desarrou o poder, e o venerando ancião conservou-se no seio de seus concidadãos sem soffrer as violencias, que couberam em partilha áquelles illustres martyres da causa popular.

Terminada a revolução e serenados os horisontes, Paula e Sousa voltou para o seio de sua camara e continuou a prestar o prestigio de sua palavra e de sua autoridade á causa do systema representativo.

(6) Idem, idem na sessão de 20 de Setembro de 1841. (Despertador n. 1114 de 24 de Setembro de 1841.)

No conselho de estado recentemente creado, onde o collocara a confiança do monarcha, adquiriu uma reputação superior, desenvolvendo em trabalhos importantes os recursos de sua immensa erudição e revelando todas essas elevadas qualidades, que constituem o homem de estado completo e o legislador consumado.

Um pensamento nobre e grandioso occupou-o n'essa segunda phase de sua existencia, e dominou todas as suas aspirações.

Sincero e devotado amante da monarchia constitucional, Paulá e Sousa almejava ardentemente restaurar o systema representativo, abastardado pela lucta das facções.

Depois da independencia, o paiz vira-se empenhado em um lucta séria de principios, resultado necessario de uma epoca de organização.

Viera a victoria da democracia, succedera-lhe a eschola da autoridade.

A reacção apparecêra; e a par de serviços reaes feitos á ordem publica, o partido conservador, exaggerando sua acção, trouxe o paiz uma situação anormal.

No seio da patria, dividida pelas paixões politicas, desenhavam-se dous campos de inimigos implacaveis: o vencedor e o vencido.

O partido vencedor, avassallando tudo, trazia o imperio todo arregimentado e dictava a lei ao paiz

O vencido estava fóra da lei, e acima desta o interesse de partido.

No meio dessa lucta fratricida a luz da reflexão veio aclarar o abysmo que nos aguardava. Os espiritos pensadores comprehenderam que o systema representativo, cuja base é o voto nacional, ficava reduzido á um vão simulacro, desde que a urna eleitoral estava avassalada pelo poder.

«A lei eleitoral resume em si todo o governo, todo o estado, toda a carta.

« Poder-se-hia mesmo dizer, que não ha no paiz outra lei verdadeiramente politica, ou em outros termos, que, como lei matriz, ella encerra em si, todas as outras. A carta é a sociedade em repouso, A lei eleitoral é a sociedade em marcha.» (7)

De feito, a verdade do systema representativo repousa toda na lei eleitoral.

A eleição, entretanto, no Brasil era então feita sempre no sentido das idéas do partido vencedor, que fechava as avenidas do parlamento aos seus adversarios.

Desse modo o systema constitucional, profundamente viciado, transformava-se em uma tyrania organisada.

(7) Cormenin, Livro dos Oradores, Retrato do general Foy.

Paula e Souza, cujo sonho dourado era a realidade do regimen representativo em sua terra, concebeo o pensamento de quebrar com a omnipotencia dos partidos, cuja vontade e interesse substituiam-se aos dogmas sagrados de nossas instituções, e restaurar o systema constitucional, restituindo-lhe a liberdade da urna eleitoral e garantindo a expressão do voto nacional.

Esse pensamento generoso encarnou-se no projecto de lei de circulos, e incompatibilidades, que antolhou-se ao illustre parlamentar como o meio mais efficaz para conseguir esse grande resultado.

Chamado aos conselhos da corôa, Paula e Sousa, dominado sempre por esta idéa grandiosa, apresentou ás camaras o seu projecto, e desenvolveu na tribuna o resultado de suas profundas meditações politicas.

Nobre e honroso empenho esse de um homem de estado, que, collocado no poder, procura restabelecer em solidas bases o systema constitucional, abalado pela lucta desordenada dos partidos !

Entretanto não era Paula e Sousa talhado para as grandes transformações sociaes. Estadista consumado, dotado do uma vasta intelligencia, mas de um character timido e indeciso, hesitava na hora da accção e inutilisava seus grandes talentos pelos escrúpulos de sua delicada consciencia. Era ho-

mem de gabinete, não de acção. Pertencia á essa eschola severa, que antepõe a moral aos calculos da combinação politica, e proclama a grandesa dos fins pela nobresa e honestidade dos meios empregados.

« Em afferro aos principios salutaes da nossa constituição politica, em patriotismo, em probidade e desinteresse, seu exemplo será sempre citado com admiração ás gerações vindouras. Nunca desejou o poder para o qual o chamavam seus talentos parlamentares e sua alta reputação, e do qual o desviavam sua modestia, sua consciencia escrupulosa ao ponto de neutralisar todas as outras qualidades de estadista, que possuia em gráo eminente. Essa virtude em excesso; a inexperiença do mundo real, que elle mais conhecia pelos livros do que pelo trato humano e pela pratica dos negocios, justificavam a sua repugnancia á governação do estado, e tornaram sombria a sua rapida passagem pela região do poder. Era homem de conselho e de discussão; sua vida de retiro, sua timidez, aliás filha de uma virtude, o inhabilitavam para dirigir a publica administração.» (8)

Não conseguio, pois, o dedicado ministro o seu generoso intento: as grandes idèas, como essa, por elle concebida, que encerrava a verdade do

(8) Trechos da —*trigesima setima carta ao amigo ausente*, publicada ao Jornal do Commercio de 18 de Agosto de 1851.

systema representativo, só se realisam com a acção lenta do tempo. Aquelle, que as proclama, dá o primeiro passo, mas não assiste ao seu triumpho.

Desenganado por amargas decepções, luctando com sua propria repugnancia para o governo, Paula e Sousa, certo de não poder realisar suas idéas, deixou os conselhos da corôa, depois de haver tentado um ultimo exforço pelo triumpho dos principios liberaes, que veio mais tarde realisar-se sobre seu tumulo.

No senado e no conselho de estado continuou ainda á prestar seus serviços á causa da monarchia constitucional. O seu voto foi sempre o mesmo, sua palavra grave e authorisada nunca deixou de se fazer ouvir nas luctas de então. Até á ultima hora combateo pela causa de seus principios. N'essas leis, que então se discutiram, quando lhe parecia ameaçado o principio liberal, a tribuna do senado repercutia os echos de sua voz poderosa, sempre empenhada nas grandes discussões.

Há em sua vida um facto grandioso e extraordinario, que parece antes uma pagina arrancada á historia dos heroes da antiga Roma.

Prostrado em um leito de dôr pela enfermidade fatal, que o levou ao tumulo, tumultuava entretanto em sua grande alma o pensamento da patria.

Discutia-se no senado o projecto de lei militar que está hoje convertido em lei do estado, e con-

tra o qual se manifestara energicamente a opinião liberal do paiz.

Torturado por dôres crueis, tocando já os umbraes da eternidade, Paula e Sousa, pallido, cada-verico, com o sello da morte impresso sobre a fronte, tenta um exforço supremo sobre a materia desorganizada para ir ao senado oppôr o ultimo lampejo de sua razão contra essa lei!

« Quero ir ao senado, diz elle, para protestar em nome da constituição contra a lei de sangue, que sujeita paisanos á commissões militares. Talvez que os ultimos conselhos proferidos pela voz prophetica de um moribundo não sejam desprezados.»

Foram estas as suas ultimas palavras e o seu ultimo voto. (9)

N'esse mesmo dia perdeu para sempre o uso da fala, e no dia 16 de Agosto de 1851 deu sua alma ao Creador.

Morreu pela patria, como para ella vivêra, deixando a seus concidadãos o nobre e eloquente

(9) Historiando este facto, diz o Sr. Porto-Alegre: «Nos seus ultimos dias era agitado (Paula Souza) por uma força misteriosa que o impellia á apparecer no senado; havia n'elle uma manifesta desinquietação de despedir-se da patria, e de mostrar do alto da tribuna o ultimo clarão da sua existencia luminosa; preparou-se para isso: mas a morte o paralisou.» (Revista do Inst. tom. 15, pag. 540.)

exemplo de uma existencia consumida toda na pratica da virtude.

Paula Souza é um dos typos mais severos de nossa historia. Os actos de sua vida, tão modesta e tão pura formariam *um bello curso de moral em acção* (10).

Filho da liberdade, atravessou os mais agitados periodos de nossa vida politica com o seu nome puro dos excessos praticados, e dos odios rancorosos dos partidos. O brilho de suas virtudes nunca desmaiou na lucta desairosa das facções.

A serenidade de suas idéas, a placidez de seu character nunca desmentio-se, ainda nas maiores crises.

Quando as paixões politicas se desencadeavam infrenes, elle fazia ouvir grave e severa a linguagem da razão.

Em todas as suas palavras transparecia o patriotismo. Todo o vasto cabedal de seu immenso saber elle o empregou na tribuna, no gabinete para nos dar instituições livres.

Seo ultimo suspiro foi ainda um gemido pela patria, como pela ultima palavra de sua religião.

Intelligencia vigorosa, robustecida por graves e variados estudos, Paula e Souza era um desses homens talhados para dominar as assembléas de-

(10) Cormenin, Livro dos oradores, Laffitte.

liberantes pela força invencível de seu raciocínio, pelo accento grave de sua palavra.

A sciencia de estado lhe era conhecida em todos os seus ramos. Legislação, commercio, industria, finanças, instrucção publica, tudo discutia com uma proficiencia admiravel, com uma profundesa, que levava a luz á todas as questões.

Talento de discnssão ninguem o possuio em maior gráo.

Como vão longe de nós esses tempos heroicos, em que Paula Sousa, Alves Branco e Vasconcellos se mediam na tribuna como outros tantos gigantes!

Houve muita nobresa nessas luctas de nosso passado!

No meio das grandes commoções, em que se empenhou sua palavra, nunca esse illustre parlamentar atirou uma scentelha ao immenso combustivel das paixões politicas, que então se debateram.

Dirigia-se á razão, fallava á intelligencia. Desprezava os atavios da fórma; dava as idéas pelo que ellas valiam, sem procurar deslumbrar a vista com um falso colorido.

Espirito eminentemente calmo e reflectido, Paula e Sousa animava-se entretanto nas grandes luctas; sua expressão tornava-se mais energica e o grande orador transportava para a tribuna os po-

derosos soliloquios de seu pensamento. Nunca a eloquencia servio melhor a causa da verdade!

O despotismo do numero podia vencel-o na decisão dos debates. Mas seus argumentos resistiam á phalange cerrada de seus adversarios; e no meio da victoria material, por estes obtida, elle dava o nobre espectaculo do triumpho moral de suas idéas, *fallando como vencedor no meio de seus revezes!*

A vida de Paula e Souza será sempre uma das mais bellas paginas da historia parlamentar do Brasil, e um eloquente exemplo de moralidade para as gerações futuras.

**FRANCISCO ALVARES MACHADO
E VASCONCELLOS. (1)**

Nós os brasileiros não sabemos honrar os grandes homens de nossa terra !

Que é feito de tanto nome illustre, que se engrandeceu nas luctas da patria ?

Que é feito de tanta eloquencia, de tanto patriotismo, que se fez ouvir nos comicios populares ?

Sem as poderosas evocações da historia não ha grandeza nacional.

Nem uma inscripção singela, nem uma palavra de gratidão nesses tumulos modestos, que guardam as cinzas de nossos maiores !

Alvares Machado é um desses nomes esquecidos hoje na voragem do passado. Entretanto sua existencia gloriosa consumio-se no serviço da pátria e da humanidade. Orador altivo e eloquente, teve na tribuna triumphos grandiosos, que o collocam a par dos nossos maiores vultos parlamentares.

(1) Vid. *Ann. Politico e Historico do Imperio do Brasil*, Paris 1846, pag. 491, biographia de Alvares Machado (feita por J. J. Machado de Oliveira) e *Revista do Instituto Historico*, supplemento ao tomo 11, 1848, pag. 176.

Sua palavra animada e colorida, empenhada sempre em prol da dignidade nacional, da honra e do patriotismo, desprendia-se com força e revivia as glórias da patria, fanadas no indifferentismo do seculo. A' par de Antonio Carlos e de Martim Francisco, sua eloquencia não desmaiava. Era preciso ser um gigante na tribuna para sustentar parallelo com esses principes da palavra, cujos écos parecem ainda hoje surgir do tumulto e reboar nas abobadas do nosso parlamento !

Francisco Alvares Machado e Vasconcellos, nasceu na cidade de S. Paulo a 21 de Novembro de 1791 ; foram seus pais Joaquim Theobaldo Machado e Vasconcellos e D. Maria Alvares da Silva Bueno. Entre os seus ascendentes conta o illustre paulista, o celebre economista João Baptista Say, tradicção que até hoje se conserva em sua familia.

Seu pai, antigo cirurgião da provincia de S. Paulo, applicou-o cedo ao estudo de sua profissão, e ensinou-lhe alguns principios dessa arte difficil, que o joven paulista aprendeu, sendo nessa tarefa auxiliado pelo doutor em medicina Marianno José do Amaral.

Em 1806 foi promovido á ajudante de cirurgia na legião dos voluntarios de S. Paulo. Em 1809, na idade de 18 annos, obtendo demissão deste lugar, partio para Itú, afim de ahi praticar a sua arte e completar sua educação.

Esta cidade era então o fóco da illustração da provincia. Ahi os padres iniciavam a mocidade nos segredos da sciencia, no estado em que ella então se achava em uma colonia desfavorecida. Nessa escola de ensino patriarchal aprendeu Alvares Machado. Formou-lhe a intelligencia e dirigio sua educação litteraria em Itú o distincto advogado Manoel Pacheco Gato, que fôra discipulo de Antonio Leite Ribeiro, licenciado em artes pelos jesuitas do collegio de S. Paulo.

Alvares Machado desenvolveu grande intelligencia e applicação, e tornou-se um cirurgião notavel, um habilissimo operador, que foi admirado inda em seus ultimos dias. (2).

Em 1814 foi promovido a cirurgião-mór do 1º regimento de 2ª linha, lugar em que foi confirmado por carta patente de D. João VI.

Seus talentos, porém pediam um theatro mais vasto. Amadurecida a razão, educado o espirito no estudo severo do gabinete, os successos de sua patria, accumulando-se com rapidez, vieram transformar sua existencia, até então placida e serena.

A dissolução da constituinte em 1823 fôra seguida de uma reacção por parte do poder. O go-

(2) Até hoje as pessoas contemporaneas fallão com admiração de sua rara proficiencia e dextreza na extracção da belida, operação que praticou muitas vezes com o mais feliz successo.

verno mandára proceder a uma rigorosa devassa na cidade do Rio de Janeiro e na provincia de S. Paulo para se descobrirem os membros de um intitulado partido — *Tamoyo*, que, se dizia, conspirava contra a monarchia no Brasil. Em virtude desse novo plano de inquisição politica muitos cidadãos importantes da provincia foram mandados retirar para a côrte e para diversas comarcas. Alvares Machado e Diogo Antonio Feijó, victimas dessas suspeitas phantasticas, foram então mandados sahir da provincia com outros patriotas (3), e chamados á côrte, onde se conservaram por algum tempo sob o peso dessa imputação. A devassa foi afinal julgada improcedente; e em 27 de Abril de 1824 foram mandados recolher ás suas casas os exilados politicos.

Voltando á sua provincia, Alvares Machado foi logo eleito membro do conselho geral de provincia.

Nascido em S. Paulo, o berço de tantos varões illustres, inspirou-se cedo nas tradições de sua patria, educou-se na convivencia desses venerandos filhos da liberdade, que fazem o orgulho de nossa terra, e preparou-se para continuar no futuro essas acrysoladas virtudes civicas, que elle vio de

(3) Entre estes contam-se o padre Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, Dr. Mello Franco, coronel Moraes, os Barros (de Itú) e os Gomides, etc.

perto, e que lhe servirão sempre de luzeiro em sua vida publica. No meio dos vultos magestosos de nossas glorias, no meio dos Andradas, Feijós e Paulas Souzas, educou sua vigorosa intelligencia para ser mais tarde o legatario desses grandes nomes!

O principio da liberdade achava-se então em lucta com o poder.

Em 4 de Dezembro de 1829 a opinião liberal obteve um triumpho notavel: a demissão de um ministerio, que havia despertado no paiz graves suspeitas contra as suas tendencias. Esse facto foi geralmente considerado como uma homenagem e uma garantia aos principios constitucionaes.

Do seio do conselho geral da provincia de S. Paulo, Alvares Machado levantou sua voz, e por indicação sua foi levada á presença do Imperador uma representação do mesmo conselho, em que se lêem estas palavras memoraveis, escriptas por elle: « O despotismo não levantará jámais seu throno senão sobre as ossadas do derradeiro Paulista. » (4).

(4) Esta representação escripta por Alvares Machado era datada do 1º de Fevereiro de 1830. Por aviso de 19 de Fevereiro do mesmo anno, o ministro do imperio Marquez de Caravellas respondeu, que « Sua Magestade mandava participar ao secretario Diogo Antonio Feijó, para o fazer constar ao mesmo conselho, que S. M. o Imperador se dignou de ouvir com agrado a expressão de tão patrioticos sentimentos. »

Já então vantajosamente conhecido por sua illustração e por suas opiniões liberaes, foi por sua provincia deputado á assembléa geral na legislatura de 1834 a 1837, honra que lhe coube sempre nas subseqüentes legislaturas, á excepção do anno de 1842 a 1844, em que foi excluído pelo poder.

Corrião os dias tristes e sombrios da menoridade. A tribuna do parlamento abalava-se então com os échos poderosos da eloquencia animada dessa época agitada.

Alvares Machado levou para o seio da representação nacional suas opiniões liberaes, e o cabedal de uma grande illustração, adquirida nos soliloquios do gabinete.

Tornou-se logo um dos parlamentares mais distinctos do paiz. Sua eloquencia era espontanea e fluente; seu dizer correcto e animado, não poucas vezes amenizado por uma ironia fina e penetrante. Seu estylo oratorio tinha esse atticismo e causticidade, que descansa o auditorio, sem nunca desmentir a elevação do pensamento e a dignidade da expressão.

Dotado de uma alma apaixonada e ardente, inspirado por um patriotismo cheio de fé e de esperanza, não poucas vezes teve na tribuna esses rasgados movimentos oratorios, que o constituirão um dos primeiros parlamentares de seu tempo. Foi um discutidor habil e valente, que desenvol-

veu sempre os recursos de uma erudição variada e brilhante, e uma proficiência, que revelam os estudos profundos á que dedicou-se no silencio do gabinete.

Pertenceu a essa illustre opposição de 1838, que tão grandes serviços prestou á causa do systema representativo no Brasil, contribuindo para desenvolver e firmar os principios do regimen parlamentar entre nós.

Cançado de uma situação tibia e vacillante, cheia de sinistros terrores, o partido liberal determinára em 1840 pôr termo á esse estado anormal do paiz, e realisou a maioridade.

Alvares Machado foi um dos mais valêntes propugnadores dessa idéa que nascera armada, como a Minerva da cabeça de Jupiter. Ao lado dos maiores vultos da tribuna brasileira, sua eloquencia conseguiu assignalados triumphos.

Consummada a maioridade, uma nova phase pareceu inaugurar-se no paiz.

A revolução do Rio Grande, porém, anuviava ainda o horisonte do imperio.

O primeiro voto da nação e do poder foi acabar com essa lucta ensanguentada de irmãos, que por largos annos cobrio a patria de luto.

A esperanza fagueira da pacificação antholhou-se aos espiritos como uma consequencia da maioridade.

Alvares Machado, o typo da lealdade politica, da prudencia e da firmesa, foi então incumbido dessa missão difficil, que prendia-se com os destinos do paiz.

A' 30 de Novembro de 1840 tomou posse desse importante lugar. Em uma das mãos levava o ramo de oliveira, que offereceu aos dissidentes— ora chamados ao gremio da sociedade brasileira, e na outra o gladio da guerra para sustentar a dignidade do imperio , se repellidas fossem suas proposições de paz : « O sangue de irmãos á largos jorros espalhado pelas campinas do continente, as lagrimas das carinhosas esposas; os gemidos dos innocentes orphãos ; a tristeza dos paes sem arrimo para a cansada velhice; a insuportavel saudade do bemfeitor e do amigo cuja perda é irreparavel; a desolação de novas e florescentes cidades e villas ; a destruição de consideraveis fortunas ; a estagnação das fontes de riqueza, tudo clama pelo dia de conciliação, paz e ventura.

« Abram-se de par em par as portas da provincia á fugida prosperidade e socego. »

. Confiai em mim, que hei de defender a integridade do imperio, os direitos do Sr. D. Pedro II, a constituição e as leis; ou ficarei esmagado debaixo das ruinas da patria. » (5).

(5) Proclamação de Alvares Machado aos Rio-Grandenses, em 30 de Novembro de 1840.

A esperança de um feliz exito pareceu sorrir benigna ao novo presidente, que assim tentara inaugurar a paz e a prosperidade no meio das ruinas da guerra civil.

Seu character integro e pacifico inspirou á principio confiança aos dissidentes, que o receberam com respeito; e o chefe d'estes, Bento Gonçalves da Silva, apressou-se em offerecer-lhe condições de paz (6).

Essas clausulas, porém apresentadas com o character de imposição, foram energicamente regeitadas:

« Delegado do governo, e verdadeiro amigo do throno de Sua Magestade, não posso consentir em qualquer conferencia senão depois que vós e vossos companheiros se declarem subditos do imperio, e nesse caso a conferencia deveria versar sobre o modo de regressarem ás suas casas aquelles que o seguem: é este o sentido em que admittia eu a conferencia. Não é o governo do imperio, á quem toca escolher a conciliação ou a guerra: á vós e vossos companheiros pertence optar..... eu os receberei como irmãos....Regeitando porém a amnis-

(6) Estas condições eram as seguintes: 1º, pagamento pelo Brasil da divida contrahida pelo governo da republica; 2º, alforria dos escravos que haviam servido á causa da republica; 3º, isempção do recrutamento para os officiaes da republica e conservação de suas respectivas patentes.

tia, ou querendo impôr condições ao monarca, entregaes á sorte das armas esta provincia que vos vio nascer, e então fica-me o pezar de que corra ainda, não por culpa minha, o sangue brasileiro. » (7).

Seus patrioticos exforços, á bem da pacificação foram assim baldados. As hostilidades recommençaram de novo: e a campanha abrio-se com gloria para o exercito legal, que fez recuar a rebelião diante de sua marcha victoriosa

Infelizmente os acontecimentos, que em breve se succederam, trouxeram a demissão de Alvares Machado, antes que pudesse obter um resultado vantajoso para a causa do Imperio.

E' esse o episodio mais importante de sua vida, que lhe trouxe amargos dissabores, angustias pungentes. Sua lealdade foi posta em duvida, suas intenções envenenadas, seu character calumniado pelas paixões politicas do tempo.

Ouçamo-lo a elle proprio referir em sua eloquencia varonil os episodios d'esse grande drama, e defender-se das recriminações, que lhe eram atiradas sobre sua politica de conciliação.

«..... Não terá chegado ainda o tempo em que todos os brasileiros esclarecidos pela experiencia

(7) Carta de Alvares Machado, de 8 de Dezembro de 1840, em resposta á Bento Gonçalves.

digam, abraçando-se:— basta de divisões, basta de sangue, basta de carnagem? Dar-se-ha caso de que os dissidentes, os ex-rebeldes do Rio Grande sejam mais brasileiros, mais generosos do que nós? Que tenham mais patriotismo de que os representantēs da nação? Vendo o estrangeiro ameaçar os muros da patria, elles, como os Romanos, imposeram silencio á divisão e á guerra civil; e nós os legisladores continuaremos em nossas deploraveis divisões!

. «Em que batalha ficaram os rebeldes para sempre derrotados, quaes de seus chefes cahiram em nosso poder; quaes os meios com que nullificamos definitivamente esse novo Anteo? A rebellião do Rio Grande foi batida em varias partes e esmagada no Fanfa; mas levantava-se logo com mais força do que antes da sua queda; foi pois a politica da reconciliação apoiada pela força, foi o patriotismo, foi o arrependimento, essa filha do céo quem guiou para o seio da patria, para os braços do monarcha aos rebeldes do Rio Grande. eu [apresentei-me na provincia do Rio Grande] do Sul com a intenção de desempenhar a politica da reconciliação apoiada pela força; era a politica da razão, a politica do patriotismo, que fallava aos rebeldes diante da força que se lhes apresentava.

.

. . . . « Dirigi-me á nossos irmãos dissidentes com a mesma lealdade que empregaria, se elles fossem meus irmãos uterinos, fiz todos os esforços para conseguir a pacificação, mas não a pude obter completamente, como desejava; no entanto mil e duzentos dissidentes abandonaram o campo dissidente, e ainda trouxeram-nos alguma cavallhada; porém a maior parte, o nucleo da rebellião não se rendia; a intriga diminuia minha força moral perante um e outro campo lançára mão de todos os ardis para nullificar a minha empresa.

. . . . Oh calumnia horrenda! Eu entregar a provincia do Rio Grande do Sul á rebellião, que a calcinava no meio das lavas e dos horrores da guerra civil! Eu abandonar o terreno da patria commum e tão grande numero de irmãos á sorte de nossos conterraneos da lingua hespanhola! Eu, Paulista, delegado do governo, faltar á fé de Brasileiro, desmentir a confiança do governo! Eu atraçoar os interesses do Brasil, eu faltar á fé ao monarcha! Oh horror! Onde o Brasileiro, onde o Paulista, que já fez isto!

.
 « No entanto mil e duzentos rebeldes regressaram á vida pacifica e abandonaram o exercito dissidente; mas eu me achava n'um estado de desanimo e de abatimento tal, que estremecia só com

idéa de uma afronta feita á legalidade durante o meu governo; o aleive da entrega da provincia aos rebeldes; a lembrança dos perigos da minha honra, no caso da tomada de Porto-Alegre, era um phantasma ensanguentado que eu tinha diante de mim de dia e de noute. Fidelidade! Honra! Oh! filhas do céu! vós ereis n'aquelles instantes de amarguras os objectos dos meus cuidados e tormentos! (*profunda sensação.*)

« Como, no caso possivel de uma tomada de Porto-Alegre, do Rio Grande ou de S. José do Norte, poderia eu provar minha innocencia perante meu soberano, perante o Brasil, perante minha provincia, minha familia, meus amigos, meus parentes? A honra não é propriedade individual do cidadão; a honra do cidadão pertence tambem á todas as suas relações. Eu estremecia diante da fraqueza dos muros de Porto-Alegre; no meio de meus temores, eu já me contentava em conservar o que recebi, Rio-Grande, S. José do Norte, Porto-Alegre em sitio, e o terreno em que pisava o nosso exercito; a imagem da perda de Porto-Alegre me perseguia por toda a parte, e alterava para sempre minha saude, até então vigorosa e forte: sete noutes e sete dias sem comer e sem dormir minaram os fundamentos da minha existencia.

. . . « Coberto de injurias e de calumnias, te-

nho guardado silencio por cinco longos annos; entendi que esse sacrificio ainda devia fazer em prol da ordem publica na provincia do Rio Grande, mas hoje que felizmente estão passados esses dias de lucto e de amargura, hoje que sou *recriminado* pela imprudencia, peço á camara que consinta em debuchar-lhe as scenas de tristesa que se passavam na minha alma.

«Não, eu não podia, não devia sobreviver á tomada de Porto-Alegre, depois de tantos preconceitos pela mão da calumnia derramados contra mim: como, com que documentos provaria eu que não tinha faltado á fidelidade ao pai commum dos Brasileiros? A morte, só a morte, só uma morte gloriosa podia deixar em repouso a minha honra, a unica propriedade, que não sacrifico a interesses da patria e do seu alto chefe.

«Uma resolução nobre e sublime reanimou todas as molas da minha alma; eu me reconheci de novo forte, sobranceiro aos meus inimigos e á seus miseraveis embustes; a theoria do interesse e do atheismo acanha os espiritos, a theoria do justo, o sentimento religioso exalta a alma humana; ao figurar-se-me chegados ás portas da eternidade, eu me achava como o homem forte das Escripturas; minha alegria, minhas esperanças renasciam, e eu me inebriava com a idéa lisongeira de ser o primeiro cidadão á correr sobre os

muros da heroica e ameaçada cidade de Porto-Alegre: defendendo como um leão os muros da cidade, que me foi confiada, buscando como Codro uma morte gloriosa, eu esperava poder dizer morrendo, ao meu soberano:—Senhor, eu morro tão fiel á vós, como foram fieis á seus reis os nobres cidadãos de quem descendo; nobres, porque foram nobres seus serviços—; eu diria aos legalistas:—cidadãos, misturai minhas cinzas com as cinzas dos valentes que morreram defendendo a patria, o soberano, e a ordem publica!» (8).

Assim fallava o civismo romano no tempo, em que dava leis ao mundo!

Que linguagem elevada e nobre! Quanto patriotismo, quanta grandeza n'essas palavras!

E' uma alma candida e pura, que tece um hymno á virtude e á religião da patria. E, depois, quanta generosidade para com seus inimigos!

« Deos perdoe aos que assim me nullificáram e quasi me perderam; Deos lhes prolongue as vidas, e depois da morte, que lhes seja a terra leve, como para mim desejo!» (9).

Nem o mais longinquo vestigio ou a mais leve sombra de interesse privado embaciou jamais a limpidez de seu character integro e puro.

(8) Discurso de Alvares Machado na camara dos deputados, na sessão de 5 de Abril de 1845.

(9) Idem, idem.

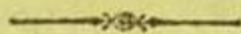
Sua eloquencia vinha do coração ; em seus labios pousava a verdade e em seus discursos apparecia sempre um raio de luz, uma idéa grande e generosa.

Falleceu no Rio de Janeiro, em o mosteiro de S. Bento, no dia 4 de Julho de 1846.

Seu nome jaz hoje esquecido : mas, em quanto houver um culto pela virtude, realçada pela mais candida modestia e pelo mais apurado patriotismo, a historia honrará sua memoria, como uma das primeiras glórias do Brasil.

« Bom senso nesse grão tão apurado que é quasi genio, amor ao estudo, facilidade de concentrar-se na mais profunda attenção, força de iniciativa para descobrir a solução das complicações, vastidão de conhecimentos, sempre augmentada por indefesso estudo de todas as horas, tornavam esse homem o que os contemporaneos presenciáram, o que a posteridade, consultando os monumentos das nossas leis, os annaes do nosso parlamento, os registros do nosso conselho de estado, ha de por certo admirar.»

(Biographia de Bernardo Pereira de Vasconcellos pelo Dr. J. J. da Rocha.)

BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS.

Nas longas e penosas evoluções do systema representativo entre nós, ha um nome, que resume a historia de suas luctas, de seus triumphos, e traduz com fidelidade as feições characteristics de nossa existencia politica, desde a independencia até hoje.

E' o nome do senador Bernardo Pereira de Vasconcellos.

Sua vida abraça um dos mais largos periodos da historia contemporanea brasileira. Sua superior intelligencia e grande capacidade de homem de estado, o qualificam um dos vultos mais proeminentes do nosso systema representativo.

A energica opposição do primeiro reinado, terminada pela abdicação do imperador; a ascensão da democracia, e sua subsequente organização; a reacção monarchica em 1836; a reorganização do paiz no sentido das idéas conservadoras; o triumpho e a consolidação definitiva dos grandes principios do regimen parlamentar; tudo resume-se no nome de Bernardo Pereira de Vasconcellos.

Seu nome não brilha com o alvorecer de nossa

independencia: sua gloria não irradia-se com os reflexos magnificos de nossa liberdade nascente: mas seu pensamento dominou as differentes phases de nossa organização politica; e por mais de uma vez teve elle em suas mãos o sceptro da situação.

Nos monumentos de nossas leis deixou impressos em caracteres indeleveis os traços de sua intelligencia vigorosa.

Nas instituições, que nos legou como estadista, provou elevada capacidade e vastos talentos de organização politica. Não havia uma these importante de politica, em que não tivesse uma opinião sua, formada pelo proprio estudo e pela observação profunda das cousas do paiz.

A escola conservadora foi por elle creada e dirigida com esse talento superior de iniciativa, que caracteriza os grandes pensadores politicos.

Sua vida é um importante episodio de nossa historia parlamentar.

Bernardo Pereira de Vasconcellos nasceu na cidade do Ouro-Preto, em Minas-Geraes aos 27 de Agosto de 1795.

Foram seus pais o Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos e D. Maria do Carmo Barradas. Pertencendo á uma familia importante, Vasconcellos foi d'esses poucos brasileiros, que tiverão a fortuna de poder consagrar-se á carreira literaria

em um tempo, em que uma metropole avara mantinha na ignorancia a colonia, cujos filhos mais felizes erão condenados á irem atravez de mil difficuldades mendigar á Coimbra um titulo, que os ennobrecesse perante a intelligencia.

Depois de uma primeira tentativa malograda, Vasconcellos seguiu pela segunda vez para Portugal em 1813, em Coimbra matriculou-se no curso de direito, em cuja materia recebeu o gráo de bacharel formado no anno de 1818, concluidos seos estudos, conservou-se um anno em Lisboa, e em 1820 voltou para o Brasil. Applicando-se á carreira da magistratura, servio em Guaratinguetá o lugar de juiz de fóra, de que tomou posse no 1.º de Janeiro de 1821, sendo afinal despachado desembargador da relação do Maranhão.

Entretanto o Brasil constituiria-se independente. Sobre as ruinas do regimen colonial assentára-se uma nova ordem de couzas, e o systema representativo fóra proclamado no paiz. Emquanto operava-se esse grande movimento regenerador, que transformou os destinos de sua patria, Vasconcellos, ainda em uma posição obscura, conservou-se immovel e do fundo de seu retiro vio com praser consumar-se o drama da independencia. A Providencia, porem, o fádara para uma missão importante, e os acontecimentos se encaminhavam para pô-lo em relevo.

Constituido o paiz e convocada a primeira assembléa geral legislativa, o nome de Vasconcellos foi por sua provincia inscripto na lista dos eleitos do povo.

O theatro, em que elle tinha de apparecer, estava creado; e quando mais tarde a Providencia lhe illuminar a fronte com a scentelha da intelligencia e lhe emprestar o prestigio da palavra, seu vulto tem de desenhar-se com magestade no horizonte da patria.

Depois da época agitada da independencia, lutando com as aspirações liberaes do paiz, o primeiro imperador e seus ministros pagaram doloroso tributo á nōssa inéxperiencia politica; a infancia do systema representativo no Brasil foi assignalada por erros, que comprometteram gravemente o governo perante a nação.

O espirito publico, educado já nos principios da liberdade, não tardou em manifestar-se: o descontentamento appareceu, e o brasileiro, hontem abraçado com o poder em odio ao jugo da metropole, acostumou-se agora a encara-lo como inimigo da liberdade. A representação nacional constituiu-se écho desses sentimentos, que animavam o paiz.

Era o tempo, em que o patriotismo não tinha apenas o cunho da ficção, mas ardia, como o fogo sagrado, no peito de nossos maiores.

Os desvios do poder eucontraram um paradeiro na opposição, que organisou-se energica nas camaras. Feijó, Lino Coutinho, Paula Souza, Vergueiro e Custodio Dias na tribuna, e Evaristo na imprensa, oppozeram ao governo uma viva resistencia, que foi logo secundada pelas sympathias nacionaes. O paiz os olhava como os guardas sagrados de suas liberdades.

Foi então que operou-se em Vasconcellos uma completa revolução moral; foi então que elle denunciou-se ao paiz como uma de suas mais vigorosas intelligencias.

Esse desenvolvimento precoce, que costuma caracterisar os grandes talentos, não o possuio Vasconcellos. Nas tradições da universidade de Coimbra seu nome nenhum vestigio deixára. Na magistratura e em sua estréa na vida publica, fez uma figura secundaria, e sua intelligencia estava longe de denunciar os assomos de força superior, que mais tarde revelou. Derepente, porém, como por um encanto, uma revolução moral operou-se nesse homem até então obscuro. Uma paralytia o atacou; toda a sua força pareceu remontar-se ao cerebro, e esse espirito até alli desconhecido illuminou-se com os reflexos da intelligencia, e ergueu-se até a altura do genio! Eis como Armitage descreve essa transformação admiravel:

« A datar deste periodo parece que um novo

principio começou a animar sua existencia, e noite e dia foram por elle consagrados ao estudo da sciencia administrativa. Seus primeiros ensaios como orador nada porém tiveram de brilhante. As palavras eram mal collocadas, a ellocução difficil, e a acção sem donaire. A' estas desvantagens accrescia ainda a de ser desconceituado entre os liberaes, em consequencia de sua desordenada ambição.... uma série de enfermidades.... tinha-lhe dado a apparencia e o porte de um sexagenario. A pelle murchou-se-lhe; os olhos afundaram-se; o cabello começou a alvejar; a marcha tornou-se tremula, a respiração difficil; e a molestia espinhal, de que então principiou a padecer, foi para elle fonte inexaurivel de cruelissimos tormentos. Emquanto porém passava o physico por este prematuro naufragio, parecia que o interno principio vivificante caminhava n'um progresso correspondente para o estado de perfeita madureza. O orador diffuso e sem nexos de 1826 tinha-se tornado dous annos depois tão eloquente e tão sarcastico, e havia apresentado um tão grande desenvolvimento do talento de discutir, que nenhum outro membro da casa lhe podia ser comparado; e quando, levado pelo enthusiasmo, ou incitado pela paixão, dava largas á suas emoções, a sua figura decrepita e curvada elevava-se, qual a de um genio protector, á sua maior altura; os olhos animavam-se de

191

novo com todo o seu pristino lustre, e nas feições de seu arrugado e cadaverico semblante brilhavam por momentos a mocidade renovada e a intelligencia (1). »

O parlamento tornou-se assim o theatro de suas glórias; e em breve seus triumphos oratorios asseguraram-lhe o lugar de chefe da opposição.

Era um grande e hõnroso lugar esse em um tempo, em que a opposição symbolisava os votos de uma nação inteira, resumia as nobres aspirações da liberdade nascente, e occupava uma posição tão firme, que desarmava o poder, dictando-lhe a lei.

Em todos os trabalhos dessa primeira camara, á principio indecisa, e que mais tarde prestou relevantes serviços á causa constitucional em nosso paiz, Vasconcellos teve uma parte muito importante e significativa (2). Essas instituições que ella

(1) *Historia do Brasil*, por Armitage, pag. 230.

(2) Entre estes trabalhos avultam a lei da responsabilidade dos ministros e conselheiros de estado; a organização das justicas de paz; das camaras municipaes; do supremo tribunal de justiça; da caixa da amortisação, e do tribunal do thesouro. O Codigo Criminal, promulgado em 1830, foi por Vasconcellos apresentado na 1ª legislatura, sessão de 1828.— Veja-se a *Carta aos Srs. Eleitores da provincia de Minas-Geraes*, escripta pelo deputado Bernardo Pereira de Vasconcellos.— S. João d'El-Rei, 1828. Traz um resumo importante dos trabalhos da 1ª legislatura em 1826—1827.

nos legou, selladas com o cunho da liberdade, levam todas o nome do distincto patriota liberal.

A causa publica, os interesses nacionaes, o entusiasmo da liberdade assentavam-se no parlamento na pessoa desse esforçado campeão da democracia. Em 1828, rasgada a constituição pela criação de commissões militares em diversos pontos do imperio e pela repetida suspensão de garantias, Vasconcellos ergueu-se com energia no seio da representação nacional, fulminou o poder com sua palavra prestigiosa, e o parlamento brasileiro vio pela primeira vez pedir-se solemnemente a accusação dos ministros. O poder triumphou, mas a lição tremenda ficou-lhe para sempre gravada na mente.

Ao passo que assim defendia as liberdades publicas em uma attitudo firme e energica, Vasconcellos distinguia-se por trabalhos de gabinete, e conquistava já a reputação de um legislador consummado. Em 1830 promulgou-se o Codigo Criminal do Imperio do Brasil, e essa lei de tanto vulto e transcendencia em nossas instituições foi por elle exclusivamente elaborada.

Esse codigo, gloriosa conquista dos progressos do direito penal, cujas disposições são a mais fiel traducção dos principios da justiça, conceitúa Vasconcellos um legislador consummado. Na legislação das nações civilisadas occupa sua obra um

lugar de honra, e dos mais abalisados criminalistas europeos tem ella merecido assignaladas homenagens. E' o monumento indelevel, que ha de transmittir seu nome ás paginas de nossa historia.

Sua gloria estava consummada; sua reputação firmada e a liberdade o contava já como um de seus mais caros filhos. O primeiro periodo de sua vida foi todo votado á ella.

Deu-se então na côrte esse brilhante episodio de 7 de Abril; e Vasconcellos, que com o prestigio de sua palavra e de seus talentos, tanto impulso déra á causa da liberdade, vio de longe o movimento, que mudou os destinos de sua patria, e saudou-o como a aurora de sua libertação politica. Nesse successo não se inscreveu o seu nome, mas o tribuno do povo assumio logo a responsabilidade da revolução, votando-se á grande obra da organização democratica do paiz, que então occupou o *partido moderado*, arbitro da situação depois de 7 de Abril.

Victoriosa a revolução, e entregue o paiz ás disputas de tres partidos, Vasconcellos ligou-se á essa fracção patriótica, que toda dedicou-se á reconstruir a democracia abatida: seu nome figura com honra nesse glorioso ministerio de 16 de Julho de 1831 (3), que ergueu o paiz abalado pela

(3) Veja-se a Exposição dos principios do ministerio da Regencia em nome do Imperador, feita á assembléa geral

revolução, e salvou a monarchia á borda do abysmo.

« Mal comprehendemos hoje os serviços prestados por esse ministerio de 1831, que teve de lutar, no meio da dissolução de todos os elementos do governo, com todos os germens da dissolução social. Reprimir o motim nas ruas, dissolver a soldadesca, manter a ordem publica, restaurar a força moral do governo até então universalmente considerado como inimigo da sociedade, conservar unidas as provincias que os sonhos federalistas arrastavam, fazer frente ás despezas do serviço publico, manter illeso o credito nacional, lutar contra a invasão da moeda falsa de cobre, á par da moeda depreciada de um banco mais do que roubado e fallido... tudo isso se conseguiu, e a posteridade reservará bello quinhão nos seus agradecimentos á esses que lhe salvaram a patria » (4).

Nessa cruzada do patriotismo, que assegurou a integridade do imperio ameaçada pela commoção popular, Vasconcellos estava ligado aos dous decanos do partido liberal Lino Coutinho e Feijó.

E' esse um dos periodos mais gloriosos da nossa historia.

do Brasil, em 23 de Julho de 1831 (Collecção Nabuco, tom. 7, pag. 358). Um dos mais notaveis documentos de nossa historia politica, escripto com talento e patriotismo.

(4) Dr. Justiniano José da Rocha, biographia citada de B. P. de Vasconcellos.

Descido do poder, logo lhe appareceo occasião de provar o seu civismo e dedicação pela causa nacional.

A 22 de Março de 1833 manifestou-se em Ouro Preto uma revolução promovida no sentido das idéas restauradoras. No character de vice-presidente, Vasconcellos assumiu a administração da provincia para conjurar a crise, visto achar-se ausente o presidente.

Os revoltosos pediam em altas vozes a sua cabeça, a cabeça d'aquelle que seria mais tarde o seu idolo: applacado o primeiro impeto do ardor revolucionario, obrigaram-no a sahir da capital, que ficou em seu poder. Em dous mezes a revolução achou-se comprimida pela força do patriotismo mineiro. O nome de Vasconcellos está intimamente ligado com esse triumpho da ordem publica.

Senhora a democracia dos destinos do Brazil, cumpria-lhe traduzir o seu triumpho nas instituições e consagrar no pacto fundamental o principio das franquezas provinciaes, já ganho na consciencia do paiz. Em 1834 reuniu-se o parlamento brasileiro com a missão de effectuar essa reforma, reclamada pelos votos da nação. Vasconcellos foi o membro encarregado de elaborar o respectivo projecto; fel-o com o seu talento costumado, e no dia 12 de Agosto de 1834 promulgou-se solem-

nemente o — Acto Addicional á constituição do imperio. O patriota liberal tem sua reputação de publicista e de legislador, firmada no mais glorioso monumento da democracia no Brasil.

Essa grande obra, porém, foi como o testamento de Vasconcellos nos fastos da causa liberal.

Firmado o triumpho definitivo das liberdades publicas por esse acto solemne, a situação politica se achara mudada. Importantes acontecimentos se consumaram então que completamente transformaram a face dos partidos do paiz, dando nova direcção ás idéas.

Com a morte do Duque de Bragança o partido restaurador desappareceu completamente; e o partido moderado, até então unido e forte em presença do inimigo commum, sentindo cumprida sua missão e esgotada sua acção politica, igualmente dissolveu-se.

Então dispersos assim os partidos, rompidas as ligações, mudada a situação, o paiz achou-se n'esse periodo de tranzicção, em que o espirito publico, longo tempo absorvido na lucta, pára um momento, dá lugar á reflexão, e attenta desassombrado para o estado da sociedade.

D'essa observação, dessa reflexão do espirito publico resultou o conhecimento de uma verdade profunda: o poder estava enfraquecido, a autho-

ridade desarmada ante a revolta arrogante. Cumpria, para salvar a sociedade, restaurar os principios de ordem, compromettidos pela revolução popular.

Assustados com a perspectiva dos triumphos revolucionarios, sobre tudo no Pará e Rio-Grande do Sul, Feijó e Alves Branco pediam ás camaras, que déssem força á lei e á authoridade para aniquilar esses germens de dissolução politica.

Essa nova tendencia das idéas, essa nova direcção do espirito publico encontrou em Vasconcellos o seu apostolo. Separando-se de seus antigos companheiros politicos, ergueu no parlamento sua voz contra as idéas da revolução de Abril, e hasteou a bandeira do *regresso*, pondo-se á frente da reacção monarchica. Feijó, o regente da democracia, foi o alvo de seus ataques, como a encarnação dos principios por elle combatidos.

Accusado de versatilidade, Vasconcellos respondia :

« Fui liberal; então a liberdade era nova no paiz, estava nas aspirações de todos, mas não nas leis, não nas idéas praticas; o poder era tudo: fui liberal. Hoje porém é diverso o aspecto da sociedade: os principios democraticos tudo ganharam, e muito comprometteram; a sociedade que então corria risco pelo poder, corre agora risco pela desorganisação e pela anarchia. Como então quiz,

quero hoje servil-a, quero salval-a ; e por isso sou regressista. Não sou transfuga, não abandono a causa que defendo, no dia de seus perigos, da sua fraqueza ; deixo-a no dia em que tão seguro é o seu triumpho que até o excesso a compromette.

« Quem sabe si, como hoje defendo o paiz contra a desorganisação, depois de o haver defendido contra o despotismo e as commissões militares, não terei algum dia de dar outra vez a minha voz ao apoio e á defesa da liberdade? Os perigos da sociedade variam : o vento das tempestades nem sempre é o mesmo : como hade o politico, cego e immutavel, servir o seu paiz? »

Foi uma lucta de morte essa, travada entre o governo e a camara, entre o passado e o futuro.

Exagerando a lucta, Vasconcellos chegou a conceber o plano arrojado de substituir a regencia de Feijó pela da princeza D. Januaria.

Desarmado diante da camara, contrariado em suas convicções, o regente resignou o mando supremo e entregou o poder á seus adversarios. Estava definitivamente inaugurada a nova ordem de cousas.

Vasconcellos, o grande motor dessa mudança politica, tornou-se o arbitro da situação. Nomeado ministro da justiça e interino do Imperio expla-

nou o seu programma (5), e desenhou com franqueza os seus principios de governo. Todos os seus actos tradusiam o pensamento de armar a autoridade, reconstruir a monarchia. A' essa grande obra dedicou todo o ardor de suas crenças. Da alta posição que occupava, facil lhe foi encaminhar o triumpho das novas idéas.

Pela primeira vez apresentou-se ante o paiz um ministerio nas condicções do regimen parlamentar, reconhecendo e proclamando principios ainda não sancionados até então pela pratica.

Ficou então firmado, que a confiança do corpo legislativo é condicção de vida dos ministerios; que o governo tem obrigação de estudar as necessidades publicas, formular sobre ellas propostas, e

(5) Veja-se a circular de 20 de Setembro de 1837, em que Vasconcellos explana os principios de sua administração (Collecção Nabuco, tom. 12, pag. 117). E' um documento que honra a alta capacidade deste estadista. O principio da solidariedade ministerial ali apparece pela primeira vez proclamado... « para que as nossas instituições liberaes produzam os esperados fructos; para que da sua leal e plena execução resultem a liberdade e a ordem, é de mister que o governo tenha a necessaria força, porque é só assim que elle pôde fazer o bem e prevenir o mal. Esta força pensa o governo encontrar na sua propria organização, sugeitando-se os seus membros á uma reciproca responsabilidade por seus actos governativos, desvelando-se em manter perfeita harmonia entre si, de maneira que a expressão da vontade de um seja a expressão da vontade de todos. »

apresental-as ao parlamento ; que a opposição deve de ter um programma, trabalhar por subir ao poder, e ahi realisar suas idéas. Os principios da solidariedade ministerial e das maiorias parlamentares (6) foram ainda outros tantos triumphos obtidos nessa epocha notavel do systema representativo entre nós.

O pensamento da reorganisação monarchica occupou Vasconcellos durante todo o tempo do seu ministerio.

Sob suas vistas immediatas ellaborou-se em 1838

(6) Eis como Vasconcellos se exprimia á respeito das maiorias parlamentares: « Depois de tantos revezes, que tem soffrido desde 1821 o poder executivo, não conheço outro remedio para a mantença da ordem publica, senão a formação de maiorias conscienciosas, firmes, decididas, e duradouras. E' só desta sorte que se pôde conter o espirito de opposição em seus justos limites: é por esta razão que eu peço á maioria parlamentar do Brasil que tome, que occupe o seu devido posto; que exerça no governo essa regular, essa justa, essa indispensavel influencia que nossas instituições lhe permittem: só desta sorte o corpo legislativo se verá respeitado; só desta sorte haverá um governo capaz de desempenhar sua missão. Maiorias vacillantes, maiorias que não são firmes, que não são decididas, que recuam na presença de qualquer resistencia, não podem bem servir a sua patria: os mais pequenos interesses, os mais insignificantes obstaculos as entorpecem na sua marcha e não é possivel que dotem o paiz com leis, com providencias que suas necessidades reclamam. » (Discurso de Bernardo Pereira de Vasconcellos, na camara dos deputados, em sessão de 17 de Julho de 1838).

o projecto da lei de 3 de Dezembro, que devia ter uma repercussão tão longa na marcha subsequente de nossa organização politica. A lei da interpretação do acto addicional foi ainda concebida e confeccionada sob inspiração sua. Sua palavra era o luseiro, que dirigia todos os sectarios das novas idéas da reacção monarchica.

Ao mesmo tempo que a alta politica assim occupava-lhe o pensamento, grangeava elle na administração uma reputação superior, que o acreditou como um de nossos homens de estado mais trabalhadores e estudiosos. (7)

Á 29 de Setembro de 1838 coroou sua carreira politica, sendo escolhido senador por sua provincia.

A 16 de Abril de 1839 deixou o poder depois de haver firmado no paiz o predomínio definitivo da eschola conservadora.

Em 1840, aventando-se nas camaras a idéa da maioria, coube-lhe ainda representar um papel importante.

(7) Por decreto de 2 de Dezembro de 1837, Vasconcellos creou na côrte o imperial collegio de Pedro II; pelo decreto do 1º de Abril de 1838, creou na fazenda nacional de Rodrigo de Freitas uma escola de agricultura theorica e practica; e pelo Reg. de 16 de Abril do mesmo anno, instituiu no passeio publico da côrte um Jardim Botannico. Devem-se-lhe ainda os trabalhos que prepararam a actual lei das terras.

No intento de impedir o triumpho de seus adversarios, o poder tentou oppôr a constituição ao voto da nação. Baqueando o plano, um ultimo esforço tentou-se ainda.

No dia 22 de Julho de 1840 Vasconcellos foi chamado ao ministerio do imperio como o unico homem capaz de conjurar essa crise suprema. A assembléa foi no mesmo dia adiada; mas, secundada pelo povo, resistio energicamente, e o grande estadista cahio do poder, desarmado ante a omnipotencia da manifestação popular.

A' vinte e tres de Julho de 1840 a maioridade estava proclamada. Uma revolução se consumára dentro de nove horas.

O velho conservador pareceu então retirar-se da politica activa e militante, e recolher-se ao silencio do gabinete.

Creado o conselho de estado em 1841, foi para elle nomeado pelo imperador; e nesse novo theatro, já no periodo da maturidade politica, desenvolveu sua vasta capacidade e talentos elevados.

Em trabalhos severos e importantes, nos variados ramos de administração em que consultou, deixou firmada sua reputação de jurisconsulto consumado, legislador e estadista.

No retiro do gabinete, na ausencia das paixões, elaborava suas idéas, e as traduzia pacificamente nas instituições do paiz. Fóra do poder sua pala-

vra era a que dominava; seu voto tudo decidia. A eschola conservadora o venerava como seu oraculo. A causa liberal, á qual dera o prestigio de sua palavra no primeiro periodo de sua carreira publica, não pôde corral-o: mas o partido por elle creado o cobriu de consideração, e guarda o seu nome com religioso respeito.

Bernardo Pereira de Vasconcellos, o patriarcha da eschola conservadora no Brasil, morreu no Rio de Janeiro em o 1.º de Maio de 1850.

A geração presente proclamou-o a primeira cabeça politica do paiz; e a historia imparcial, lembrando seus serviços em prol do systema representativo, lhe conservará esse lugar.

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

Na serie de homens notaveis que illustram a historia contemporanea brasileira, Evaristo Ferreira da Veiga occupa um lugar distincto.

A sua carreira politica é um documento vivo e fecundo do poder das grandes vocações.

Sem os recursos de uma cuidada educação litteraria, sua intelligencia, formada nos soliloquios do gabinete, robusteceu-se no estudo, e attrahiu a admiração e o respeito de seus compatriotas.

Arrastado pela força de sua vocação, o livreiro obscuro deixou o balcão do negociante para identificar seus destinos com os da patria, para confundir seu nome com as glorias de seu paiz.

Na vida publica revelou talentos superiores que foram realçados pela probidade de um character independente, e por um patriotismo nobre e desinteressado. Não o attrahiu a politica pelas seducções, que porventura efferecesse á sua ambição; foi arrastado a tomar parte nos negocios publicos de seu paiz pela força de suas convicções, pela marcha tortuosa da administração.

Diante da attitude ameaçadora que apresenta-

vam os destinos de sua patria, Evaristo não pôde manter-se impassivel. De accordo com as maximas de um sabio legislador da antiguidade, julgava um crime o indifferentismo politico nas crises supremas das nações, quando o perigo commum reclama o concurso de todos os cidadãos.

Fóra do poder dominou a situação, e nunca quiz gozar de suas doçuras e vantagens, elle, que teve em suas mãos os destinos do paiz.

Ligou seu nome á uma revolução politica, e manteve sua gloria pura de excessos.

Encarnação de uma epocha notavel de nossa vida politica, esse nome symbolisa a parte mais brilhante e mais nobre da historia da democracia no Brasil.

Evaristo Ferreira da Veiga nasceu na cidade do Rio de Janeiro á 8 de Outubro de 1799. Seu pai o mestre de escola Francisco Luiz Saturnino, portuguez de principios rigidos e austeros, implantou em sua educação os elementos de uma sã moral, e da religiosidade christã: nesse tirocinio severo formou-se esse character incorruptivel, que lhe serviu sempre de bussola nos embates tempestuosos de sua vida publica.

Desde logo sua intelligencia precoce, desabrochada nos brincos da infancia, denunciou sua vocação litteraria: dotado de espirito de meditação, e achando-se entre livros, tomou o habito do estu-

do, entregando-se á uma leitura assidua. A independencia vio-o ainda no retiro do gabinete, mas testemunhou já os primeiros fructos de sua joven intelligencia. Evaristo saudou a emancipação do seu paiz com as primicias do seu talento: eram os primeiros assomos do patriotismo. Sua hora porrem não havia ainda chegado: seu nome não fora fadado para brilhar nas glorias da Independencia. O sete de Abril reservava-lhe suas grandes peripecias para dar-lhe um lugar no proscenio da historia brasileira.

Os acontecimentos se haviam precipitado. Os erros do poder haviam amortecido as esperanças constitucionaes do Brasil: o primeiro reinado declinava sombrio para o seu occaso. . .

Quando no alto mar a tempestade se desencadeia e ameaça na ruina dos elementos submergir a fragil não agitada pelos ventos, correm todos, por um derver sagrado, a levar o concurso de sua força para salvação commum.

Assim quando a cauza publica periga, o patriotismo não póde estacar indifferente, e o enpenho de salvar-a torna-se o dever de todo cidadão, que sente arder-lhe no peito a scentelha sagrada do amor patrio « Vergonha áquelle que assiste cantando á ruina de sua patria (1)

(1) Honte á qui peut chanter pendant que Rome brûle (Lamartine).

Nessa situação dolorosa a atenção de Evaristo foi despertada pelo espectáculo desolador da cauza do seu paiz : o poder perdera a confiança nacional.

Então seu patriotismo accendeu-se e o grito da patria encontrou écho generoso em seu coração. Em quanto a tribuna lhe não franqueou seu portico, Evaristo appellou para a imprensa, e poz os recursos de sua intelligencia ao serviço da cauza de seu paiz. Em 1828 chamou á si a redacção da *Aurora Fluminense*, e desde esse tempo seu nome inscreveu-se com honra na lista dos defensores da liberdade.

Para o homem do dever, que tem diante dos olhos a religião do patriotismo, a imprensa politica assume a missão elevada de um sacerdocio. O escriptor publico torna-se então o orgão magestoso de um povo inteiro, e suas palavras traduzem os votos de toda uma nação. Assim comprehendeu Evaristo sua missão : suas palavras eram inspiradas pelo só interesse da cauza publica : o patriotismo era a luz, que guiava sua penna.

Escrevendo em uma época, em que o atrazo do paiz era ainda sensivel, tornou seu jornal um vehiculo de instrucção, por meio do qual procurava doutrinar o povo, e prepara-lo para a posse da verdadeira liberdade : suas paginas eram illustradas com os escriptos de Dunnoyer, Benthán, Droz, Benjamim Constant, Francklin, que explicava á

seus concidadãos, como o sacerdote ensina ao povo, a palavra do Evangelho. Compreende-se, que nessa altura a imprensa toma o lugar de um meio poderoso de propaganda, e o escriptor publico reveste o character de um missionario das grandes verdades sociaes.

Mas a gloria do escriptor publico é transitoria e ephemera ; gosa hoje das ovações do dia para desapparecer amanhã no tumultuar incessante dos acontecimentos. « *Dir-se-ha que cada escriptor é como o operario ignorado desses templos da idade média, que, contribuindo para a construcção de tantas maravilhas artisticas, vê a sua iniciativa confundida na acção collectiva que fundou o primoroso monumento.* » (2)

E é assim : o escriptor publico trabalha incansavel na obra grandiosa da civilisação ; esgota nella suas forças : a obra ergue-se magestosa, atravessa as idades, e seu nome desapparece da memoria dos homens, como o do obscuro obreiro das Pyramides do Egypto....

As sympathias nacionaes vieram logo coroar o defensor esforçado das liberdades publicas : Evaristo, o athleta denodado da imprensa, foi pela provincia de Minas deputado á essa legislatura de

(2) Lopes de Mendonça — *Memorias de litteratura contemporanea* — artigo — Antonio de Serpa.

1830, que a nação mandava ao parlamento, como a guarda avançada de suas liberdades.

Sua attitude no meio dos eleitos do povo, estava de ante-mão marcada. O voto nacional encontrou sempre em Evaristo um órgão legitimo e energico, que oppoz com vigor os protestos do patriotismo aos desvios do poder. A tribuna parlamentar tornou-se o theatro dos triumphos do escriptor da *Aurora*. Era o servidor devotado de uma idéa, que empenhava os recursos da penna e da palavra para defende-la.

A occasião se approximava, em que seu nome ia confundir-se com as glórias da liberdade. Estava imminente a revolução: seus primeiros signaes assomavam já no horisonte. O poder despertou-se emfim ao murmurio sinistro do descontentamento publico; o Imperador correu á Minas para antepôr seu prestigio ao curso das idéas liberaes: as decepções o esperavam, e a côrte recebeu em seu seio o monarcha desenganado. Era o momento supremo da crise: a nacionalidade brasileira foi insultada pelo portuguez: o patriotismo achou-se empenhado em uma luta de morte, em que devia triumphar ou morrer para conquistar seus foros postergados. O povo começou de agitar-se inquieto, como ensaiando o grande drama, que preparavam os acontecimentos. Evaristo assumio a responsabilidade da revolução, e inscreveu seu nome

nessa representação ameaçadora de 17 de Março de 1831, que desvendou os olhos ao monarca, e fe-lo contemplar o abysmo, que tinha diante de si. A revolução estava triumphante: a nacionalidade de um povo nunca se atira ao campo da acção para ser esmagada pelo poder.

Evaristo é a encarnação viva do 7 de Abril: as idéas da revolução tomaram corpo e personificaram-se nelle, como em seu mais genuino representante; elle a dirigio com coragem e firmeza, e depois da victoria sua gloria completou-se com os rasgos de uma moderação magnanima. O culto da liberdade não traduzia nelle o delirio febricitante das idéas revolucionarias; nos dias da lucta fôra um dos que com mais denodo partilharam o perigo; nos dias do triumpho foi o primeiro, que appareceu com o ramo de oliveira, e antepoz o prestigio de sua coragem civica ás exigencias da revolução. Seu patriotismo foi posto em duvida; as suspeitas o rodearam, mas elle *acceitou a impopularidade de um dia* (3), e salvou a nação.

A attitude guardada por Evaristo em frente da arrogancia ameaçadora da revolta triumphante, elle o tribuno que a desencadeára com sua voz, a firmeza, que então ostentou, dão á seu character

(3) Expressão de Lamartine, na discussão da lei relativa á transladação dos restos de Napoleão; sessão de 26 de Março de 1840.

uma grandeza difficil de ser imitada. O fautor de 7 de Abril desmentiu a sentença da historia sobre as revoluções: não manchou seus louros no sangue, nem mareou sua gloria com a nodoa do crime.

Quando appareceram os symptomas precursores das revoltas subsequentes ao 7 de Abril, quando as idéas da revolução pareciam condemnadas á perecerem no meio das dissensões civis, Evaristo, inda em meio do delirar do triumpho, inflammava-se nas inspirações do patriotismo, e atirava ás turbas revoltas essas palavras notaveis, que revelam as apprehensões, que debatiam o seu espirito sobre o futuro da revolução: « *Não são os bons Patriotas que devem trabalhar, para que a revolução gloriosa se perca nos abysmos da dissolução social.* » (4).

Não o acobardava o espectaculo atterrador do povo armado para assim apoiar seus votos, expressados no meio de vozerias na praça publica; longe de santificar esses excessos de seus companheiros de hontem, elle protestava na camara que o *despotismo era sempre despotismo, quer fosse exercido por um, quer estivesse nas mãos de muitos.* (5).

Nesta lucta em que se achou empenhado com os

(4) *Aurora Fluminense*, n. 496 de 13 de Junho de 1831.

(5) Discurso de Evaristo na camara dos deputados, sessão de 25 de Maio de 1831 (*Correio da Camara dos Deputados*, n. 24, pag. 101).

mesmos resultados de uma idéa delle nascida, assistio-o sempre a luz do patriotismo : ao seu clarão descortinou no futuro a ruina da patria escripta em caracteres de sangue, se triumphasse a revolta. Desde então manter a revolução em seus justos limites tornou-se para elle um dever. Sua actividade redobrou para desempenhar essa missão grandiosa. No seio da sociedade *Defensora*, dominadôra omnipotente da situação naquelle tempo, oppunha-se aos excessos da revolução com o mesmo vigor, com que combatia o pensamento sinistro da restauração do Ex-Imperador : entre os dous grandes erros politicos, que entre si disputavam os destinos do paiz, seu nome atravessou sem mancha. O partido *Moderado* vio-o sempre á sua frente : diante das difficuldades da epocha, em meio das apprehensões terriveis da restauração, seu patriotismo não desanimou. Em vez de ser arrastado pela revolução, conteve-a com denodado civismo, e afastou do horisonte de nossos destinos a ruina da patria : reuniu os elementos de força e confiança em torno do governo legal, robusteceu a força da autoridade abalada, e salvou o paiz dos horrores da anarchia. Tão assignalados serviços pela causa publica, ennobrecidos por suas virtudes civicas, asseguraram-lhe uma preeminencia decisiva na gerencia dos negocios publicos : era o oraculo do poder, quasi o arbitro da situação.

Nessa posição elevada nunca o abandonou o patriotismo ; manteve sempre illesa a severidade de seu character : a causa publica nunca soffreu em seu beneficio.

Os dias se haviam passado : a revolução proseguia seu curso no meio da lucta dos partidos. A *restauração* desapparecêra com a morte do Duque de Bragança : a missão do partido *Moderado* pareceu terminada ; estava removido o perigo, que o mantinha firme no campo do combate. Julgando em segurança os destinos do paiz, Evaristo conservou-se retirado da scena politica : em Dezembro de 1835 cessou com a publicação da *Aurora*, e na camara temporaria, onde o collocára segunda vez o voto da provincia de Minas, sua voz conservava-se muda. O patriota parecia repousar das luctas fadigas dos dias da revolução.

Os destinos do paiz entretanto iam-se complicando ; um character grave e assustador começava de desenhar-se na phisionomia dos publicos negocios : Evaristo não pôde contemplar de perto esse espectaculo afflictivo, que se desenrolava ante seus olhos ; vio assustado o desvio da causa, que lhe custára tantos sacrificios, que elle esposára com todo o rigor enthusiastico de suas crenças patrioticas ; para arredar dos olhos esse quadro de dôr, retirou-se do Rio, e em 1837 a provincia de Minas recebia em seu seio o patriota desenganado. De volta

á côrte, o patriotismo lhe preparava uma das mais dolorosas provações.

Colocado em uma posição excepcional, o regente do acto adicional via sua autoridade neutralizada pelos embaraços de uma situação extraordinaria.

Evaristo teve de assistir á uma conferencia politica em casa de Feijó, e ahi a causa da patria reservava-lhe uma morte pramatura. Sua voz desprendeuse energica nesse tralce, e suas palavras prenhes dos graves pensamentos que lhe agitavam o cerebro, revelavam seu profundo descontentamento. O momento era solemne: o patriota devia quebrar suas tradições, renegar o culto do passado, constituir-se em lucta com o seu companheiro de outr'ora, o salvador da monarchia em 1831; ou acompanhando a marcha de seu governo, sancionar os males da nação. O passado e o futuro, os sentimentos do coração e os destinos da patria travaram lucta na alma de Evaristo. Não pôde resistir á tanta tribulação, e sua cabeça vergou ao peso do infortunio do seu paiz. (6)

(6) Eis como um escriptor contemporaneo aprecia este facto:

« Vê-se na mascara tirada sobre seu cadaver a expressão incontestavel de sua morte: a dôr physica tem outros caracteres; tudo aqui explica firmeza e concentração; os labios estão cerrados e com uma leve inclinação que denota dôr reprimida; as palpebras fechadas, a testa sem rugas

No dia 12 de Maio de 1837 finou-se sua existencia, porque, como Catão, não pôde sobreviver á ruina da patria, que seu patriotismo encheráa imminente. Evaristo succumbiu martyr de suas convicções e de seu patriotismo. Morreu, porque as grandes idéas matam as grandes cabeças, e a causa da liberdade conta seus triumphos pelo martyrio de seus filhos!

e as faces turgidas, tudo caracterizando um soffrimento recondito, que a seu pezar, sua physionomia relatava. Dir-se-hia que sua alma, apartando-se do corpo, lhe deixara impressa no rosto, de um modo indelevel, toda a sua firmeza e os desgostos que a forçaram a sahir do mundo..

.....
 . . . « a alma separou-se de um tal corpo, absorvida em um pensamento grande e doloroso; ella conservou esse pensamento até o ultimo instante, e sua enfermidade foi tão rapida e tão subordinada a affecção moral, que nem teve tempo de deixar outros traços além da firme expressão da dór de sua alma. »

(Veja-se a — Collecção de diversas peças relativas á morte de Evaristo Ferreira da Veiga. Rio de Janeiro, 1837.—Causas e circumstancias de sua morte prematura, pag. 42 e 43).

O VISCONDE DE S. LEOPOLDO

A litteratura é o culto das almas nobres, o destino das grandes vocações.

Emquanto a sociedade se revolve na lucta agitada das paixões politicas, dos calculos da ambição; emquanto o mundo se debate no tumultuar desordenado de interesses transitorios: o litterato, o filho da intelligencia, recolhe-se á solidão, concentra todas as suas faculdades, e dedica-se todo ao nobre sacerdocio da verdade.

Ha muita abnegação, muito sacrificio sublime n'esse viver de um homem, que tudo esquecendo, deixa as fascinações das grandezas humanas, e no retiro de seu gabinete interna-se pelas regiões do pensamento, e irradia os reflexos de sua gloria sobre uma nacionalidade inteira.

O mundo raras vezes faz justica á esses seres predestinados, que sacrificam-se pelas idéas, e cujos trabalhos constituem muitas vezes os grandes periodos historicos.

Thierry ressuscita o passado em suas indagações profundas, leva o facho luminoso da verdade ás

trevas que envolvem os tempos primitivos da França. Victima de pesados trabalhos, o lume de seus olhos apaga-se em decifrar os velhos manuscritos; seu corpo enfraquecido pela vigilia, mutilado pelo soffrimento, pende para o tumulo. Mas o sorriso do contentamento pousa-lhe nos labios, porque em seus escriptos perdura a gloria de sua patria.

Mont'Alverne, o génio da tribuna, ergue-se em pé no meio das ruinas do claustro que desaba, e revive um momento nos graves accentos de sua palavra poderosa as glorias da religião de Christo, fanadas no indifferentismo do seculo. Cégo, torturado pelos mais acerbos soffrimentos, elle levanta-se; e do alto dessa tribuna retumbante ainda com os écos de sua voz saudosa lança o ultimo clarão de sua gloria, e traduz em sua eloquencia magestosa um poema ao Christianismo.

O visconde de S. Leopoldo, este nome tão sympathico de nossa historia, percorre brilhantemente o cyclo da carreira publica; mas como apostolo devotado da verdade, vence suas seducções, concentra-se no retiro modesto do sabio, e lega seu nome ás lettras em seus primorosos escriptos.

Exhumemos esse passado illustre; desenterremos das camadas de pó do olvido esses nomes venerandos, que nos revelam que sobre este solo que pisamos, passou outr'ora uma geração mais forte,

cheia de crença, em cujos peitos bulhavam com força os nobres sentimentos do amor patrio.

— José Feliciano Fernandes Pinheiro nasceu em Santos á 9 de Maio de 1774. Foram seus pais o coronel de milicias José Fernandes Martins e sua mulher D. Theresa de Jesus Pinheiro (1).

Ahi na terra de seu berço, sob a direcção illustrada do respeitavel vigario, o Dr. em canones José Xavier de Toledo, fez os primeiros estudos, revelando desde logo um aproveitamento assignalado.

Em 1792, apenas com dezoito annos de idade, seguiu para Coimbra; e no anno de 1798 obteve o gráo de bacharel formado em canones.

Já os primeiros lampejos da gloria brasileira começavam de raiar na treva escura do tempo colonial.

José Bonifacio viajava a Europa; Fr. Velloso engrandecia o dominio das sciencias naturaes; Souza Caldas ressuscitava as glorias do Christianismo em seus versos immortaes. O conde de Linhares, brasileiro distincto, achava-se em Portugal á testa dos negocios publicos.

Nunca colonia alguma apresentára tão grandioso espectaculo!

(1) Sobre a vida do *Visconde de S. Leopoldo* veja-se a Revista do Instituto Historico, tomos 11, pag. 179 á 185, e 19, pag. 132; trabalhos biographicos pelos Srs. Porto-Alegre e Dr. Fernandes Pinheiro

Fernandes Pinheiro associou-se cedo á esse grande movimento intellectual.

A' testa do estabelecimento litterario do Arco do Cégo em Lisboa, achava-se por esse tempo o sabio autor da *Flora Fluminense*, que acabara de conquistar um tão grande nome na historia da botanica.

Fernandes Pinheiro e Antonio Carlos foram admittidos na direcção desse estabelecimento, que tão uteis serviços prestou ás lettras.

Seu tirocinio litterario começou ahi, e o illustre brasileiro fez logo apparecer alguns trabalhos, que testemunharam sua applicação e aptidão para os severos estudos da litteratura (2). Tres annos consumio nesse emprego.

(2) Estes trabalhos foram:

« Cultura americana, que contem uma relação do terreno, clima, producção e agricultura das colonias britannicas no norte da America e nas Indias Occidentaes com as observações sobre as vantagens e desvantagens de se estabelecer n'ellas, em comparação com a Gran Bretanha e Irlanda. Traduzido da lingua ingleza por José Feliciano Fernandes Pinheiro, e publicada por Fr. José Mariano da Conceição Velloso. » Lisboa, 2 vol. in 4.º, 1799.

« Discurso apresentado á Mesa d'Agricultura sobre varios objectos relativos á cultura e melhoramento interno do reino; traduzidos da lingua ingleza pelo Bacharel José Feliciano Fernandes Pinheiro. » Lisboa, in 4.º, 1800.

« Historia nova e completa da America, colligida de diversos autores por José Feliciano Fernandes Pinheiro. » 1 vol. Lisboa, na Officina da Casa Litteraria do Arco do Cégo, 1800; na Impressão Regia. 1807.

Os grandes vultos historicos não apparecem de improviso no theatro da historia. Educam-se primeiro em um tirocinio obscuro, e ahi preparam-se para as grandes peripecias sociaes.

Em Dezembro de 1801 voltou ao Brasil no character de juiz das alfandegas do Rio-Grande e de Santa Catharina, encarregado de crea-las.

Nesses lugares Fernandes Pinheiro desenvolveu sobrada dedicacão e inteireza, iniciando-se com summo proveito na sciencia da administração.

Na qualidade de auditor geral das tropas teve occasião de acompanhar o exercito pacificador, e assim assistio á campanha de 1811 á 1812.

Ahi no theatro da accção testemunhou os factos e as scenas, de que mais tarde se devia constituir historiador.

O primeiro periodo da sua vida estava passado. Uma luz radiante ia romper as trevas, que envolviam sua patria, e apontar um campo mais vasto para sua gloria.

Graves acontecimentos consumaram-se nesse periodo.

Estremecida pelo movimento das idéas liberaes a pesinsula iberica mudára de face. A nacionalidade portugueza sacudira o jugo do aviltamento, que lhe dobrara a cerviz, e proclamara o regimen constitucional com a energia da propaganda revolucionaria.

A repercussão do movimento estendeu-se ao Brasil; e em 1821 a antiga colonia, sob o imperio de uma nova ordem de cousas, teve de eleger seus deputados ás côrtes de Lisboa.

Duas provincias concorreram para dar á Fernandes Pinheiro assento no congresso portuguez: Rio-Grande do Sul e S. Paulo. Optando pela provincia de seu nascimento, o illustre paulista tornou-se o propugnador energico dos interesses do Brasil; e por mais de uma vez testemunhou sua dedicação pela causa sagrada de sua patria.

Mas já o drama grandioso da independencia começava a desenrolar seus largos episodios.

Em Lisboa, onde o retinha seu character de deputado, saudou o brado generoso da liberdade, que se erguia em seu paiz; e depois da proclamação da independencia retirou-se para o Brasil.

Os destinos de sua patria se haviam mudado.

Partira para Portugal como o representante de uma colonia, e voltára como deputado de um grande imperio. Uma revolução portentosa se consumára no espaço de um anno, e de seu seio surgira brilhante a nacionalidade brasileira.

Fernandes Pinheiro tomou assento na Constituinte em 1823 como deputado por S. Paulo, havendo igualmente merecido os suffragios da provincia do Rio-Grande do Sul, onde seu nome deixára recordações profundas.

Estavamos na infancia do systema representativo; mas a fé e a esperança abrigavam-se no coração desses cidadãos honrados, que sobre as ruínas da antiga colonia iam assentar o novo edificio da nacionalidade brasileira.

Em todos os trabalhos dessa assembléa tão rica de grandes illustrações, Fernandes Pinheiro teve uma parte larga e importante. Todos os interesses legitimos do paiz encontraram sempre nelle um representante dedicado.

Dissolvida a constituinte, foi Fernandes Pinheiro por carta imperial de 25 de Novembro de 1823 nomeado presidente da provincia do Rio-Grande, onde servio por espaço de dous annos, assignalando sua administração por medidas de utilidade publica, dictadas por seu patriotismo esclarecido. A primeira typographia que existio na provincia, e a colonia de S. Leopoldo são creações suas.

Em 21 de Novembro de 1825 foi chamado aos conselhos da corôa, e na qualidade de ministro do imperio prestou ao paiz relevantes serviços, creando as academias juridicas, e organisando a academia de bellas-artes. Sua administração foi sempre recta, imparcial e illustrada.

No anno de 1826 foi escolhido senador do imperio pela provincia de S. Paulo, conselheiro d'esta-

do, e agraciado com o titulo de visconde de S. Leopoldo.

Havia attingido os ultimos degráos da carreira publica, guardando sempre um nome puro, uma reputação illibada no meio do tumultuar das paixões, que então agitavam com vehemencia.

O visconde de S. Leopoldo porém não fôra tallhado para as grandes luctas. Seu character era placido e sereno. Espirito pensador, philosopho profundo, dominava os acontecimentos na alta superioridade de sua razão, observava a marcha dos negocios publicos com sua reflexão poderosa: mas não se misturava nas paixões do dia.(3)

Era um cenobita da verdade, que no fundo de seu gabinete, esquecido das grandezas humanas, entregava-se á indagações profundas para engrandecer o horisonte das sciencias.

O primeiro reinado foi um periodo de lutas entre a nação e poder, época de grandes interesses, de grandes paixões.

O visconde de S. Leopoldo porém collocado em

(3) Eis como o Snr. Porto-Alegre descreve o character do Visconde de S. Leopoldo:

« A alma do Visconde era como um espelho polido, onde todos os objectos se reflectiam com serenidade e doçura: era um lago tranquillo acobertado pelo céo risonho do seu ameno e inalteravel character... era uma estatua tranquilla sentada n'um gabinete... a arte havia limado estheticamente todas as fórmãs da sua postura. » (Elogio dos socios fallecidos do Instituto Historico; Revista, 11, 183).

uma elevada posição social, esqueceu tudo, trocou a farda de ministro pela mesa de trabalho do litterato, e deixou as agitações da politica pelo viver singelo do homem da sciencia.

Livre das preocupações ardentes da politica, sua intelligencia vigorosa pôde applicar-se desassombrada aos severos estudos do gabinete; e os seus primeiros trabalhos vieram engrandecer a litteratura nacional.

Foi uma vida toda de abnegações e trabalhos essa, que passou o visconde de S. Leopoldo, depois que retirou-se da politica.

Na cidade de Porto-Alegre fixou sua residencia para entregar-se todo ao culto das lettras.

Em 1837 o serviço da patria veio arranca-lo da placidez de seu retiro. O governo querendo aproveitar em beneficio do paiz seus vastos conhecimentos, o nomeou em 25 de Outubro desse anno presidente da commissão encarregada de averiguar os limites naturaes do Brasil. Em desempenho dessa honrosa tarefa o visconde de S. Leopoldo escreveu uma luminosa memoria historica, que póde-se olhar como a ultima palavra desta questão.

Em 1838 fazendo uma viagem a Santos, alli escreveu as biographias de Alexandre de Gusmão e Bartholomeo Lourenço de Gusmão, modelo de

investigação histórica e trabalho de profundo critério.

Ainda em 1838 concorreu com o conego Januario da Cunha Barbosa e o marechal Raymundo José da Cunha Mattos para a fundação do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro do qual, em justa homenagem ao merito, foi eleito primeiro presidente perpetuo. No seio do Instituto todos contemplavam com prazer essa fronte severa irradiada pelos reflexos da sciencia. O nome do distincto litterato está inscripto na primeira pagina do maior monumento litterario do Brasil.

As gloriosas tradições dessa associação durante um largo periodo, symbolisam-se nesse nome.

Esse grande vulto não podia passar despercebido entre os sabios europeos, muitas sociedades litterarias de velho mundo concorreram em chama-lo para seu gremio. (4)

Essa vida tão cançada de fecundos trabalhos tocara seu termo. No dia 6 de Julho de 1847, falleceu o visconde de S. Leopoldo na cidade de Porto-Alegre com setenta e tres annos de idade.

(4) O Visconde de S. Leopoldo era membro das seguintes sociedades litterarias: Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, Academia Real das Sciencias de Lisboa, Real Academia dos Amigos Naturalistas de Berlim, Sociedade de Agricultura de Carlsruhe, Sociedade Philomatica de Paris, Sociedade Ethnologica de Paris, etc.

Muitos e importantes trabalhos legou-nos o visconde de S. Leopoldo sobre a historia do Brasil (5). Todos elles distinguem-se pela profunda investigação dos factos, por um criterio esclarecido e illustrada imparcialidade em sua apreciação.

O estylo é facil, correcto e elegante; a narração desenvolvida com a maior lucidez em uma linguagem do mais puro atticismo.

O visconde de S. Leopoldo é um dos escriptores mais notaveis da litteratura brasileira. Longe de prender-se na exposição descarnada dos acontecimentos, o autor, com uma sobriedade inimitavel, discute, moralisa os factos, e cinge á um tempo em sua frente os louros de historiador e publicista.

(5) As obras do Visconde de S. Leopoldo são as seguintes:

« Annaes da capitania de S. Pedro por José Feliciano Fernandes Pinheiro, tomo 1.º, Rio de Janeiro, 1822. Segunda edição correcta e augmentada, Paris, 1839.

« Quaes são os limites naturaes, pactuados e necessarios do Imperio do Brasil. » Memoria historica lida na sessão do Instituto de 16 de Fevereiro de 1839.

« Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão, e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, com importantes notas historicas. Estes dous trabalhos foram publicados em 1839 pelo Instituto Historico sob o titulo de: « Memorias do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. » 1 vol. in 4.º de 117 pags.

« O Instituto Historico e Geographico Brasileiro é o representante das idéas de illustração, que em differentes epochas se manifestaram em o nosso continente. » Memoria historica publicada no Revista do Instituto, tomo 1.º, pag. 65 (da 1.ª edição).

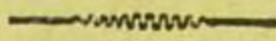
Ha em seus escriptos alguma cousa de seductor, uma singeleza de estylo, que faz-nos amar a verdade e honrar a virtude. O visconde de S. Leopoldo possue todos os dotes de um perfeito historiador: suas obras o attestam. Perante as gerações futuras seu nome symbolisarará sempre um dos mais notaveis periodos litterarios do Brasil.

Collocado no fastigio das altas posições sociaes, o visconde de S. Leopoldo identificou-se com os destinos de uma litteratura nascente, que vive de sacrificios e abnegações como outr'ora os martyres da religião no seio do deserto.

Em vez de exgotar seus dias na esterilidade, allumiou sua gloria ao sol da intelligencia, e com as inspirações do patriotismo escreveu uma nova época nos annaes de nossas letras.

Hoje que o dia da posteridade raiou sobre seu tumulo, podemos, acompanhando as benções de uma geração inteira, proclamar o visconde de S. Leopoldo o venerando patriarcha da litteratura brasileira!

INDICE.

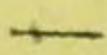


1.º VOLUME.

Introduccão	Pag.	3
José Bonifacio.	»	5
Martim Francisco	»	59
Antonio Carlos	»	83
Padre Feijó.	»	108
Marquez de Maricá.	»	127

2.º VOLUME.

Paula e Souza.	»	3
Alvares Machado	»	27
B. P. de Yasconcellos	»	45
Evaristo F. da Veiga	»	65
Visconde de S. Leopoldo	»	77



ERRATAS

AO TOMO 1.º DOS ESEÇOS BIOGRAPHICOS.

<i>Pag.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
x 5	leito	luto
x 10	415	515
x 12	minas em Freiberg	minas de Freiberg
x »	Galha	Salha
x »	tornavam	tornaram
x 13	Limeana	Linneanna
x 14	ellas	elle
x »	Napier	Napion
x 16	de novos, em...	de novos bosques, em
x »	1.ª pag. 140	1.ª parte, pag. 140
x »	Chaeim	Ghacim
x »	Veutozello	Ventozello
x 17	Jara Ordanhas	Lara Ordonhes
x 18	d'esse	á esse
x 19	pendão	periodo
x 23	appareceram	apparecem
x 29	momento	movimento
x 30	assistir	resistir
x »	extensa	extrema
x 31	eleição	edição
x 34	tomo 2.º	tomo 1.º
x 35	Julho	Janho
x »	ot	to
x 36	seriamente	sabidamente
x 41	e	é
x 44	instante	nutante
x 53	O monarcha quasi	O monarcha achava-se quasi
x 55	para a	pela
x 56	credor	creador

<i>Pag.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
× 59	no	em
× 61	, em 1775,	Suprima-se.
× »	Barbosa	Barbara
× 69	242	244
× 72	Sessão de Maio	Sessão de 12 de Maio
× 77	1839	1838
× 85	Barbosa	Barbara
× 89	character	character brasileiro.
× 90	notadas	notaveis
× 96	patriota	patriotismo
× 100	1814	1834
× 104	faccão	fraccão
× »	companhia	campainha
× 112	1823	1828
× 127	as armas	os annaes
× 128	IX	IXX

E outros erros de menor importancia, que a intelligencia do leitor supprirá.

PROSPECTO

DA

BIBLIOTHECA BRASILEIRA



Este titulo significa uma empreza e uma bandeira. Os que a iniciam teem fé no resultado de seus exforços, porque não é uma especulação torpe o que os move.

A civilisação do mundo, o progresso das nações, não tem só exigencias materiaes. A industria, que é o nervo das sociedades humanas, não significa só a manipulação da materia destinada á satisfação dos sentidos. O pão para o espirito é tão necessario como o alimento para o corpo e a intelligencia que é uma força productiva e a origem da verdadeira propriedade immaterial, tem tambem a missão de concorrer para a satisfação das faculdades e dos instinctos moraes da sociedade.

A nossa idéa póde ser fecunda ou esteril conforme o apoio que nos liberalise ou nos recuse o paiz. Ella póde ser embaraçada, porém nunca vencida,

porque é uma idéa de progresso, um principio civilizador, uma força moral.

Em poucas palavras eis o que queremos e o que empreehndemos.

Baratear as publicações e derramar a leitura de obras uteis é facilitar a instrucção e accrescentar o cabedal intellectual de um paiz. E' o que pretendemos e nessa pretensão envolve-se uma vantagem para a nossa terra, a criação de mais uma industria poderosa, a disseminação das luzes, uma justa bem que tenue remuneração aos obreiros da intelligencia. Em resumo vamos abrir um novo mercado a uma mercadoria rara em nossa patria e porisso mesmo tão escassa e tão cara.

O titulo deste programma basta para dar idéa da empreza. E' uma tentativa generosa, mas de reciproca utilidade. Desejamos provocar no publico o amor de leituras mais uteis e mais substanciaes do que as offerecidas pelos artigos ephemeros dos jornaes politicos, mais puras e honestas do que as *publicações a pedido* que são a base e o escandalo das nossas grandes folhas ; mais efficazes do que os annuncios de leilões e de escravos a alugar.

O livro não é conhecido, nem procurado, nem apreciado entre nós, pela massa geral da população. D'ahi vem que a ignorancia é tambem mais vasta. E é o livro que nós queremos recommendar á meditação e ao apreço dos nossos concidadãos.

Dando alento á nossa entibiada litteratura patria, offerecendo á leitura do maior numero obras sãs, mais reflectidas, mais uteis, de alcance immediato ao melhoramento da condição moral do nosso paiz, ao cultivo de seu espirito, desejamos reunir em um centro os raios disseminados de tantas brilhantes intelligencias que só necessitam reunir-se em um foco para derramarem sobre o paiz uma luz mais viva e resplandecente. Vai nisso a honra e a gloria do Brasil.

Portugal passa por ser e justamente a mais fraca nação do continente europeu. Os seus recursos materiaes são poucos para poderem hoje desenvolver a defeza do seu poder. Uma nação mais rica e mais forte tem os meios de lhe impôr um vexame e de exercer para com ella o despotismo da força. Pois bem; Portugal diante de uma crise que ameaça a sua integridade e o seu decoro não morre nem se abate. A humilhação não a faz vergar. O seu direito resigna-se diante da prepotencia. O seu mingado cofre fornece o cabedal necessario para cobrir as exigencias da usura. Mas a sua honra, o seu decoro como nação ficam illesos; porque lá ha patriotismo e espirito publico, porque lá ha uma força immaterial que póde mais do que o canhão, que enthusiasma ainda mais do que o apparatus de um grande exercito, uma força invisivel, impalpavel que defende a integridade moral do paiz, que

desforra seus brios diante do mundo das consciências e salva do desdouro o credito de uma nação perpetuando a injustiça do aggressor gratuito e desarrasoado.

Essa força é a intelligencia em todas as suas manifestações : no artigo do jornal, nas paginas do romance, nas scenas do drama, nas melodias do verso que é applaudido, decorado, apreciado em todos sentidos e que servem simultaneamente de orgulho e desaggravo á offendida honra do paiz.

Já se vê que a litteratura não é inutil nem estéril. A par do passatempo honesto e ameno vai uma idéa civilisadora inocular-se no espirito do povo. Ella serve de meio e de fim.

O Brasil não póde dispensar o concurso desse poderoso elemento. Para a politica, para o commercio, para as industrias materiaes, ha campo vasto, amplos scenarios.

Para a modesta profissão das bellas-artes e das letras é que ainda não se abriu espaço. Póde contar-se pelos abatimentos os generosos exforços que se tem tentado em seu beneficio. E hoje que a favor da sua propria força propulsora, ella começa de abrir-se um horisonte menos limitado, fôra ignominia reciproca, não se commetter nem se amparar tentativas que propendam a alargar-lhe a esphera.

Para este resultado é que carecemos do auxilio de todos.

Sob o titulo de *Bibliotheca Brasileira* emprendemos a publicação regular de um volume em cada mez. Historia, philosophia, viagens, litteratura, sciencias praticas, tudo se abrange na esphera da *Bibliotheca Brasileira*. Esforçar-nos-hemos, sobretudo, por facilitar a publicação de trabalhos nacionaes ignorados porque a carestia da impressão, a indifferença publica e a pobreza congenera á classe dos escriptores impedem-nos de se darem á luz.

A publicação se fará regularmente em cada mez e as condições pecuniarias exigidas pela empreza nos parecem razoaveis e faceis.

A assignatura de 12^{rs} annuos ou subdivididos em semestres e trimestres, conforme as localidades e a facilidade da cobrança, dá direito á propriedade de doze volumes durante o anno, que pelo cuidado da fórma constituirão quatro volumes de formato regular e commodo.

A barateza do preço, a modicidade da contribuição nos parecem patentes. Ha nisso um interesse e um incentivo. Talvez dentre todos os productos de consummo publico entre nós, é o livro o mais caro. Os direitos percebidos sobre os livros estrangeiros, sobre os typos e machinas typographicas, sobre o papel, sobre a tinta; a escassez da

materia prima e a carestia da mão d'obra pela elevação dos salarios concorrem para tornar essa mercadoria de difficil e penosa demanda.

A gente pobre de nosso paiz não póde lêr, e effectiva e desgraçadamente não lê nem os jornaes. Um livro regular por dez tostões é uma raridade em nosso mercado intellectual.

E este estado de cousas não deve ter um paradeiro? De certo que sim. É o que tentamos.

Para isto precisamos e pedimos o auxilio do publico e dos homens que teem nome feito e que são reputados por sua jerarchia social.

Não nos dispensaremos tambem de reccorrer aos poderes publicos para reclamar certas facilidades que nos parecem menos um favor do que um acto de justiça.

O sello sobre as publicações litterarias é um anachronismo no seculo em que vivemos, e um tributo feudal imposto ao povo que deseja instruir-se. Havemos de reclamar esse serviço com todo o respeito, mas tambem com toda a energia que sabe inspirar a convicção de uma boa idéa e de uma crença pura.

Que mais nos resta! Appellar para o patriotismo e para o concurso de nossos concidadãos, esperando sobretudo que os nossos irmãos de letras de todas as provincias se ponham em com-

municacão com nosco para o fim de vulgarisar os seus escriptos e estreitar os laços de nossa fraternidade.

Q. BOCAYUVA.

Rio de Janeiro, 1º de Março de 1862.

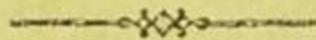
OBRAS JA' PUBLICADAS

Lyrica Nacional 1 vol.

Esboços biographicos por Homem de Mello. 2 vols.

As minas de prata (romance original brasileiro em 3 vols. por J. de Al.

Por ora só está publicado o 1º volume. O segundo está no prelo e o terceiro sahirá brevemente.



A PUBLICAR

As minas de prata, romance em continuação por J. de Al.

Obras completas do Dr. Manoel Antonio d'Almeida.

Os protestantes do Brasil, romance por A. D. de Pascoal.

Poesias do Dr. Bernardo J. da Silva Guimarães.

Child-Harold de Byron, traducção em verso pelo Dr. F. Octaviano.

Retratos litterarios pelo Dr. Henrique Cesar Muzzio.

De ladrão a barão, drama em 4 actos por F. M. Alvares de Araujo.

Um casamento da epocha, drama em 5 actos por Constantino do Amaral Tavares.

Estudos Economicos por Guilherme Candido Bellegarde.

Omphalia, drama em 7 quadros por Q. Bocayuva.

Legendas democraticas do Brasil por Q. Bocayuva.

O estudante de Salamanca poema hespanhol traduzido em verso por Q. Bocayuva.

A familia drama em 5 actos por Q. Bocayuva.

Documentos notaveis para a historia nacional colligidos por.....